



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

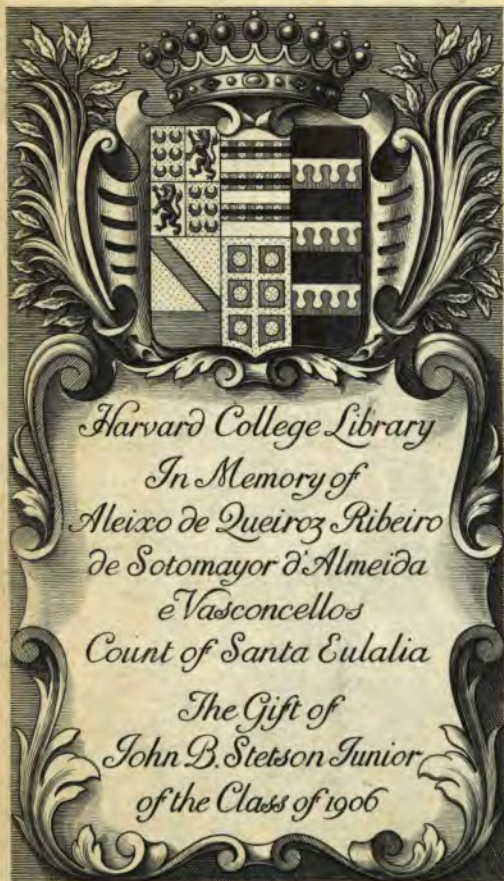
- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

Port
5965
81
35
(2
1866)

Port
5965
81.35



Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906





1354

2

O JUDEU

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Cancellia Velha, 62

—
1866

O JUDEU

ROMANCE HISTORICO

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

2.º VOLUME



PORTO
EM CASA DE VIUVA MORÉ — EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO

—
1866

✓
Port 5965.81.35

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

5

O JUDEU

PARTE TERCEIRA

CAPITULO I

Concluiu formatura em canones Antonio José da Silva por 1726. Seu pae, o eminente juriscoonsulto João Mendes da Silva, contava setenta annos feitos, e vergava ao peso da idade e da muita e principal clientela que grangeara com o seu talento juridico e sua estremada honradez. Chamou, por isso, o filho a coadjuvante para, mais tarde, o ficar substituindo.

Forçando o engulho e repugnancia que os autos

lhe faziam, o recente bacharel abantou no escriptorio de seu pae, coagindo o espirito inquieto a prestar attenção ás enfadosas exposições consultivas, e ás aridas respostas do velho, que era um poço nas Institutas de Justiniano e Decretaes.

As tres horas, que Antonio José sacrificava de cada dia á pratica forense, eram-lhe remuneradas com a plena liberdade das outras. O uso, que elle fazia do seu tempo, com quanto desagradasse ao pae, não lhe era contrariado. Escrevia comedias, vestia de melhor linguagem umas que tinha urdido no mais verde dos annos, e architectava outras para refazer mais tarde. Propensão aprazivel para estudos tinha uma só: era o theatro, não já modelado pela escola franceza, que então dava ao mundo policiado as regras dramaticas; mas acostado algum tanto á feição comica de Gil Vicente, com as inverosimeis peripicias de Lopo de Vega e dos filiados á grande e ainda vividoura escola castelhana. Ponderar e des-criminar a indole litteraria de Antonio José, cognominado «o judeu» seria impertinencia n'esta narrativa, onde raro leitor antepõe o lucro da instrucção ao deleite da curiosidade.

A seu tempo, farei conhecidos, de relance, alguns passos da breve carreira litteraria do filho de Lourença Coutinho. Então julgará o leitor do merecimento d'elle, sem que o ensinem a destrinçar sistemas, escolas, methodos, e centenares de subtilezas

impropias d'este escripto, e aliás importantes a quem estuda e de mui lustroso tracto para quem as professa competentemente.

É já sabido que o mais familiar amigo de Antonio José da Silva era, desde os alvares da mocidade, Francisco Xavier de Oliveira, o filho da dilecta amiga de Lourença Coutinho.

Silva tinha vinte e um annos quando se formou, e Oliveira corria então nos dezenove.

O bacharel ficou maravilhado, quando de volta de Coimbra, encontrou o seu amigo, não mais demoralizado que os mancebos da sua geração, mas muitissimo mais desempoado que todos, em materias de crença religiosa. Era muito n'este espanto o caso de ter sido Francisco Xavier educado pelo devotissimo fr. Francisco do Menino Jesus, tio d'elle, e muito a miudo confessado com o oratoriano Ignacio Ferreira, e com o conego de Santo Agostinho padre Lourenço Justiniano, como Lourença Coutinho referia n'uma das cartas a Sára, escriptas treze annos antes.

Desde os dezeseis annos, o filho do contador-mór José de Oliveira revelou imperiosa vocação para a vida dissoluta; sem embargo, a piedade, os accessos de fervor christão, entremettiam-se nas extravagancias do rapaz. Ainda então Francisco Xavier se confessava todos os mezes, aproveitava quantos jubileus a magnanima Santa Sé proporcionava á salvação das almas, e não consentia a Antonio José a mini-

na galhofa das cousas venerabundas da igreja catholica-apostolica-romana.

N'esse tempo ainda, época de seu primeiro namoro, deu elle um irrefragavel testemunho de crendeira piedade. Contava elle, cincoenta annos depois, que tinha, n'aquelle tempo juvenil, um oratorio com umas vinte imagens de Santos de sua particular estima. Entre todos, os mais rogados e importunados eram Santo Antonio e S. Gonçalo d'Amarante. Uma vez, lhes pediu que tocassem o coração d'uma belleza rebelde. «Os dous Santos, diz elle, provavelmente occupados em negocio de mais importancia, não fizeram caso dos meus requerimentos. Despeitado com o menospreço, atei-os um ao outro, e pul-os fóra do santuario, desterrando-os para debaixo da minha cama. Como, porém, os não sensibilisasse com o mau tractamento, visto que a minha deidade continuava em seus rigores, condemnei-os a descerem ao poço; e logo os fui baixando, com ameaças de afogal-os, se me não fizessem o favor. Aconteceu então que a moça me respondeu a muitas cartas, que lhe eu tinha escripto, e assim salvou as duas imagens do naufragio; e eu acreditei que devia aos dous Santos a minha fortuna.» ¹

¹ O extracto é da obra de Francisco Xavier de Oliveira já muitas vezes citada: *Amusement périodique*. O mais que se fór dizendo respeito á vida particular de Oliveira e seus contemporaneos, ainda que se não demarque o lugar em que a noticia foi colhida, tenha o leitor a certeza que é quasi sempre exacta cópia do que refere aquella obra.

Outro signal de sua razoavel piedade: Francisco Xavier embarcou n'um bote para ir á Pevoa, cinco leguas distante de Lisboa, á margem do Tejo. Surprehendeu-o uma borrasca, defronte de Sacavem. O barco estava já em apuros de mostrar a quilha. Francisco ajoelha e invoca a milagrosa Senhora da Penha. Quebra o vento, e consegue o barco abicar a terra. Assim que chegou a Lisboa, o moço foi á Penha de França com toda a parentela agradecer á Senhora o milagre. Fez dizer muitas missas em acção de graças. Deu dinheiro aos frades da casa, e pendurou um painel que representava o successo. « Este painel, — diz elle, e nós trasladamos as palavras do devoto para que algum curioso possa ainda vêr na capella da Senhora da Penha o ex-voto do cavalheiro d'Oliveira — este painel foi pendurado no muro da igreja, e creio que ainda lá estará. » ¹

Estes e outros casos abonavam o espanto de Antonio José da Silva, quando, na volta de Coimbra, lhe perguntava :

— Que é feito da tua fé, meu Francisco ?

— Pergunta-me antes o que fez a minha razão, alumiada pelo estudo — respondia Francisco Xavier.

— Pois que te disse a tua razão a respeito d'aquelle painel que eu te vi levar á igreja da Penha? Lembras-te que me chamaste impio porque eu me ri do caso? . . . Como foi que a tua razão te fallou ?

¹ Escrevia em 1751.

— Disse-me que os christãos imitavam os idolatras n'estes votos de paineis e quejandas offerendas. É a mesma historia do templo d'Apollo na ilha de Naxos, erigido por Jason, depois que os argonautas se salvaram d'uma tempestade, ao recolherem-se de Colchos. É a mesma usança dos ex-votos no templo de Hierapolis, o mais milagroso dos deuses syriacos. É a mesma necidade dos enfermos curados que penduravam paineis no templo de Esculapio. Já Horacio fallou d'esta costumeira, como sabes da ode 5.^a :

... *Me tabula sacer*
Votiva paries indicat humida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris Deo. ¹

Tibullo tambem costumava, como eu, recorrer á Deusa em cujo templo se penduravam paineis. ²

— Sabes tu — continuou o moço Oliveira — o que respondeu o philosopho Diágoras a um sujeito ?

— Nada, não sei.

— O sujeito, apontando-lhe para muitos paineis de naufragios, á imitação do meu, disse-lhe : « Pre-

¹ *A sagrada parede de que pende o meu votado painel, testemunha que eu allí pendurei as minhas vestes humidas, em honra do possante Deus do mar.*

² *Nunc Dea, nunc succurre mihi, nam posse mederi*
Picta docet Templis multa tabella tuis.

Eleg. III, liv. 1.

sumes que os deuses não fazem caso dos negócios da humanidade. Ora não vês tu este grande numero de paineis, provando que tanta gente se salvou de naufragar, em virtude dos votos feitos aos deuses? » — Sim, respondeu Diágoras, vejo isso; mas também vejo que os afogados não se fizeram pintar.

— Mas... — redarguiu o bacharel Silva — a que se deve a transformação moral em que te encontro? Quando começaram as tuas duvidas sobre a fé cega de teu tio fr. Francisco do Menino Jesus?

— Eu te conto. Um dia fui de peregrinação a Nossa Senhora do Cabo com o padre Antonio Gomes, e com o doutor José Antunes Cardoso. O padre gostava igualmente do bom e do mau vinho; porém, um vinho, que lá lhe deram para dizer a missa, era tão mau, que o padre, quando estava a desparamentar-se na sacristia, soltou estas coléricas palavras: « O vinho do calix tinha um sabor de todos os diabos! Meus amigos, recommendo-vos que não bebaes vinho ao jantar, a não vos darem algum que não seja d'aquelle que eu consagrei. » Aqui tens tu como e quando principiaram as minhas duvidas sobre o dogma da transubstanciação. Parece incrível que tão pouco ar levantasse tamanha tempestade no meu espirito! Entrei a pensar como aquelle vinho, que era vinagre, se transformára em sangue de Christo! Confessei-me d'isto, porque me atormentavam os escrupulos. Os confessores, todos á uma, me dis-

seram que o demónio entrara em tentação comigo. Quando communhava, assaltava-me a suspeita de que eu engolia um bocado de obreia! Depois, quando fechava as cartas, punha-me a olhar para as obreias, e a dizer: « Quanto vos lamento, minhas pobres obreias! Um padre transformar-vos-hia em Deus, e vos tornaria objectos de adoração universal; ao passo que eu vos molho de saliva, e vos obrigo a fechar cartas! Sois todas da mesma especie e da mesma farinha; porém, o vosso destino varia até ao infinito! . . . etc. » D'estes desalentos, d'este horrivel descer, ainda eu pude algum tempo arrancar a minha alma, e submittê-la ás consolações reanimadoras dos padres que me ouviam e combatiam as duvidas. Lia Mallebranche, que terminantemente me dizia: *É preciso crer no dogma da transubstanciação, sem tentar entendel-o.* E eu lia muito Mallebranche para cada vez entender menos o dogma e o author. Enfim, meu caro Antonio José, para te não enfadar mais, basta dizer-te que, perdida a fé n'um dogma, perdi-a em todos. Depois, vieram aquelles terriveis combates com a hypocrisia, em que sahi mortalmente ferido no coração. A morte de Catharina. . . bem te lembras. . . ha annos. . .

O leitor precisa saber que morte foi esta de Catharina. Será propriamente Francisco Xavier de Oliveira quem lh'a refira: « O conde de Povalide e mais dous familiares do santo officio quasi me arran-

casava dos braços uma amante que eu amava em extrema. Era uma rapariga de vinte annos, mais sympathica do que bella, e tão espirituesa quanto bem feita. Era uma christã papista, exaggerada em suas devoções como eu o tinha sido. Ia á missa, ao confessionario e á communhão; orava á Virgem e aos Santos; e as almas do purgatorio eram as suas advogadas predilectas. Comia de tudo, gostava de presunto, e muito de chouriças de porco. Numa palavra, a moça guardava o domingo, nunca abria a Biblia; e bem longe de saber o que era *sabbath* e judeus, ignorava que tivesse existido n'este mundo um Moisés. Como havia de saber Catharina que Moisés legislára? Ora, tudo isto, junto ao amor que eu lhe tinha, fez que eu despropositasse em brados contra semelhante prisão. Impozeram-me silencio, e os meus amigos tractaram de me vexar por me verem apaixonado por uma judia encarcerada no santo officio. Dezoito mezes depois, fez-se auto da fé em que a rapariga devia apparecer, e ouvir lér sua sentença publicamente. Claro é que não faltei ao concurso. Qual foi, porém, meu espanto, quando ouvi a presa confessar que tinha guardado inviolavelmente o *sabbath*, que não havia comido carne de porco, e que se abstinha de certas comidas, que eu lhe vira comer um milhão de vezes com furioso appetite! A minha surpresa redobrou ao ouvir lér a sentença, que a mandava queimar, porque tinha sido *diminu-*

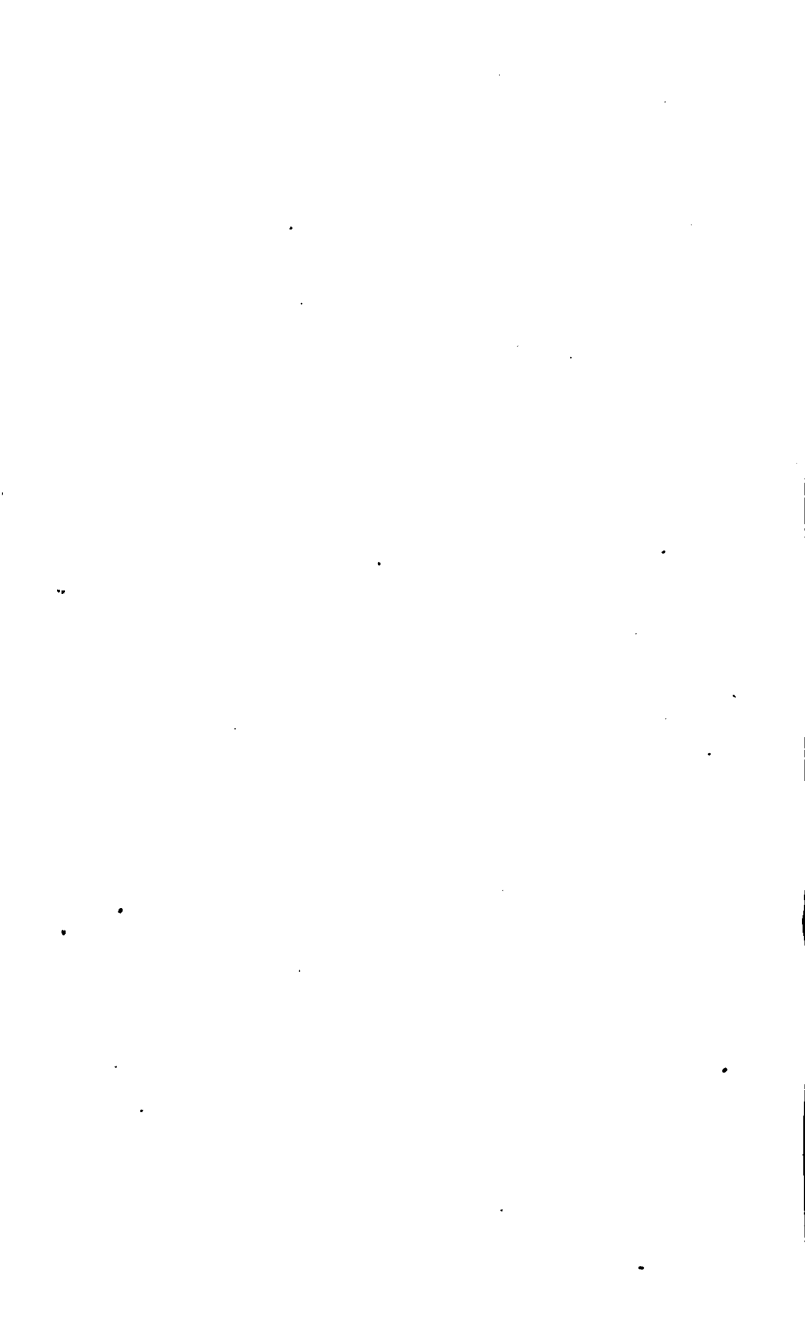
ta na confissão, quer dizer, que não tinha podido achar ou adivinhar os nomes das falsas testemunhas que depozeram contra ella!... Às dez horas da noite, como a condemnada fosse entregue ao braço secular, conduziram-na á Relação, cujos ministros até hoje usaram sempre a covardia de confirmar cegamente as sentenças todas da inquisição, sem que peçam ou revejam os processos dos condemnados. Como aqui me era permittido fallar á desgraçada, perguntei-lhe como podéra ella mentir tanto para provavelmente salvar a vida, e se deixava morrer por não querer denunciar os cúmplices, ou antes os accusadores. Respondeu-me: « Sendo os meus accusadores falsas testemunhas, que eu nunca vi talvez, era-me impossivel nomeal-os. Deus me é testemunha de que morro innocente; tu melhor que ninguém sabes que eu sou christã, e todo o mundo o ficará sabendo pelo formal desmentido que dou agora a tudo que confessei na inquisição, a respeito do meu judaismo, protestando diante d'este juiz que já mais professei fé que não fosse a de Jesus Christo, na sua santa religião quero morrer.

« Pouco depois, entraram os ministros a interrogal-a. Publicamente sustentou que morria na lei de Jesus Christo, nem soubera nunca da existencia d'outra. Esta confissão não a salvava de morrer, e assás o sabia ella. Não obstante, insistiu n'este sentimento até ao derradeiro momento de sua vida, que lhe foi

tirada da meia noite para uma hora, sendo estrangulada por mão do carrasco, e logo lhe levaram o cadaver para ser queimado no local em Lisboa destinado a semelhantes execuções. »

Continua o cavalheiro de Oliveira, com a serenidade dolorosa em que a desgraça de longos annos lhe tinha congelado o coração:

« Bem que eu n'aquelle tempo respeitasse o tribunal da inquisição, nem por isso deixei de me expôr a toda a ferocidade de seus ministros, bradando altamente contra a barbaridade do seu proceder. Sejam-me testemunhas dous inquisidores ainda vivos, os snrs. Silva e Gomes, a quem eu fiz severas censuras, e os quaes, como bons amigos, me aconselharam silencio, figurando-me o perigo a que a minha imprudencia me expunha. Segui o conselho acompanhado das ameaças d'aquelles senhores. Calei meus queixumes; todavia, os meus amigos sabem que, desde aquelle dia, formei pessima opinião do processar d'este maldito santo officio. »



CAPITULO II

— Outra cousa ! — perguntou Antonio José —
Tu eras sebastianista, ha um anno. Esperas ainda o rei ?

— Não me falles n'isso, que é a minha grande vergonha ! Imaginas tu que amizades perdi de parentes, e graves amigos que endeusavam o meu talento, e lhe queimavam incensos no altar do Bandarra ? Minha mãe ainda hoje chora, quando se lembra que eu já não sou sebastianista ! E eu choro, quando me lembro que me deixei seduzir por aquelle soez franciscano Vicente Duarte, cujas historias tua mãe ouvia com uma fingida dôr de dentes para que lhe não vissem o impio riso !

— Então agora em que crês ? — perguntou o hebreu.

— Na vinda do Messias, de certo não—respondeu com chocarreiro riso Francisco Xavier — E tu esperas?

— Espero que não venha confundir-se com os patifes d'este globo; mas que elle não veio é certo.

— D'accordo comtigo. Não veio, com o nome que lhe deram. Já tinha vindo, e chamava-se Socrates; tornou a vir, e chamou-se Lutherô.

— Estás protestante?

— Sim! protesto contra todos os embusteiros e hypocritas; protesto, em nome de Deus, contra todos os que lhe infamam o nome.

— Isso é justo. E d'amores, como te corre a vida? quem amas? Dura ainda o reinado da Joanna Victorina? A cigana de certo deslumbrou a memoria da pobre estrangulada da inquisição, e d'aquella Antonia Clara. . . ¹

¹ Os amores d'Antonia Clara devem ser contados por elle:

« D. Antonio Manoel, irmão do conde de Villa-Flôr possuiu, tres annos completos, a encantadora Antonia. Um transporte de ciume indispol-os a ponto de ser despedida a formosa manceba por D. Antonio. Cahiu-me em sorte; e, posto que D. Antonio se arrependesse de a ter assim tractado, o mal já não tinha remedio. Antoninha não quiz mais ouvir fallar d'elle, e elle não ousava nem podia reclamar um bem, cujo legitimo possuidor eu era, porque lh'a não tirei por força ou velhacaria.

« Antonia, como fosse um dia confessar-se ao cura da sua freguezia, o confessor propoz-lhe que me abandonasse, e consentisse em fazer as pazes com D. Antonio. A moça extremamente magoada com tal conselho no confessorario, negou-se a acceital-o, e de volta revelou-me tudo. Custou-me a crê-la, porque o confessor era pessoa muito de meu conheci-

— A Joanna é fatal ! — disse Oliveira — Fatal como todas as da sua tribu: Traz-me o coração de baixo dos pés. É a mais vergonhosa e mais doce escravidão da minha vida. Minha mãe chora muito por mim ; porém as lagrimas que eu tenho chorado pela

mento . Além de que suspeitei que Antonia me estava encarecendo os favores, querendo mostrar-me que por amor de mim desprezava um piegas suspiroso da estofa e meritos de D. Antonio. Sem embargo, como eu sabia que este homem era particular amigo do cura dos Anjos, quiz convencer-me da verdade da solicitação que a moça com juramento me certificava. N'este proposito, mandei-a, passados dias, procurar o padre, e dizer-lhe, que estando de mal commigo, e reflectindo no que lhe convinha, resolvera aceitar o seu conselho, e voltar para D. Antonio ; e por isso pedia ao cura que fosse a casa d'ella ao outro dia entre dez e onze horas da manhã, asseverando-lhe que eu, a tal hora, estava no tribunal **. O pobre cura cahiu na esparrela, chegou á hora combinada, e declarou a Antoninha qual era a força da paixão que D. Antonio por ella conservava, acrescentando que ninguem melhor do que elle a merecia, e d'alli se ia logo a levar-lhe a boa e inesperada nova.

N'isto, sahi eu d'um escondrijo, e disse-lhe que para ir mais depressa, saltasse pela janella, o infame recoveiro ! Um raio, se cahisse sobre o padre, de certo o mataria; mas atarantal-o tanto como elle ficou de certo não. Ajoelhou-se-me aos pés, pedindo-me em nome de Jesus Christo e de sua Santissima Mãe que lhe perdoasse o ultrage e desgosto que me elle queria dar. Eu estava iradissimo, e resolvera castigal-o deveras, porque estava em minha mão perdê-lo. Não obstante, deixei-o ; e d'isso me não arrependo. Quatro annos depois fez-me uma grosseria na sua igreja, offendeu-me, e deu aso a que eu contasse o caso a dous amigos d'elle: logo que o soube, tractou de reconciliar-se commigo. Desprezei-o então, e ainda o desprezo se está vivo, muito mais por sua ingratição que por os seus outros desregramentos.»

Amusement périodique— 2.º vol. pag. 389 e seguintes.

* *Era o cura da parochia de Nossa Senhora dos Anjos de Lisboa, situada na estrada de Arroyos.*

** *Eu servia então o rei no tribunal de contas, do qual meu pae era contador ou conselheiro.*

cigana . . . são incomparavelmente mais. Enche-me o peito de brazas a maldita com os ciúmes que me faz !

— Olha lá . . . — atalhou Antonio José — Como foi aquella passagem de expulsares o diabo do corpo da mãe d'ella ?... Fallaram-me n'isso em Coimbra... Crês, ao menos, que o diabo entra nos corpos ?

— Entra, e sabe facilmente pelo processo que eu empreguei na mãe de Joanna. Ah! vai a receita. Corria como cousa averiguada que a velha estava incubada de demonio. Os tregeitos e destempêros, que ella fazia em casa, eram pavorosos. Não me deixava parar meia hora socegado com a filha. De repente, começava a escumar, a rolar os olhos, a ranger com os dentes, e a caretear visagens de tamanho horror, que se me arrepiavam os cabellos. Os criados andavam de dia e de noite a chamar confessores e exorcistas. Entrei a suspeitar que a envergumena era uma perversissima impostora. Entendi-me com a filha, communiquei-lhe as mesmas desconfianças, e ella concordou. « Havemos de cural-a » disse eu a Joanna. Vespera de natal, entra o tal demonio com ella por volta de onze horas da noite. Escabujava nos braços da filha, dava pontapés de derrear um elephante, colleava-se como serpente e pinchava como uma cegonha no sobrado. Depois cahiu em lethargia apparentemente mortal. Eu já me tinha preparado para a cura. Levava commigo dous tijolos que mandei aquecer até os abraçar, e depois

ordenei a Joanna que os achegasse ás solas dos pés da mãe, os quaes estavam nus e fóra do leito, onde eu a mandara pôr. Parece que o demonio d'ella estava áleria; porque assim que eu fallei em tijolos quentes, recobrou os sentidos de golpe, sentou-se na cama, chamou-me barbaro algoz, e disse contra a filha insolencias diabolicas. O certo é, amigo Antonio, que a velha nunca mais foi vexada de diabo nenhum, e passa regularmente. Aqui tens como foi.

— E com a Joanna, como te vaes dando?

— Já te disse: sempre traspassado das agulhas do ciúme. Agora, está ahí em Lisboa um castelhano que me dá que fazer. Já lhe segui de noite o vulto para o atravessar com a espada; mas as mortificações, que eu tenho causado a meus paes, são já tantas, que me não posso resolver a matar o homem. Joanna já teve o desafôro de me dizer que o não acha feio nem desprezível. Eu quiz sevar n'ella a minha raiva; mas deves saber que a cigana é mulher de faca, e não se ensaziaria em mim se me eslaqueasse, porque o exemplo já ella o deu com um dos meus predecessores na posse d'aquelle formoso seio, cofre d'um pessimo obratório.

— E amas assim uma mulher?! — atalhou Antonio José da Silva.

— Amo, amo miseravelmente! Pergunta ao títu- que de Cadaval porque ama elle a Paulina que o atraiçoa todos os dias; pergunta ao conde de Arouca

porque ama aquella impudentissima Rocha, que o cobre de irrisoria ignominia ; pergunta ao rei porque amou com tão cega paixão a dissoluta Margarida do Monte que morreu freira no convento da Rosa, o anno passado ! ¹

— Tens um sestro fatal ! — observou Antonio José — E quando tu, ha tres annos, fallavas em morrer ethico d'amores pela actriz hespanhola Zabel Gamarra !

— E' verdade . . . Já sabes que ella professou nas Agostinhas no convento de Santa Monica ?

— Já sei. E o marido professou tambem ?

— Não : foi-se embora, depois de receber seis

1 O amante de Paulina era D. Jaime Pereira, cunhado de el-rei D. João v. Tirante a miseria d'aquelles escandalosos amores, o duque foi um dos mais respeitaveis e respeitados fidalgos do seu tempo, A manceba do conde de Tarouca, mulher da infima plebe, chamava-se a *Pelles* de alcunha ; mas como casasse com um fulano Rocha, criado do conde de Tarouca, tomou-lhe o appellido. *Como bom homem, que era este marido*, diz o cavalheiro de Oliveira, *conseguiu ser criado supranumerario da imperatriz Amelia*. O cavalheiro referia-se á imperatriz d'Austria, onde o conde de Tarouca pae do conde em questão foi ministro portuguez. A tal Rocha ou *Pelles* fugiu ao conde para os braços do padre Domingos d'Araujo Soares, capellão particular, que tinha sido, do conde. *Este padre*, diz Oliveira, *nunca disse missa : unica virtude que elle praticou. Era um scelerado de profissão*. Cumpre saber que o conde tinha tirado a Rocha ao pae, insulto de que o padre vingou o velho. O chronista, a respeito d'esta balburdia de perfidias, exclama com um poeta francez :

*Amour, amour, quand tu nous tiens,
On peut bien dire, adieu, Prudence !*

mil cruzades, que lhe deu em troca da esposa, o marquez de Gouvêa. . . .

— Não é caso — disse Antonio José — Quanto achas tu que levou de Portugal aquella Petronilla do D. João v?

— É incalculavel. O sabido e notorio é que ella levou de Lisboa trinta bestas carregadas, e que as damas de primeira plana de Hespanha, quando a vieram carregada de joias no theatro de Madrid, assombraram-se do tamanho dos brilhantes. Vê tu onde fôram cahir as joias das rainhas de Portugal, e as mais preciosas, que vieram do Oriente no reinado de D. Pedro II! . . . Voltando á Gamarra, deixa-me contar-te episodios galantes, que iam descambando em tragedia, e pôde ser que a final disparem em ter-rivel catastrophe. O marquez de Gouvêa bebe os ventos pela mulher, principalmente depois que a metteu no convento e lhe vestiu o habito. Soror Isabel folga de ter acorrentado ás grades do mosteiro o grande senhor. Aconteceu, ha mezes, mandal-o chamar a Gamarra, ao mesmo tempo que o rei. O marquez vacillava afflictamente, sem saber decidir-se. Sabe o marquez, entra no coche, e diz ao cocheiro que o leve á côrte; mas, a meio caminho, manda desandar para o convento de Santa Monica. Para encarecer o seu amor, diz á freira que el-rei o estava esperando; porém, antes desagradar ao rei que á sua amada. « Se não procedesses assim, não me verias mais »

disse-lhe seror Isabel. — Mas, tomou o marquez, calculas quanto arrisco por amor de ti? — a. Deves arriscar — redarguiu ella — *Antes que todo es mi dama*, ajuntou ella, em hespanhol, com o titulo da comedia de Calderon — Quem se não sacrificar por mim não me ama, nem me agrada. » Seguiu-se dar-lhe o marquez o seu retrato engastado em circulo de brilhantes, e jurar obediencia eterna. Depois, com o consentimento d'ella, foi ao rei. Este dialogo ouvi-o eu da grade proxima, porque eu estava com ella quando se annunciou o marquez. . .

— Então é certo que a amas e és. . . amado, como os outros. . . — interrompeu Antonio José.

— Não. Sou confidente de unico homem que ella sinceramente ama. Conheces o meu amigo Valentim da Costa de Noronha?

— Tambem esse! casado! pae de quatro lindos filhos! espose d'uma virtuosissima senhora! . . .

— Tudo lhe sacrificou á funesta mulher! Está sem amigos, sem consideração, sem filhos, sem mulher, e receio muito que breve esteja sem vida. Já duas vezes os sicarios do marquez th'a quizeram roubar. D'uma vez o ajudei eu a defender-se, contra quatro assassinos. Se o não matarem, mais hoje mais amanhã, alguma ordem do rei o manda fechar n'alguma torre. . . A despejada mulher, depois que o marquez sahio da grade, fez-me portador do retrato e

des brilhantes do amante, como presente a Valentim de Noronha!...¹

— Agora, fallemos de ti. A judiasinha tem-te escripto? Conta-me alguma cousa da exquisita Leonor dos teus sonhos... Que sabes d'ella? Vem para Portugal?

— Vem brevemente. A ultima' carta de Sara para minha mãe diz que por estes seis mezes, dei-

¹ Estas noticias, extrahidas dos citados livros de Francisco Xavier de Oliveira, devem ser aqui competentemente encerradas com o remate da biographia da freira agostinha. Com referencia ao merito d'ella como actriz, escreve o cavalheiro: *« Gamarra étoit certainement la plus belle actrice que nous ayons vû sur le théâtre de Lisbonne; elle étoit jeune, enjouée, engageante: elle avoit beaucoup d'esprit, de vivacité, et de grands charmes dans toutes ses manières. Ácerca dos seus costumes, diz: Elle avoit un mari et un galant déclaré. Elle n'avoit donc qu'un seul défaut, c'étoit celui d'être ou affectée, ou infidèle: elle trahissoit également et son mari et son galant: elle avoit de l'averston pour l'un, et seulement de l'estime pour l'autre... »*

O amigo de Antonio José da Silva previra o destino de Valentim de Noronha em uma das duas hypotheses. Por ordem regia, Noronha foi encarcerado no Limoeiro, a pedido do marquez de Gouvêa. Ao fim de nove mezes de prisão rigorosa, teve o preso a boa sorte de morrer o marquez no vigor da idade. Não obstante, D. Gaspar de Moscoso e Silva, tio do marquez de Gouvêa, e sumilher da cortina de el-rei D. João v, embargou por muito tempo o livramento do preso, para assim vingar o affrontado sobrinho.

A freira, assim que o marquez expiro, quiz voltar para o marido, que representava nos theatros de Hespanha. Obstaram-lhe as leis á renunciação dos votos com que professára. Gamarra tomou o mais summario dos expedientes. Fugia do convento, ligou-se ao marido que tinha ido furtivamente a Lisboa, passou a Hespanha, e voltou á vida antiga do theatro. Eis aqui uma creatura á espera d'um romance em tres volumes, graças ás informações de Francisco Xavier d'Oliveira.

xam a nevada Hollanda em que o coração da pobre menina morre de frio! Olha que ainda me não escreveu palavra que não venha entanguida do frio lá da terra! Aos versos responde na mais chan e sovina prosa que inventaram mulheres desamoráveis.

— Tu és um tolo sincero! — exclamou de golpe Francisco Xavier — Pois tu podes amar seriamente a moça, que nunca viste, só por que te disse tua mãe que ella, muitos annos antes de nascer, já era destinada tua mulher?

— Posso e amo — disse Antonio José — Phantasiiei-a. Não sabes tu, o que é phantasiar, meu sebastianista? Pois tu não imaginavas, ha pouco tempo, um rei D. Sebastião que tinha morrido seculo e meio antes? Então que tem que eu espere a felicidade d'uma mulher, que vive, e se veste das côres celestes que a minha phantasia lhe dá? Sei que ella é formosa: que tem que eu a imagine formosissima? Sei que é instrnida: que faz que eu a phantasie uma das irmãs Sigeas? Se os meus sonhos hãode acabar, quando me ella apparecer, pouco perdi: os adornos, que a minha imaginativa lhe deu, são propriedade minha; posso dâl-os a quem eu quizer depois. Isto que tem de extraordinario?

— Pois — tornou Oliveira — se não queres ser tolo extraordinario, serás um tolo vulgar.

CAPITULO III

Antonio José da Silva grangeara fama de abalizado engenheiro. As suas jocosidades metricas andavam manuscritas por mãos dos entendidos, que as encareciam, por mais ou menos aquinhoarem das graças litterarias da época, em nossos dias consideradas aleijões contagiosos das escolas italiana e hespanhola. D. Francisco Xavier de Menezes, quarto conde da Ericeira, o mais fecundo e menos contaminado escriptor portuguez d'aquelle tempo, recebia Antonio José em sua casa, folgava d'ouvil-o recitar as suas comedias entremeadas de chistosas arias, recitava-lhe cantos da sua insulsissima Henriqueida, e aconselhava-o a transviar-se da imitação servil dos hespanhoes em composições theatraes, e dos trocadilhos de Gongora nos poemas graves, em que apenas o bacharel por acaso se entretinha.

Francisco Xavier de Oliveira, reputado mancheo de rara inventiva e copiosa leitura nas intercadencias das notorias travessuras, era tambem das palestras e sarãos litterarios do conde da Ericeira.

Um dia, Antonio José e Francisco Xavier encontraram na livraria do conde; folheando nos livros, em quanto o fidalgo não entrava, um Bartholomeu Lobo Corrêa, sujeito dado ás letras, com o infortunio deploravel de se não darem as letras com elle. O conde, como amigo de gente ledôra, ou porque não estremasse os incapazes, ou por se compadecer dos inintelligentes, acolhia Bartholomeu, dizendo aos mais intimos que o pobre sujeito não tinha culpa de sahir milagrosamente mais sandeu que o pae.

O pae d'este Bartholomeu tinha sido um Pedro Lobo Corrêa, escripto da contadoria geral, fallecido em 1708. Este sujeito entrara no tetaplo das letras com o offettorio d'um livro de sua lavra, intítulado *Vida de Adão e orações contra as tempestades*. O titulo sómente, sem ajuda das parvoçadas interiores do livro, tinha sido o epitaphio do litterato; tollido ao nascedouro.

Passados annos, como a paixão das letras o espicasse, deu-se a traductor do hespanhol, e sahia a mais modesto lume com o *Nascimento, vida e morte admiraveis do grande servo de Deus Gregorio Lopes, natural da villa de Linhares: composto pelo licencceado Francisco Losa, traduzido na lingua por*

tuqueza, e acrescentado (veja-se a tentação do demónio da originalidade!) o fim e primeiro capítulo. Ora, o fim e primeiro capítulo do livro era sobre modo tolo.

Além d'outras traducções, Pedro Lobo, querendo dar testemunho publico de sua piedade, das excellencias do seu christianismo, e assanhado rancor á raça hebraica, traduziu do castelhano um livro revulsivo, intitulado: *Sentinella contra judeus, posta em a torre da igreja de Deus, &c.* Feito isto, e mais alguns serviços á religião da caridade e ás letras portuguezas, morreu Pedro Lobo, deixando ainda um volume, o peor e mais brutal de todos, que era o filho Bartholomeu.

Estava, pois, Bartholomeu Lobo folheando os preciosos livros do conde da Ericeira, quando entraram Antonio José da Silva e Francisco Xavier. Depois estes, entrou o padre Luiz Alvares d'Aguiar, prior de S. Jorge, homem de sessenta annos e alegre sombra de velho em cujos olhos lampejavam ainda os clarões da juventude.

Antonio José, que sinceramente odiava Bartholomeu, já pela estupidez herdada já pela propria, não perdia lance de o metter a riso com salgadas galhofas na presença da fina e algum tanto livre sociedade do conde. Casualmente, relançando os olhos á livraria, o hebreu enxergou o livro em 8.º, intitu-

lado: *Sentinella contra judeus &c.* Tirou o livro, e disse:

— Ó Francisco Xavier, já lêste um diamantino livrinho traduzido pelo pae aqui do snr. Bartholomeu? A *sentinella contra judeus!*

— Oh!... oh!... — cacarejou gargalhando o padre Luiz Alvares — Isso é uma obra que faz cegas nos pés á gente.

— Então porquê? — perguntou o abespinhado filho do defunto traductor.

— Porque?! — tornou o padre — porque é obra recheada de sandices, e immoralmente porca e torpe.

— Que outro dissesse isso... — retorquiu Bartholomeu — mas vm.^{co}, que é padre, e homem bem nascido!...

— Quer vm.^{co} — tornou o presbytero — que os padres e homens bem nascidos sejam tão alarves como o senhor seu pae, que Deus haja na bemaventurança dos pobres de espirito?

Antonio José e Francisco Xavier riram. Bartholomeu, em harmonia com a sua costumada parvoice, riu tambem; todavia, o onagro, que fareja a femea nas brizas de Maio, ri com mais espirito.

O filho de João Mendes abriu ao acaso o livro, leu mentalmente algumas linhas, e disse:

— Ó snr. Bartholomeu, vm.^{co} estará na persuação em que morreu seu engenhoso pae a respeito das doutrinas d'este livro?

— Eu creio tudo em que meu pae creu. Tudo que elle escreveu ou traduziu são verdades — respondeu o sujeito.

— Bem. Então defende o que se diz aqui, respeito á raça hebraica?

— Defendo, sim, senhor. São as doutrinas da igreja; e por assim o entender, mandei reimprimir esse livro ha quinze annos.

— Fez vm.^o muito bem, snr. Bartholomeu — obtemperou Francisco Xavier d'Oliveira — Estamos n'um paiz em que o livrinho de seu pae hade ser ainda terceira vez impresso ¹.

— Merece-o! — ajuntou Antonio José da Silva — Ora digam-me, se a immortalidade não é pequeno galardão para um livro, onde se leem estas cousas. *Attendam: . . . Se os homens pozeram cuidado em sinalar os judeus, para que fossem conhecidos por suas traições, não menos cuidou Deus de os sinalar para confusão sua, e castigo do que mereceram seus antepassados. Não são em alguns mui patentes os signaes que por sua mão lhes põe a natureza; mas em outros se descobrem claros e evidentes, sem que á gente os possa seu cuidado esconder ou encobrir... Digo pois que ha muitos sinalados pela mão de Deus, depois que crucificaram a sua divina magestade; uns. . .*

1 Foi effectivamente reimpresso em 1748.

— Reparem n'isto! — exclamou Antonio José interrompendo a leitura — Reparem, por honra da historia natural e do defunto Lobo morto, e do Lobo vivo!

E proseguiu na leitura: *Uns tem uns rabinhos que lhes sahem do seu corpo do remate do espinhaço; outros lançam e derramam sangue...*

— Alto lá! — atalhou o padre Luiz Alvares — Estão senhoras na sala proxima: quem quizer, vá lêr á rua o restante da immundicia ¹.

— Eu já li — disse Francisco Xavier apertando as cartilagens do nariz — Isto vapora miasmas de latrina.

— E com que então — repetiu o hebreu — está vm.^{oe} persuadido, snr. Lobo, que alguns judeus tem uns rabinhos que lhes sahem do seu corpo do remate do espinhaço?

— Estou, sim, senhor.

— Já viu d'essas cousas com os seus olhos penetrantes? Agora vejo eu tambem que não é chimerico o anexim respectivo aos entendidos que mettem o nariz em tudo! Que grande alcance e que profundas investigações por lugares tão desfrequentados tem feito o seu nariz de sabio, snr. Bartholomeu!

O padre Luiz Alvares de Aguiar, desabafados

¹ O leitor, se não prescinde de vêr o restante da immundicia, como judiciosamente dizia o prior de S. Jorge, veja a pag. 171, da edição de 1684.

os impulsos de riso, compoz o semblante, e disse :

— É grandissimo desdouro para Portugal que este e quejandos monstros da loucura humana corram impressos. Lastimo, snr. Lobo, que vm.^{co} ande a fazer ganancia com estes excrementos das pobres e servis vigalias de seu pae, cuja capacidade intellectual está medida por esta producção, que elle foi buscar, para traduzir, aos escoadouros de Castella. Veja, por honra sua, amigo e snr. Bartholomeu, se pôde chamar a si todos os exemplares d'esta vergonhosa obra, e queime-os; queime este opprobrio de seu pae e seu. Queime-os. . .

— Ou dê-os — acrescentou Antonio José — para alimentar as fogueiras d'algum judeu. . .

— Pôde ser. . . — murmurou Bartholomeu, a ponto que vinha entrando o jovial conde da Ericeira, pedindo desculpa da demora.

— Que livro lê o nosso moderno Gil Vicente? — perguntou o conde — Ah! . . . *Sentinella contra judeus*. . . Isso é galante livro, que prova o adiantamento da historia natural nas Hespanhas. Falla ahi d'uns rabinhos. . .

— Com elles nos entretinhamos — acudiu o prior de S. Jorge.

— E viram, tornou o conde, o porquê de terem rabinhos alguns israelitas? A explicação está duas paginas adiante.

— Cá está — disse Antonio José, e leu : *Os que*

tem os rabinhos no remate do espinhaço, são por linha direita descendentes d'aquelles que entre elles eram mestres, a quem chamavam rabis, e nós nomeamos rabinos; estes se tentavam a julgar, e hoje ensinam sua lei como mestres e juizes, e para pena sua, e sentados não possam estar sem molestia e trabalho, lhes sahem aquelles rabinhos no proprio lugar que lhe póde causar penalidade.

— Parece que o snr. Bartholomeu Lobo está com azeda sombra! — atalhou o conde — Ó nosso amigo, seu pae não tem que vêr com a nossa critica. A um traductor tão sómente se pede contas da lealdade da versão; e, a meu vêr, esta versão do hespanhol é fidelissima. Da má substancia do livro está seu pae inculpado, amigo Lobo.

— Meu pae, snr. conde — disse Bartholomeu — não pede desculpa de ter feito um bom serviço á religião. Aos judeus é que elle não fez grande favor, traduzindo este religioso livro, de que estes senhores estão zombando.

Bartholomeu feriu com os olhos as costas de Antonio José da Silva, quando proferiu as palavras: *aos judeus. . .*

O filho de Lourença Coutinho apanhou-lhe no ar o tiro, volveu-se rapido para elle, e disse:

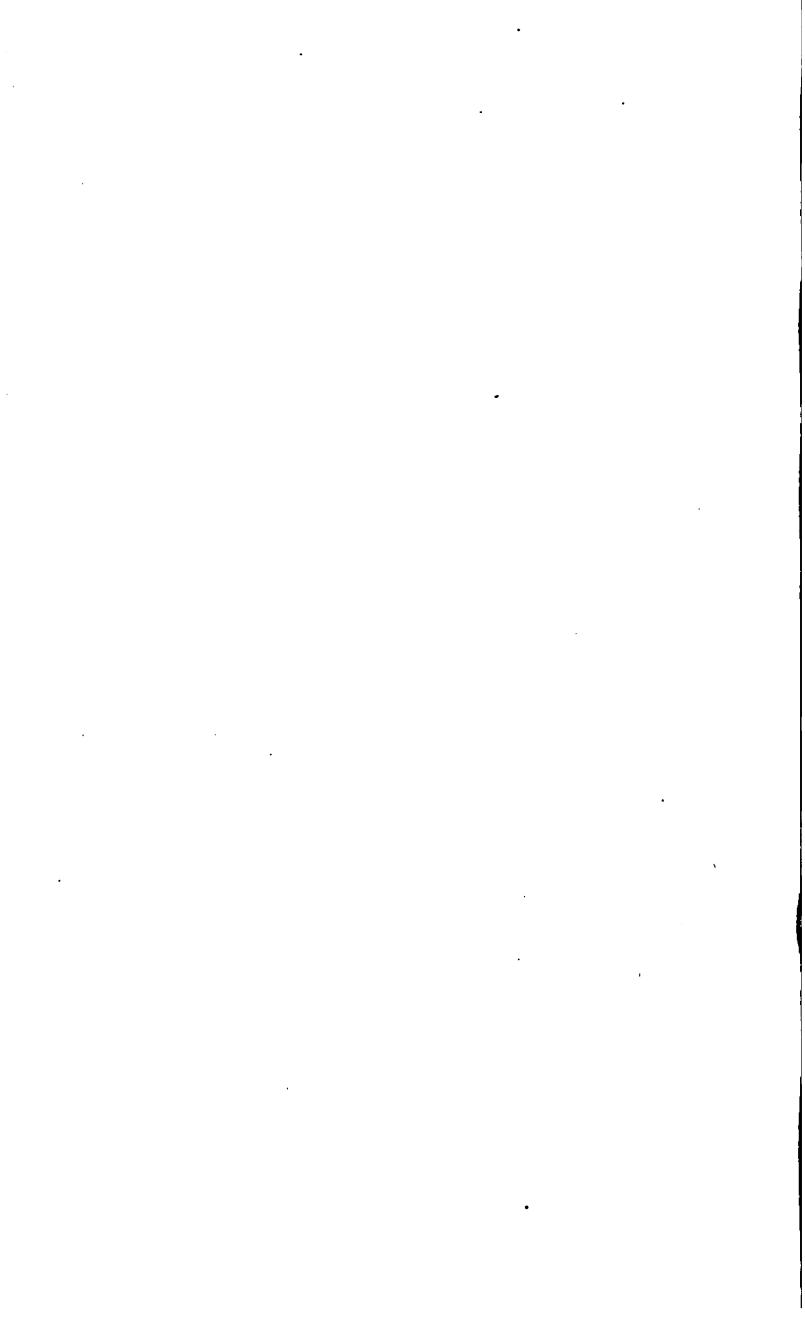
— Os judeus que tiveram a desventura de nascerem em territorio portuguez tem quinhão na ignominia d'este livro, por estar em linguagem que se

parece tanto ou quanto com a portugueza ; em quanto ao mais, Deus nos livre que o santo officio acreditasse na existencia dos rabinhos ! . . . A perversidade, em geral, costuma ser menos estúpida. Hoje não haveria ninguem que quizesse inspecionar as taes excrecencias a não ser vm.^{co}, snr. Bartholomeu ! . . .

O conde fez a Antonio José um expressivo gesto de silencio.

Bartholomeu deteve-se alguns instantes, e pediu licença para retirar-se, comprimentando profundamente o padre, o judeu e o filho do contador-mór.

— Faz mal, snr. Silva — disse o conde gravemente depois que Bartholomeu sahiu — faz mal em disparar tão certas flechas contra a cabeça dura d'este homem ! Vm.^{co} esquece-se de que ha no Rocio um palacio, que se chamou dos Estáos, e hoje se chama vulcão de fogueiras. Tenha prudencia. Diante de mim, diga o que quizer a favor de Moisés e contra S. Paulo ; mas do maior numero de sujeitos, que entram n'estas salas, guarde-se.



CAPITULO IV

Quinze dias volvidos, aos 6 d'Agosto de 1726, entrava Antonio José da Silva, segundo o seu costume quotidiano, no escriptorio de seu pae, quando tres familiares do santo officio lhe ordenaram que os seguisse ao tribunal. O hebreu hesitou alguns instantes, meditando no mais facil meio de escapar-se. Um dos familiares, entrando-lhe no animo, descerrou um riso de escarneo, e disse :

— Não pense em fugir, que as avenidas da sua casa estão vigiadas. Em toda a parte ha *sentinellas contra judeus*.

Antonio José da Silva entendeu a allusão. Pediu que o deixassem despedir de seu velho pae e de sua mãe, obrigando-se a subir acompanhado. Negaram-lhe a licença, solicitada com lagrimas.

Antonio José sahio na frente dos tres familiares, e pediu ao mercieiro visinho que avisasse seus pacs de que elle ia preso.

No mesmo dia e á mesma hora, foi tambem preso o prior de S. Jorge, Luiz Alvares d'Aguiar, e conduzido aos carceres da inquisição.

A captura do filho de Lourença Continho não fez estranheza. A inquisição e os devotos lembravam-se ainda da judia, que sahira absolta d'onde a piedade requeria que sabisse da carocha e sambenito. Grande parte do publico estava escandalizado d'aquelle singular caso de indulgencia, que, até certo ponto, ameaçava quebranto na inteireza dos inquisidores. Por isso, com a noticia da prisão de Antonio José da Silva, os pios escandalizados sentiram a satisfação desaggravante.

Em quanto ao prior de S. Jorge, muita e boa gente se espantou. O padre Alvares d'Aguiar, oriundo de mui illustre familia, em limpeza de sangue podia pleitear antiguidade com a mais primorosa raça de christãos. Corria fama de que elle, desde os quinze até aos sessenta e tantos annos que tinha então, se distinguira em femeeas mundanidades, amando as mais formosas e fidalgas com requintado e versatil amor nem sempre ideal. Á volta d'elle, no dizer do seu amigo Francisco Xavier d'Oliveira, florescia uma especie de harem espiritual, composto de terras e juvenis bellezas, das quaes elle se danominava pae,

sendo, ao mesmo tempo, dono e galan. Este bom padre — diz o contemporâneo — que outra quebra não tinha senão a paixão do amor, não deixava ressumar a sua tendencia nem por obras nem por palavras. Apenas sustentava que *o amor é o complemento e epitome de toda a lei; e que a chamada caridade nas santas escripturas não é senão a amor, segundo S. Jeronymo*. Bem que amasse idolatricamente as mulheres formosas e as de mais lustrosa raça, nunca fallava senão do amor de Deus; e d'este amor parecia desbordar-lhe o coração, se attentarmos nas magnas obras de caridade que elle constantemente exercitava. Diz mais o cavalheiro d'Oliveira: « Eu vivi muito na sua intimidade. Tão excellentes no amago eram as qualidades d'elle, que toda gente o estimava, sem distincção das mais gradas pessoas de Portugal, quer pela qualidade de sua fidalguia, quer por seu copioso saber ».

Todos, pois, se maravilharam e condoeram. Ninguém sabia conjecturar o motivo de semelhante prisão. Quem, com effeito, mais cabalmente podia informar a curiosidade do publico, seria o filho do traductor da *Sentinella contra judeus*.

Esperemos-lhe a sentença.

João Mendes da Silva, tão depressa pôde transportar ao leito sua mulher desmaiada e como morta pelo golpe da noticia, correu a casa do conde da

Ericeira a pedir a redempção de seu filho. O conde ouviu aterrado a nova, e disse :

— Eu previ isto... Sei d'onde partiu a denuncia... Vá com Deus, que eu começo desde já a trabalhar na salvação do pobre moço.

D'aqui, foi João Mendes em cata do contador, pae de Francisco Xavier d'Oliveira. Encontrou-o afflicto.

— Tambem meu filbo, disse José d'Oliveira e Sousa, esteve em risco de ser hoje preso. Salvou-o hontem sua mãe, ajoelhada aos pés do inquisidor, porque um conselheiro do santo officio se apiedou das minhas cans, e me avisou. Não sei que heide fazer em seu auxilio, snr. João Mendes!... Eu já sou tambem suspeito. Quando a inquisição prendeu o prior de S. Jorge, não sei que haja ninguem desoso!...

João Mendes sabiu desanimado. Foi ainda socorrer-se d'aquelle Diogo de Barros, santo valedor de infelizes. O ancião algumas esperanças verteu no coração do septagenario, dizendo-lhe que ainda era familiar.

— E então agora — ajuntou Diogo de Barros — agora que vinha ahi a filha do meu Jorge para se effectuar o casamento ! É preciso salvarmol-o antes que ella chegue. Eu não lh'o faço saber a ella nem a Sára. Recommende á snr.^a Lourença Coutinho que

não diga nada para Amsterdam ; ou, a dizer-lh'o, que as dissuada de virem a Portugal.

Antonio José da Silva foi conduzido ao chamado *corredor meio-novo*, carcere numero seis.

Ao oitavo dia foi levado a perguntas á chamada *mesa do santo officio*. Estava adiantada a instauração do processo. Leram-lhe o depoimento das testemunhas que o capitulavam de judaizante. Antonio José disse francamente que não tinha vivido como christão nem como israelita ; mas, se lhe concedessem vida para o arrependimento, faria inteira abjuração de seus erros.

Aceitaram-lhe o abjurar ; todavia, como elle não confessasse que em casa de seus paes se judaizava, pozeram-no a tractos, chamados do torniquete. A tortura exerceram-lh'a nas mãos, até lhes esbrugar a carne dos ossos. O padecente, consoante consta da consignação dos autos, no mais cruel remoer do torno sobre os dedos, invocava Deus, e não a Virgem, nem algum Santo do reino do céu.

Ao tempo d'este supplicio lento, com intercaden-
cia de trevas na masmorra, que fazia Francisco Xavier d'Oliveira ?

Padecia tractos d'outra natureza.

Aquella Joanna Victorina, tão da sua alma, a cigana requestada pelo fatidico hespanhol, desapareceu-lhe um dia, deixando a mãe com a condição de a mandar buscar. Francisco Xavier, com dous mem-

brudos criados, agarrou da velha, e ameaçou-a de a pôr a tormentos até lhe arrancar o segredo do destino da filha. A demoniaca d'outr'ora, ao lembrar-se dos tijolos ardentes, revelou que a sua Joanna fugira para Valhadolid com um hespanhol, que lhe promettera palacios na sua terra e a mão de esposo.

O allucinado moço esqueceu o pobre amigo preso, a mãe angustiada, o pae que de puro medo da inquisição cahira enfermo, tudo esqueceu, porque a serpente do ciume se lhe enroscou no peito, e verteu peçonha aos seios da alma até lhe queimar as febras todas da amizade e filial amor.

Pediou o dinheiro que não pôde furtar dos contadores paternos, e foi caminho de Hespanha. Entrou em Valhadolid, onde não conhecia ninguem; mas a seu pae ouvira dizer que D. Raphael Hernández de Bobadilha, alcaide de Valhadolid, era seu amigo, e parente do marido de uma sua irmã, casada em Barcelona.

Apresentou-se ao alcaide: disse-lhe quem era e ao que ia. D. Raphael acolheu-o com benignas risadas, exclamando:

— Eu sei onde pára a cigana, meu ditoso rapaz!

— E o covarde que m'a roubou? — acudiu Xavier.

— Esse foi hontem preso: está no castello, e de lá veremos para onde as leis mandam os cau-

dilhos de salteadores. Fica vm.^o sabendo que a sua Joanna teve a honra de hospedar no largo peito o coração do mais temeroso bandido das Astúrias. Agora veja lá se lhe serve a creatura enfarrascada com tão abjectos amores.

— Onde a encontro? — disse com vehemencia o portuguez.

— Na estalagem onde o salteador foi preso. Que quer vm.^o fazer á mulher?

— Matal-a!

— É muito bem feito! — accedeu gravemente o alcaide — Vá matal-a, que é uma devassa a mulher! Faz um serviço á humanidade, D. Francisco! Eu, se não tivesse que fazer, ia tambem dar-lhe uma cuchilada no pescoço. . .

— D. Raphael está a zombar com a minha desventura? — interrompeu o moço.

— Não senhor. Estou a recrear-me com vm.^o, em quanto não chega o chocolate que mandei preparar. . . Ahi vem o chocolate. Sente-se para aqui, rapaz. Merende, e depois irá perpetrar o ciganicidio, a uma hora propria d'essas atrocidades. Deixe nascer a lua, para os poetas de Hespanha terem azo de fallarem na lua, ao cantarem em funerea chacara a morte da cigana ás mãos do trahido paladim D. Francisco — o portuguez! Ai! que grilharia não vão fazer as musas! que poemas a pingar sangue não vão sahír do peito estafecado de Joanna! Que leve a bre-

ca tal nome! Nunca vi Joanna em verso! É pena que ella se não possa chrismar antes de morrer, cavalheiro! Se me dá licença, D. Francisco, ainda vou, por amor da poesia castelhana, entender-me com o bispo, a vêr se a podemos chrismar. Faça-me o favor de não matar a rapariga até amanhã por estas horas!

Francisco Xavier tomava o chocolate, e ria-se, quando não cravejava os dentes no beijo inferior.

Terminada a refeição, D. Raphael Hernandez de Bobadilha ageitou o aspeito gravemente, e disse:

— Fui, sou e serei amigo de seu pae. Estivemos em Flandres ha trinta annos: eramos ambos secretarios dos ministros de nossas patrias. Seu pae era honrado, e fidalgo da velha estôfa. Vm.^{oo} ainda então se gerava nas entranhas do nada, snr. D. Francisco. O resultado é estar vm.^{oo} ahi quasi imberbe, e ea coberto de neve. Estas cans devem-lhe inculir a idéa de que eu já tive cabellos pretos, e experimentei tantas paixões quantos cabellos tenho. Está vm.^{oo} diante d'um velho que lê nos refolhos do coração. A cigana, que o trouxe a Valhadolid, é mais amada hoje do que era antes de lhe fugir. . .

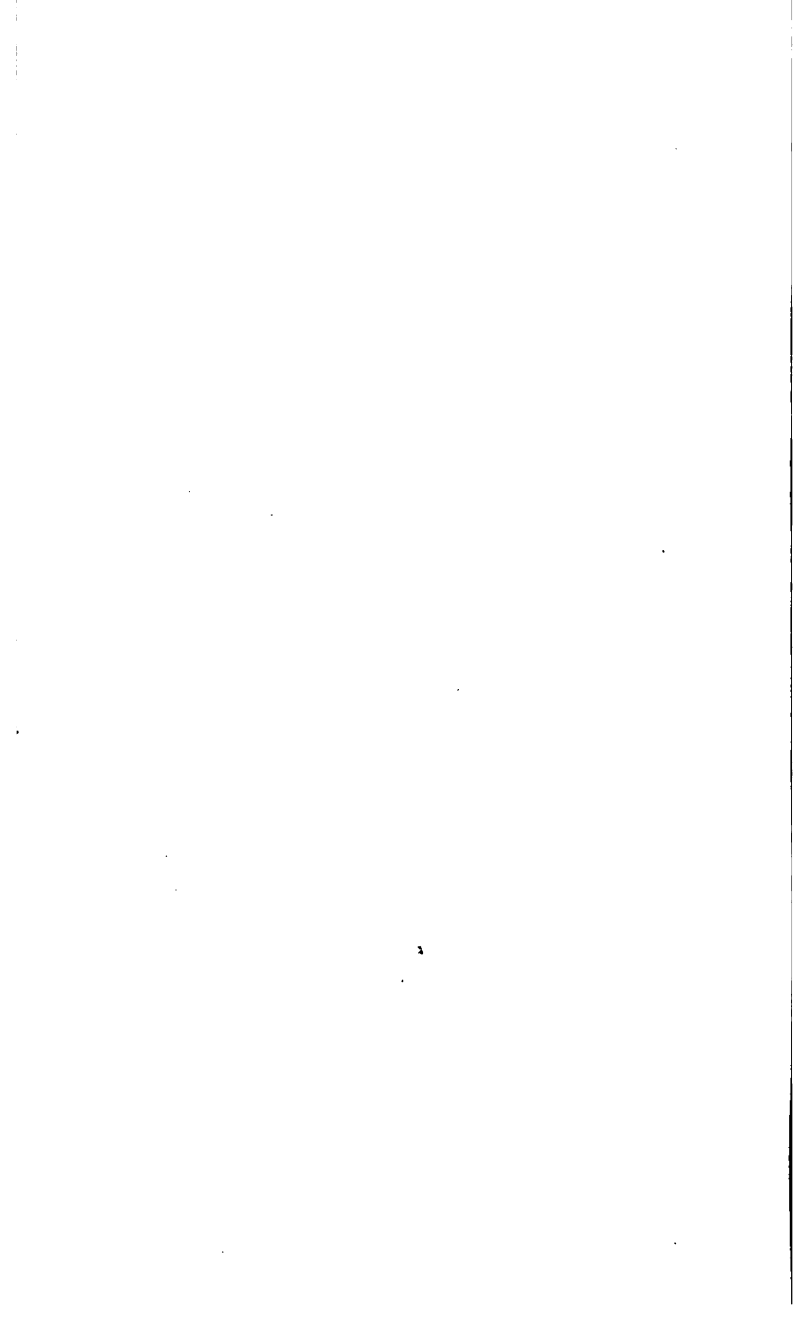
— Oh! — atalhou Francisco Xavier.

— Nada de rhetoricas nem de theatro, D. Francisco. Pergunto: quer levar a cigana? Vamos: responde!

— Preciso vingar-me! quero matal-a, amando-a!

— N'esse caso, mate-a! — tornou o alcaide, no tom da primeira galhofa — Eu vou mandar comsigo á estalagem quem lh'a ensine. Morra embora a Joanna, e fiquem os poetas tolhidos por causa do mais villão nome que ainda se ouviu em tragedias! Vá, vá, dom assassino!

Ergueu-se o alcaide, chamou da janella um quadrilheiro, e ordenou-lhe que conduzisse o seu hospede á estalagem que indicou.



CAPITULO V

É minha opinião que ha umas lagrimas, que tem a mirifica virtude de lavarem as manchas da perfidia no rosto da mulher amada.

Estas lagrimas são magicas, são os filtros do sortilegio com que a sciencia de nossos antepassados andou ás voltas e com que a piedade alimentou a voracidade das fogueiras. São lagrimas que tem e encerram virtudes luciferinas: sahiram de laboratorio infernal; não são o sangue d'alma, como o padre Bernardes as definia.

Joanna Victorina, quando Francisco Xavier entrou ao quarto em que ella estava escrevendo, tinha o rosto aljofrado d'aquellas lagrimas. A ira do moço afogou-se n'ellas. Cruzados os braços, crispantes os beiços, accendidos os olhos, Francisco Xavier d'Oli-

veira parou no limiar do quarto. Joanna ergueu-se, lançou mão do punhal que estava sobre um bofete, despiu-o da bainha, tomou-o pela ponta, caminhou solenne para o cavalheiro com os olhos no pavimento, offereceu-lh'o, e disse-lhe :

— Mata-me, que é um beneficio matar uma mulher que os remorsos hão de matar vagarosamente.

Francisco Xavier passou por diante d'ella, aproximou-se da mesa em que ella estava escrevendo, curvou-se sobre o papel, e leu.

Era carta que a cigana escrevia á mãe, pedindo-lhe que a mandasse buscar, porque se via desamparada em Valhadolid. Do homem, com quem fugira, apenas dizia que fôra atrocemente illudida por um infame. *Está vingado*, escrevia ella, *o bom moço que eu sacrifiquei ; se o vir, diga-lhe que me não deseje maior desventura..*

Francisco Xavier, lido aquillo, voltou o rosto á cigana, que ainda permanecia queda com o punhal. Depois, sentou-se, a chorar, arquejante, afflicto, com o rosto abafado entre as mãos. Joanna abeirou-se d'elle, e ajoelhou, com o rosto pendido para o seio, braços pendentés, e o punhal na mão direita. Francisco Xavier viu-a assim ; ergueu-se de golpe ; quiz fugir impetuosamente. Ninguem lhe estorvou o passo ; podia fugir á sua vontade ; mas... o fatal enlizo, a cadeia magnetica parecia arrancar-lhe o coração pelas costas, quando elle ia fugindo. Era a cigana!...

o amor infernal d'aquella raça maldita de Deus, que tem por si a omnipotencia de Lucifer.

O moço girou sobre os calcanhares como manequim. Parecia uma cousa phantastica: de real apenas se sentia, n'aquelle quadro, a ridiculez dos olhares, das posturas e do silencio. Estava isto assim n'este curioso lance de se deverem rir um do outro, quando Joanna se lhe atirou ao peito, espedindo um ai estridulo, um como grito do coração que morre. Se a não amparassem, cahiria; mas não cahiu. Os braços d'elle apertavam-na muito, muito; e, se os braços não bastassem a sustel-a, creio que elles se segurariam um n'outro pela identificação dos labios.

Como se amavam!

E, depois, não ha mais que dizer no tocante á reconciliação. O alcaide chegou a lançar o jantar com o riso, quando o portuguez lhe contava a passagem com os tregeitos e transportes que deram em resultado o jurarem-se reciprocamente um eterno amor de mais algumas semanas.

No dia seguinte, quando Francisco Xavier andava curando dos aprestos para a jornada, é que elle se encontrou com as duas perseguidas hebreas no adro da igreja. O leitor póde recordar-se.

Deteve-se ainda tres dias em Valhadolid Francisco Xavier de Oliveira á espera d'alguma boa nova, com referencia ás presas. Com as boas esperanças

de D. Raphael, sahia o moço, acompanhado da oigana, para Lisboa.

Socegado de coração, cuidou em trabalhar no salvamento de Antonio José da Silva. Desvaliosa protecção seria a d'elle, já tão mal visto do santo officio, que os paes incessantemente lhe pediam que fugisse de Portugal. Diogo de Barros despersuadiu-o de solicitar a misericordia de S. Domingos a favor do seu amigo, como patronato inconveniente ao preso, a menos que o não quizesse sobrecarregar.

Os valedores do filho de João Mendes, com quanto poderosos, ignoravam e temiam a sentença no fatal dia 13 de Outubro, designado para o auto da fé. Contavam Diogo de Barros e o conde da Ericeira com as favoraveis allegações dos qualificadores do santo officio; desconfiavam, porém, do inquisidor geral.

Soaram os sinos á chamada dos fieis para assistirem ás sentenças na igreja de S. Domingos. Entre os réos da vanguarda ia Antonio José com o sambenito, descalço, cabeça rapada, ao lado do padrinho que lhe fôra nomeado. Ir elle entre os primeiros réos, era já signal de grande jubilo para os seus. Os que marchavam depós o Crucificado, erguido em meio da procissão, esses já podiam de antemão contar com as agonias da fogueira, porque já não viam a face do Christo. Antonio José da Silva ouviu o sermão dos labios piedosos d'um frade dominicano, que se esteve sempre em extasis diante da misericordia

com que a santa inquisição andava em cata das almas tresmalhadas do caminho da gloria para as restituir ao seu creador.

Concluido o sermão, dous frades subiram ao pulpito para lerem a summa dos processos, e declarar as penas em que haviam sido condemnados.

A primeira sentença lida foi a do padre Luiz Alvares d'Aguiar, accusado de prostituir as suas devotas no confessorio, crime que na tortura confessára. Privado do exercicio das funcções ecclesiasticas, foi condemnado a desterro perpetuo.

Antonio José da Silva, n'esta occasião sómente, soube que o prior de S. Jorge fôra tambem victima da denuncia de Bartholomeu Lobo Corrêa.

Seguiram-se outros réos.

Depois, um familiar conduziu pela mão Antonio José ao meio das galerias, occupadas por frades, bispos, qualificadores e familiares. Ouviu lêr o processo, que o accusava de ter hebraisado. A sentença era absolutoria, visto que o réo confesso abjurava as doutrinas dos dogmas judaicos. Em seguida levaram-no ao tope do altar, onde o fizeram ajoelhar, e pôr a mão sobre um missal. N'esta postura, recitou um protesto de fé, e esperou que o inquisidor o absolvesse da excommunhão e lhe impozesse a penitencia. ¹

¹ Estes pormenores das ceremonias dos autos da fé, e outros que vierem ao intento n'este livro, encontrei-os authorisadamente escri-

Ultimada a leitura das sentenças, Antonio José, ao sahir do templo para entrar na *casa-santa*,¹ circumvagou os olhos pela multidão, e viu Francisco Xavier de Oliveira, ao par de sua mãe, que cobria o rosto e as lagrimas com a mantilha. Entrou no tribunal, despiu o sambenito, os calções e a jaqueta parda listrada de raios brancos: entregou ao alcaide da inquisição a vestimenta, e esperou que o inquisidor, duas horas depois, lhe designasse em lista manuscripta os artigos da penitencia, e lhe cruzasse a ultima benção misericordiosa.

Ao anoitecer, o filho de João Mendes entrou na liteira do contador-mór, e foi conduzido a casa de seus paes. Lourença Coutinho, quando lhe viu os dedos macerados, e as articulações das phalanges ainda chagadas da tortura, perdeu os sentidos nos braços do filho. O ancião, com as mãos erguidas, abafava de soluços, desviando os olhos das mal fechadas cicatrizes, que o moço mostrava. Francisco Xavier, a praguejar, blasphemava da Providencia,

ptos n'um raro livrinho da excellente livraria do meu douto amigo José Gomes Monteiro. Intitula-se o livro, escripto em francez, e impresso em 1688, *Relation de l'Inquisition de Goa*. O narrador foi um medico francez que lá padeceu dous annos de carcere como herege, e veio para Portugal condemnado a cinco annos de galés, d'onde o salvou um medico francez, que o era da rainha D. Maria Francisca de Saboya, mulher de D. Pedro II. Opportunamente darei mais ampla noticia do contexto do livro,

¹. Era assim denominado o tribunal da inquisição.

duvidando que ella existisse, e impassivelmente se revisse nas atrocidades d'este mundo.

Antonio José da Silva, nos primeiros dias de liberdade, fez suspeitar desconcerto de juizo, á conta d'uns ares sombrios e semblante empedernido em que se deixava estar, longas horas, n'um terrivel quietismo. Á primeira vez que sahio de casa, foi ao convento de S. Domingos tratar cousas espirituaes com frades de boa nomeada em virtude e saber. Fugia os seus antigos conhecidos, e nomeadamente Francisco Xavier d'Oliveira, que mais que todos se compadecia da estragada cabeça do pobre Antonio. Quando o amante de Joanna Victorina lhe queria contar os successos de Valhadolid, Antonio José cortava a narrativa, pedindo que lhe não desnortasse o espirito. Oliveira ria-se á sucapa dos tregeitos pios do amigo, o qual, por vezes, era na verdade irrisorio, referindo seraphicamente as suas visões e sonhos beatificos.

Esta enfermidade cerebral, effeito das trevas, da insulação e tormentos da santa casa, guareceu-a lentamente o correr do tempo. Este melhoramento, porém, não impedia que Antonio José, um dia por outro, fosse ao convento de S. Domingos conversar, instruir-se e roborar a sua piedade com os frades.

Entretanto, Lourença Coutinho e João Mendes, grandemente auxiliados pelo tio de Jorge de Barros, curavam incansaveis do livramento de Sára e Leonor. Ao principio, Antonio José ouvia fallar d'ellas com

uma quasi estranheza, e depois com piedade. Dizia elle que a desgraça era necessaria, quando nos sahia ao encontro fóra da estrada direita, porque, sem ella, nunca nos resgatariamos de atalhos perigosos e conductores á perdição. Oxalá — juntava elle — que Sára e Leonor aprendam a verdadeira religião, como a mim me aconteceu!

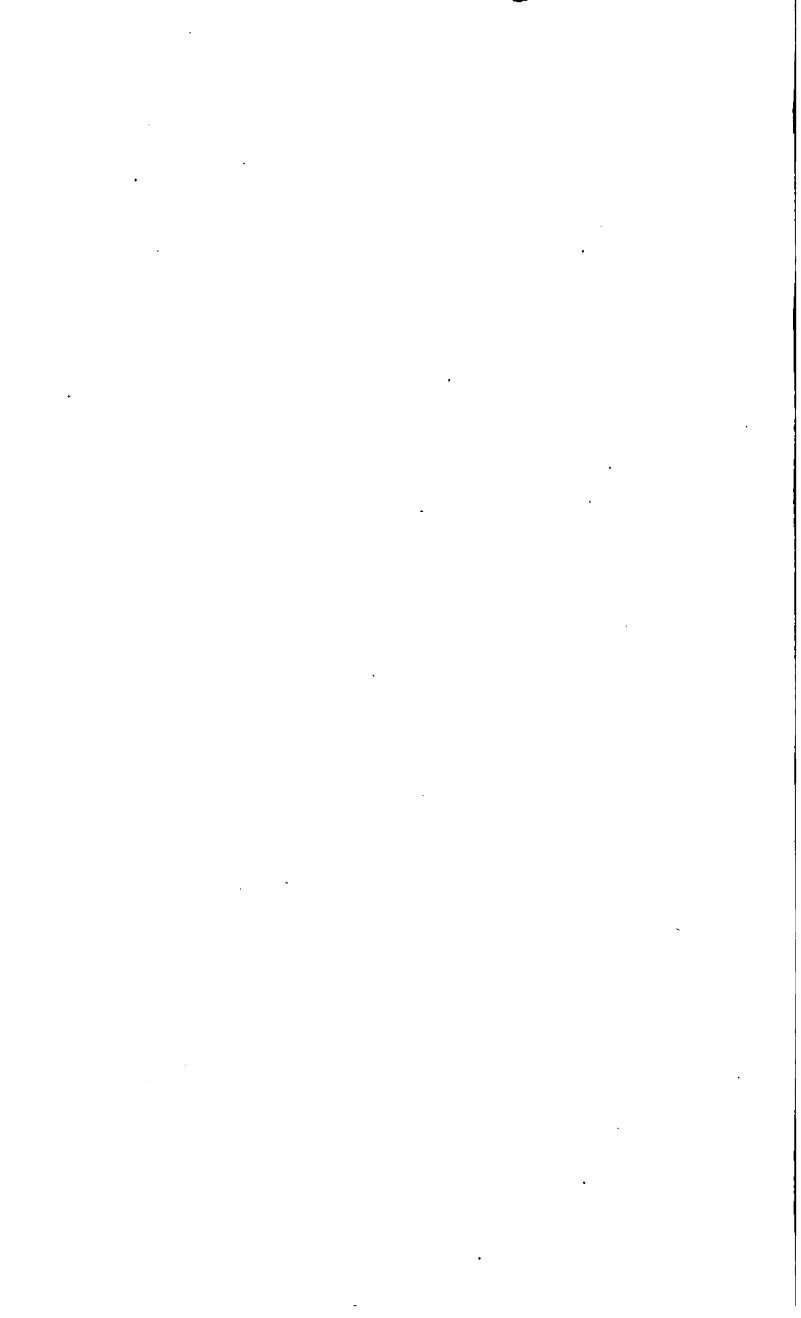
Lourença chorava quando isto ouvia. Francisco Xavier olhava-o em rosto com sincera amargura, e de si para si dizia: « endouceram-no! »

D. Raphael Hernandez avisou o seu velho amigo José de Oliveira que as duas presas sahiriam infallivelmente no primeiro auto da fé; pelo que, estavam sendo superfluos os empenhos que iam de Portugal para o inquisidor e qualificadores do santo officio. Asseverava-lhes que o santo officio em Hespanha era muito menos rigoroso que o tribunal portuguez; e, no caso das duas mulheres, não havia nada que recelar, senão a prisão de mais dous mezes, em um quarto bem alumiado e provido de tudo que ellas á sua custa mandavam procurar.

Ao aproximar-se o dia 26 de Janeiro, Diogo de Barros, carregado de annos e virtudes, quiz prestar ainda os bons officios de parente á filha de seu sobrinho Jorge, indo a Valhadolid buscar as duas senhoras, para d'alli as conduzir para o seio de sua familia. Francisco Xavier d'Oliveira, o moço romanesco, afigurando-se-lhe cavalheirosa bizzarria appa-

recer n'uma hora feliz ás damas, que o viram em afflictissimos momentos, acompanhou o ancião, muito a beneplacito do pae, que se atormentava com medo das iras do filho contra os inquisidores.

E chegados estamos, pois, ao ponto em que Sára e Leonor sahiram absoltas e penitenciadas da inquisição de Valhadolid, no auto da fé, de 26 de Janeiro de 1727.



CAPITULO VI

Aposentou-se Sára em casa do tio de seu marido.

Lourença Coutinho e a sua amiga encararam-se e duvidaram uma da outra. Na desfiguração d'estas atormentadas mulheres só a continuada reminiscencia poderia entrever umas sombras da antiga formosura.

Sára quiz vêr Antonio José, o homem formado d'aquella creancinha que andava na Covilhã com sua filha ao collo, e tanto chorara por ella na despedida. O moço encarou estupefacto em Leonor. A visagem não era bem de espanto : estava alli o quer que fosse do idiota, que se procura no seu passado a um raio de luz, da apagada luz da sua razão, do seu amor, de suas esperanças.

Leonor contemplava-o triste da commum tristeza das piedosas almas. Não o tinha amado ; mas affizeira-se a pensar n'elle. Imaginava-o moço de muitos espiritos, de airosa presença, sympathicamente melancolico ; e via alli um homem como entanguido de frio d'alma, em spasmos de santa introversão, olhando para ella com assombro, e para os outros com certo ar de quem pede que lhes alumiem as escuridades da memoria do seu coração.

Leonor, avisada por Lourença, do estado lastimoso em que a tortura lhe transformara o filho, chamava-o ás recordações do passado, recitava-lhe os versos d'elle que recebera em Amsterdam, pedia-lhe que lhe dissesse poesias novas ; e convidou-o, uma vez, a glossar-lhe uma quadra. Antonio José da Silva accedeu com um sorriso, e disse :

— Uma quadra espiritual... Seja ! Diga que eu vou escrevê-la...

Mas, ao curvar os dedos para segurar a penna, soltou um leve gemido, e murmurou :

— Esquecia-me que não posso escrever... Tenho os dedos quebrados ! ¹

— Infames frades ! — exclamou Leonor.

— Por quem é !... — acudiu Antonio José — por quem é !... não falle assim, Leonor ! não fal-

¹ «... torturado tão cruelmente que os dedos lhe ficaram em tal estado que por muito tempo não pôde nem assignar o seu nome.» Costa e Silva — Ensaio biograph. T. 10, pag. 331.

le... que eu posso ser seu accusador na tortura!... Eu tinha desejo de morrer, quando me deram os tractos; por isso não accusei mea pae e minha mãe, mas aquelles que não podem com a dôr nem com o terror da morte... esses accusam pae, mãe, esposa e filhos... denunciam-se a si, caluniam-se, des-honram-se, condemnam-se a inferno sem fim, para não sentirem o repuxar e estalar de cada fibra do seu corpo, e o gotejar de cada gota do seu sangue, e o apagar-se compassado, lento, horrendissimo de cada faisca luminosa do seu espirito...

— E como eram as torturas... como foi que lha pozeram as mãos n'este estado? — perguntou Leonor.

Antonio José da Silva fitou-a como espantado da pergunta, e disse:

— Nunca revele o que viu na inquisição de Valladolid, Leonor: olhe que não ha perdão para a bocca imprudente que deixou passar uma palavra reveladora do que lá vai n'aquelles infernos!...

E, dito isto, com torva e mysteriosa solemnidade, o filho de Lourença Coutinho sahiu impetuosamente d'entre as familias hebraicas e christãs que o viam e ouviam com os olhos marejados de lagrimas.

— E aquelles nossos planos, Lourença — disse Sara — Vê tu como a desgraça n'ol-os desfez!... Teu filho, se assim vai... podemos perder a esperanza de o trazer a uma regular vida em que possa realisar-se o casamento... Elle nada te diz?

— Se eu lhe fallo n'isso, diz-me que está morto para a felicidade, e que lhe não resta esperança de restaurar nada do que perdeu. D'antes era triste; agora está continuamente chorando. Não pôde escrever... é o maior infortunio... Não sei como heide distrahir-o. Anda de convento em convento. Por ahí, chamam-lhe hypocrita ao meu pobre filho... O que elle está é quasi demente, se a Divina Providencia o não soccorre... A minha esperança és tu, Leonor! — exclamou Lourença, beijando a filha de Jorge de Barros — Tu é que hasde salvar o meu Antonio, o teu esposo!... Dá-lhe tu calor ao coração que se congelou no frio dos calabouços. Acorda-o, filha; chama-o ás alegrias d'este mundo...

— Eu não as tenho... — balbuciou Leonor — Não tenho mais calor no coração que elle...

— Então não o amas?! — replicou Lourença, como admirada da frieza de Leonor.

— Como podem amar-se pessoas que apenas se viram na infancia! — tornou a filha de Sára — mas com isto, snr.^a Lourença, não quero eu dizer que me esquivo a ser esposa de seu filho, se tal é a vontade de minha mãe, e se já esse destino me havia dado meu querido pae. Sem idéa de casamento, minha amiga, heide fazer quanto podér por distrahir o Antoninho das suas amarguras; creia-me...

Lourença levou a mão de Leonor aos labios, e reparando, disse:

— Cá está o anel de teu pae, menina! . . . Não o percas. . . Deixaram-t'ó os da inquisição? Cá em Portugal não é costume restituir aos absolvidos as cousas, que lhe encontram, quando os prendem. A mim nunca me restituíram dous aneis de pedras e uma manilhá que eu trouxe do Brazil. . . ¹ Não vos cortaram os cabellos na inquisição de Valhadolid?

— Não, nem nos mudaram os vestidos — disse Sára.

— Então, filhas, não digaes que soffrestes. . . A vossa prisão foi suave; o Deus compadecido dos infelizes sem culpa não vos desamparou. . . E o thesouro? — proseguiu Lourença — quando havereis á mão a vossa riqueza, filhas?

— Nem já pensamos em riquezas — disse Sára — O tio do meu Jorge presume que o cofre já não existe.

¹ Quaesquer preciosidades encontradas aos réos, no acto de os raparem, e entrarem com a libré da inquisição, nunca se devolviam ao preso, propriamente livre como innocente ou reconciliado. O author e martyr da « Inquisição de Goa » livro que, pouco ha, citei, inventariando as ganancias dos inquisidores, diz: « Além da honra, authoridade, e lucros annexos ao cargo de inquisidores, de duas differentes maneiras lhes cresce a pitança; a primeira é, quando se faz leilão do espolio dos presos, em tudo que é bom mandam os inquisidores licitar por algum de seus criados, lanço com que ninguem concorre, desde que o criado se faz conhecer; e os objectos são adjudicados pelo mais baixo preço; a segunda maneira é que o producto dos bens confiscados, posto que seja levado ao erario, devolve-se logo ás mãos dos inquisidores, porque elles o requisitam, para costeamto das despesas secretas do santo officio, e ninguem lhes ousa pedir contas: de modo que o producto das confiscações reverte n'elles. »

— Ha um anno — tornou Lourença — que meu marido soube do capellão da Bemposta que tal cousa nunca apparecera.

— Isso me disseste para Amsterdam.

— É verdade: bem me lembro. . . E o filho do capellão, que é o almoxarife dos infantes, se souber que vós viestes de Hollanda, é capaz de vos procurar a vêr se descobre o segredo. Tende cautela com elle, que eu não lhe tenho muita fé, apesar de se mostrar muito compadecido do meu Antonio, e me dizer que pedira por elle aos infantes. Chama-se Duarte Cottinel Franco, andou com os meus filhos e com o Francisquinho Xavier na escola, e Deus sabe que elle foi causa de muitos desgostos da minha amiga D. Isabel, levando-lhe o filho para as noitadas da Bemposta, onde vão todos os perdularios e mulheres perdidas de Lisboa. Eu não gosto d'elle. . . Não sei o que me diz o coração d'aquelle homem, que me não fez mal nenhum! São scismas de quem anda sempre a tremer de falsos amigos. . . De mais a mais consta-me que elle é familiar do santo officio, e o pae é qualificador. Tudo isto vos conto, filhas, para que vos não confieis do tal Duarte Cottinel: basta-lhe ser filho de cigana, segundo dizem. O padre, que hoje goza boa fama, foi um dos mais libertinos clerigos de Lisboa. Agora, escolheram-no para qualificar e avaliar as culpas dos christãos novos, hereges e feiticeiros.

CAPITULO VII

Francisco Xavier de Oliveira, desde a hora em que foram presos Antonio José e o prior de S. Jorge, fez ao demonio da vingança um tão fervoroso voto como, annos antes, em perigo de naufragar, fizera á Senhora da Penha de França. A victima, que elle prometteu sacrificar na hecatomba do diabo, era aquelle Bartholomeu, filho do traductor da *Sentinella contra judeus*, e propugnador dos rabinhos dos mesmos.

Era incapaz de matar traiçoeiramente um homem Francisco Xavier. A sua robustez, muitas vezes provada com grandissimo dissabor dos seus adversarios deslombados, instigava-o a encarar de frente os inimigos, e esmagal-os, se a victima ficava entre elle e uma parede. Um só homem, em Lisboa, lhe disputava primazias em força : era um D. Henrique Hen-

riques d'Arroyos que sustentava durante quatro minutos na palma da mão a mó d'um moinho, e, arremessando-a depois, a fazia rolar a distancia de dez a quinze passos.

Em corridas de touros, um outro homem lhe competia em destreza e força : era o marquez d'Alegrete, Manoel Telles da Silva, que, n'uma festa da Senhora da Piedade, no pateo do duque de Cadaval, estando presente o rei, cortára cerce a cabeça a um touro d'uma só cutilada.

De si diz o cavalheiro de Oliveira que, aos vinte annos, agarrava um boi e o subjugava em singular combate. Ajunta que ninguem o venceu no atirar ao alto uma bala de ferro, que recebia na queda, e tres vezes successivas arrojava á mesma altura. Ora, um homem que assim brincava com uma bala de ferro devia de conjecturar que a cabeça de Bartholomeu em suas mãos não pesaria mais que uma avellã.

O seu maximo cuidado era sahir-se limpamente da empreza para não desgostar sua familia nem incommodar amigos no livramento.

Bartholomeu tinha uma quinta em Oeiras, sobre o mar, onde costumava passar o estio, em saborosa companhia dos seus livros, relendo e commentando as obras ineditas do pae, no intento de as estampar, quando a illustração publica merecesse tamanho brinde.

Francisco Xavier farejava-lhe a pista, sem revelar a ninguém o proposito com que miudamente galopava na estrada de Pedroços.

Uma tarde, quando se recolhia, já lusco-fusco, enxergou na praia do Dá-fundo o pensativo Bartholomeu que se passeava philosophando á beiramar. Francisco Xavier descavalgou, depois de ter relançado os olhos por sobre a praia deserta. Avisthou-se de Bartholomeu, e perguntou-lhe se achára nas suas meditações a causa efficiente d'uns rabinhos que surdiam do fim do espinhaço de certos judeus.

Bartholomeu tremia e balbuciava. Francisco Xavier, sofrego da oportunidade, perguntou-lhe se o não abrasavam remorsos de fazer desterrar inquisitorialmente um velho de sessenta e cinco annos, e de fazer esmagar na tortura os dedos de Antonio José da Silva. Bartholomeu preparava-se para arrancar alguns gritos do peito anciado, quando Francisco Xavier lhe disse, segurando-o pelo pescoço:

— Vm.^{co} precisamente arde de remorsos, e carece de refrigerio.

Dito isto, filou-o pelas roupas do costado, sacudiu-o para ganhar impulso com o balanço, e remessou-o ao Tejo. O homem escabujou alguns segundos á tona d'agua, sumiu-se, mostrou as pernas mais longe onde a resaca o levou, e não deu mais conta de si aos olhos attentos de Francisco Xavier, que

invocava as estrellas e a lua como testemunhas d'aquella boa acção de sua vida. O moço cavalgou placidamente, e, como quem depois d'um feito brioso tira a limpo os corollarios excellentissimos do acto, ia dizendo comsigo: « Se os christãos depuram os hereges no fogo, porque não hãode os homens racionaes depurar os fanaticos na agua? Façamos tambem aquaticamente nossos autos da fê.

Na madrugada do dia seguinte, a maré revessou o cadaver de Bartholomeu ao sopé da torre de S. Gião. A noticia chegou logo a Antonio José da Silva, que não sabia se devia folgar, se temer-se da possivel imputação do homicidio. Francisco Xavier encontrou-o n'esta vacillação, e disse-lhe:

— Não temas, parvo, que o infame denunciante morreu sem a mais leve contusão. Peguei-lhe geitosamente pelo estofo dos vestidos, e apertei-lhe o pescoço com tal cuidado, que o homem apenas passou pelo incommodo de beber agua á proporção das lagrimas que fez chorar. Estás vingado, é o grande caso. Se não te pude livrar da inquisição, livreí a humanidade d'uma fera.

— E estarei eu livre das outras? — perguntou Antonio José, com temeroso aspeito.

— Estás, se continuares n'essa tua hypocrisia salutar de te gastares por conventos de frades. Faz isso que é bom; mas a mim não me enganes.

— Cala-te! — acudiu o judeu — Cala-te que eu creio em Jesus Christo e na Virgem.

— Fazes muito bem, meu amigo; diz isso a toda a gente; diz-m'o tambem a mim. . .

— Se tu ouvisses o fr. Antonio Esteves de S. Domingos. . . Queria que o ouvisses! . . . Convenceu-me, reduziu-me ao puro christianismo com razões inexpugnaveis. Meu amigo, torna-te á tua fé antiga. Eu pedirei á Senhora da Penha que te illumine e converta áquelle fervor com que lhe pediste remedio quando as ondas te sossobravam. . .

— Pois sim, — atalhou Francisco Xavier — pede lá o que quizeres; mas conta-me alguma cousa d'aquella peregrina Leonor, formosa a mais não poder. Casas ou não casas? Olha que eu, se lhe não acodes depressa, vou galanteal-a! Á fé! não me leves isto em graça!

— Faz a tua vontade — disse triste e serenamente o Silva — Eu perdi o gosto da vida. O sangue, que me tiraram, era o do coração. Quebraram-me corpo e alma. A luz de esperança em cousas d'esta vida, apagaram-m'a. Não vês a minha tristeza sem intermittencia de satisfação? Tudo me enfastia, cobreí tedio de tudo! Como heide eu ir associar á minha desgraça aquella menina, tão de lucto já no coração de quinze annos! . . . Para mim e para ella ha vulções que nos refervem debaixo dos pés. D'um momento para outro, cahiriamos abraçados no abysmo

de fogo. Um inimigo basta para nos perder; um inimigo que disponha d'algumas consciencias vendidas! Que se não casem homem e mulher em cuja frente a sociedade abriu a ferro o estigma da maldição! Dous malditos que se reproduzem em filhinhos amaldiçoados do mundo! A mãe hade arrancar o peito da bocca da creança para seguir o enviado do santo officio; a creança, agonizando de fome, não terá seio de christã que se lhe abra! Tu não vês uns meninos esfarrapados, que se aconchegam uns dos outros no coberto de S. Domingos? São os filhos dos hebreus, que já morreram queimados, e d'outros, cujos gemidos elles poderiam ouvir, se collassem os ouvidos ás paredes negras da casa santa, e se os guardas dos calabouços não cortassem com um tagante as carnes dos que gemem. Aquelles meninos não deviam ter nascido! Foram gerados na maldição. Foi perversidade dos paes darem a este mundo aquelles padecentes, que vão alli estender as mãosinhas descarnadas...

— Aos verdugos de seus paes — atalhou Francisco Xavier.

Antonio José da Silva fitou com penetrantes olhos o amigo, deixou depois cahir o rosto sobre o seio, e murmurou:

— É assim... é assim. Os paes e mães d'aquellas creanças mataram-nos elles; esmagaram-nos debaixo do madeiro do Crucificado...

E, erguendo-se de vertiginoso salto, exclamou :
— Scelerados ! scelerados ! que mal fiz eu para martyrio tão longo ! Se tu viesses como estes ossos das mãos me rangiam entre duas laminas de ferro que se queriam ajuntar atravez das fibras... E o sangue a espirrar debaixo da pressão do torniquete... Olha !...

E mostrava-lhe as fendas da carne esphacelada, e por entre ellas o roixo dos ossos, com laivos de sangue e o amarellido dos tendões que pareciam cancerados.

— E podes ainda levantar essas mãos ao Deus de Domingos de Gusmão !? — perguntou ironicamente Francisco Xavier, voltando o rosto do espectáculo nauseento das feridas ressumando pus sanguineo.

Antonio José pensou por momentos, e disse :

— Não me tentes !... deixa-me crêr para ter vontade d'outra vida... Este mundo, sem fé, sem esperança, é um horror inconcebivel.

— Pois crê ! — voltou Xavier — mas crê como homem que rejeita Moisés e o divino Christo. Crê em Moisés como n'um legislador barbaro, e em Christo como n'um reformador dulcificado pelas doutrinas de Socrates e de Philon. Crê no destino do homem para além d'esta vida. Crê na virtude sã dos sectarios de todas as religiões : crê que o verdadeiro Deus está no coração do mahometano virtuoso, do hebreu

honrado, do christão caritativo, do brahmans.inoffensivo. Sé hypocrita, se te é precisa á vida essa vil qualidade ; mas não pervertas a tua intelligencia, não aniquiles os teus dons de altissimo engenho, não bestifiques as tuas luminosas faculdades.

CAPITULO VIII

Francisco Xavier percorreu longo tempo.

Escutava-o silencioso Antonio José da Silva. Quando o filho do contador-mór se retirou, a razão abafada do moço conflagrou-se, como o rápido alar-se da chamma, que rompeu subita por entre as vigas da casa incendiada.

Resaltou-lhe a alma do quietismo lethargico em que passava os dias, no mais recondito e escuro de sua casa. Agitavam-no furias blasphemias que intimidavam a familia. Extenuado dos sacões que fazia com os braços ainda quebrados dos jejuns e dôres do carcere, cahia prostrado e febril.

Esta agitação d'alguns dias acabou em socegado repouso e lucido entendimento. Era, já conversavel e judicioso em suas praticas. Ia com seu pae ao escri-

ptorio, e applicava-se ao estudo da jurisprudencia com tenacidade. Descontinuou as visitas aos mosteiros; mas, tal qual vez, escrevia a dous frades, que se lhe tinham figurado mais doutos que o commum, e estranhos aos processos inquisitoriaes, e talvez avessos e censores do procedimento do santo officio em grande parte dos seus actos. Ao diante, os dous frades hão de dar de si tão boa conta que a posteridade haja de os louvar como honrados amigos e defensores do talentoso hebreu.

A longos termos, Antonio José da Silva visitava Sára, nos primeiros mezes. Depois, amiudaram-se as visitas. Por fim, ao cabo de um anno, o coração do moço não estava socegado na presença nem na ausencia de Leonor. Esperança inquieta ou inquieta saudade divertiam-lhe a idéa do estudo, mormente do arido estudo do direito, posto que elle, vasta capacidade para tudo, despachava os feitos que seu pae considerava dignos de mais habil e engenhoso articulado.

Já o bacharel, quando Oliveira lhe pedia venia para galantear a judia adoravel, sorria ao requerimento jocosos do amigo, e aconselhava-o que dissesse de sua justiça no tribunal d'ella, por ser o competente.

Com as alvoradas do amor, dilucidou-se a escuriza de suas cogitações, desnoitou-se-lhe o coração, repontaram idéas claras e alegres, e, a poucas voltas,

faz-se dia esplendidissimo, vida nova no intimo e no exterior do moço.

Renascem o gosto e vocação da comedia. Rebuscou os seus papeis esquecidos ; uns poucos existiam ainda, que o maior numero d'elles rasgara-os João Mendes, receiando que o santo officio fizesse busca e lhes espremesse a heretica peçonha que elles, apertados entre mãos de inquisidores, gottejariam certamente.

A opera, ou comedia, que Antonio José predilectamente polira e repolira em Coimbra, como peça com que tencionava estrear-se, era a *Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*. Esta, e mais outras com que, mais tarde, o hebreu levantou a meio a quebrada columna de sua gloria, lia elle á numerosa assembléa de fidalgos que Diogo de Barros convidava em honra do engenhoso moço. Estas leituras, por onde o seu nome se divulgara até ás camadas inferiores da cidade, ser-lhe-hiam de muito desprazer, se Leonor as não agradecesse, como favor e brinde feito especialmente a ella. De certo era ; que a indole melancolica de Antonio José da Silva desdizia das gargalhadas com que o auditorio victoriava as scenas ridentissimas do *D. Quichote*, da *Esopaida* e do *Amphitrião*. E todavia, Leonor, ceremoniosamente, e não do coração lhe agradecia. Do *D. Quichote*, especialmente, uma scena das mais comicas, sem ser das menos urbanas em linguagem — esméro pouco usado dos dramaturgos francos e

populares d'aquelle tempo — repetiam-na de memoria os admiradores de Antonio José da Silva. É a scena VIII. *D. Quichote* declama em soliloquio n'uma floresta, e diz :

« Ha dias que trago no pensamento uma cousa que me tem causado grande cuidado ! Dar-se-ha caso que os meus inimigos encantadores tragam transformada a belleza da senhora Dulcinéa em a figura de Sancho Pança ! E os motivos que tenho para isso é vêr a paciencia com que este escudeiro me atura as minhas impertinencias sem salario nenhum ; e vêr que jámais foi possivel vêr eu Dulcinéa no seu original e nativo esplendor. Tudo póde ser que seja ; pois se leem, nos antigos livros de cavallaria andante, outras transformações de nymphas, ainda em mais ruins figuras, qual a de Sancho Pança, e porque este pensamento não é fóra de conta, bom será averigual-o, que a diligencia é mãe da boa vontade. *Entra Sancho.*

Sancho

« Senhor, o rocinante está esperando que vm.^{co} o cavalgue, e tem dado taes relinchos, pulos e... ¹ que supponho nos prognostica alguma boa ventura.

¹ N'aquelle tempo, usavam-se pouquissimo as reticencias. Hoje, devo presumir que alguns termos populares das comedias do judeu, se os eu trasladasse, fariam que o livro cahisse da mão enluvada e melindrosa que o abriu.

D. Quichote

« E, se bem reparo agora nas feições d'este Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcinéa ; porque, sem duvida, Sancho, ás vezes, o vejo com o rosto mais afeminado, que quasi me persuado está Dulcinéa transformada n'elle.

Sancho

« Meu amo está no espaço imaginario ! *á parte.* Ah ! senhor, toca a cavalgar, que o rocinante está selado e o burro albardado. Senhor, *vm.º* ouve ?

D. Quichote

« Sim, ouço. Que seja possível — prodigioso enigma do amor ! — galharda Dulcinéa del Toboso, que os magicos antagonistas de meu valor te transformassem em Sancho Pança !

Sancho

« Ainda esta me faltava para ouvir e que atuar ! *á parte.* Que diz, senhor ? está louço ? com quem falla *vm.º* ?

D. Quichote

« Fallo comtigo, Sancho fingido, e com Dulcinéa transformada.

Sancho

« Se *vm.º* algum dia tivesse juizo, dissera que

o tinha perdido. Que Sancho fingido ou que Dulcinéa transformada é esta?

D. Quichote

« Não sei como agora falle, se como a Sancho, se como a Dulcinéa! Vá como quer que fôr: Saberás que os encantadores tem transformado em tua vil e sordida pessoa a sem igual Dulcinéa! Vê tu, Sancho amigo, se ha maior desafôro, se ha maior insolencia d'estes feiticeiros, que em mascarar o semblante puro e rubicundo de Dulcinéa com a mascara horrenda da tua torpe cara!

Sancho

« Diga-me, senhor, por onde sabe vm.^{oo} que a snr.^a Dulcinéa está transformada em mim?

D. Quichote

« Isso é o que tu não alcanças, simples Sancho; pois sabe que nós, os cavalleiros andantes, temos cá um tal instincto que nos é permittido conhecer onde está o engano e transformação pelos effluvios, que exhala o corpo, e pela physionomia do rosto.

Sancho

« . . . Que parentesco carnal tem a minha cara com a da snr.^a Dulcinéa? Ora eu até aqui não cui-

dei que vm.^o era tão louco! Cuido que nem na vida de vm.^o se conta semelhante desventura!

D. Quichote

« Quanto mais te desconjuras mais te inculcas que és Dulcinéa; deixa-me beijar-te os átomos animados d'esses pés, já que me não permittes tocar com os meus labios o jasmin d'essa mão, dulcíssima Dulcinéa! *Chega-se D. Quichote para abraçar Sancho.*

Sancho

« Aqui d'el-rei que não sou Dulcinéa! Tire-se lá! olhe que lhe dou uma canellada!

D. Quichote

« Ora, meu Sancho, diz-me aqui em segredo se és Dulcinéa, que eu te prometto um premio.

Sancho

« Como, senhor, lh'o heide dizer? Sou tão macho como vm.^o

D. Quichote

« Sancho, n'esse mesmo dengue agora confirmo mais que és Dulcinéa.

Sancho

« Ora leve o diabo o dengue! Que queira vm.^o

que á força seja eu Dulcinéa ensanchada, ou Sancho endulcinado ! Ora pois, já que quer que eu seja Dulcinéa, chegue-se para cá que lhe quero dar dous couces.

D. Quichote

« Tu me queres dar couces ? Agora vejo que não és Dulcinéa ; pois Dulcinéa tão formosa e tão discreta, nunca podia ser besta, nem ainda transformada para dar o que me offereces com a tua grosseria.

..... 1

¹ José Maria da Costa e Silva, na parte do seu dictionario bibliographico que diz respeito a Antonio José, escreve o seguinte : « Bocage fazia grande apreço das comedias de Antonio José, e a respeito de *D. Quichote* referirei uma anedocta sua, que mostra que elle lia estes dramas com reflexão, e sabia investigar suas bellezas. Indo eu uma vez visital-o, durante a sua ultima enfermidade, achei-o deitado de bruços sobre a cama, com um livro na mão, e rindo como um doudo. « Que livro é esse, lhe perguntei, que te provoca tanta hilaridade ? — São, respondeu, as operas do judeu, e achei aqui no *D. Quichote* uma idéa tão bufona, tão extravagante que admira haver escapado a Cervantes. » E depois d'algumas gargalhadas leu o seguinte... (É a scena VIII que trasladéi.)

« Acabada esta leitura — prosegue Costa e Silva — algumas vezes interrompida pelo riso, Bocage proseguio : « Então ? que te parece ? não é isto uma lembrança bem original, bem graciosa e bem propria ? e o judeu não soube tirar d'ella um grande partido produzindo uma scena bem comica ? Oh ! esta idéa devia ter occorrido a Miguel de Cervantes ! »

Até aqui o amigo de Bocage.

Que outra ordem de considerações mais litterarias e philosophicas não faria Elmano, ponderando o ingente infortunio do engenhoso hebreu, mormente nos dias que passou no carcere da inquisição ! Manoel Maria Barbosa do Bocage, se lá tivesse entrado cincoenta annos antes, não sahiria para mais longa vida que Antonio José da Silva. As feras de Domingos de Gusmão, na época de Bocage, rugiam apenas, acorrentadas á jurisprudencia civil. O marquez de Pombal arrancara-lhes os dentes, e emprestara-lh'os uma vez para despedaçarem o padre Malagrida.

CAPITULO IX

Lourença Coutinho, como visse restaurar-se o amor ao estudo, o gosto das comedias, e o contente viver do filho, entendeu activamente no consorcio almejado e promettido de tão longe. Contava ella com a vontade do seu Antonio, e tinha como segura a condescendencia de Leonor.

Enganou-se na mais importante parte dos seus calculos.

Leonor, assim que sua mãe formalmente lhe lembrou os antigos compromissos, respondeu que sempre considerára brincadeira de sua mãe com a mãe de Antonio o contracto de união eterna entre duas pessoas, uma das quaes nasceu alguns annos depois. Ajuntou que aceitára a correspondencia de Antonio José, para não desagradar a sua mãe, e na esperança de, alguma hora, se aproximar e sentir por elle

o interesse que a distancia não podia inspirar-lhe. Acrescentou e concluiu dizendo que o facto de se aproximarem não era bastante a resolvel-a a casar-se, nem a sua idade era ainda propria de tão grave decisão. Pedia, pois, cinco annos de espera; e, aos vinte, se decidiria.

Estas razões, litteralmente traduzidas, queriam dizer que o não amava. Isto não é censuravel nem extraordinario. O que a mim me quer parecer louvavel pouco menos de nada é que Leonor, farta de ouvir contar as travessuras, os escandalos e a libertinagem do amante de Joanna Victorina e d'outras do mesmo jaez, não obstante, sentisse e escondesse de todos profunda e devoradora paixão por Francisco Xavier d'Oliveira, desde que, á sahida do tribunal de Valhadolid, viu de novo o gentil moço que a tinha querido salvar, e a sua mãe, pela porta da sacristia! O caso não se recommenda aos louvores de quem lê, repito; mas não é estupendo nem culpavel. Leonor vira a anciedade inutil d'aquelle portuguez, soubera depois que a rogos d'elle sahira pelas desamparadas presas o alcaide; via-se livre; e, apenas livre, dava d'olhos e de coração reconhecido nos olhos e talvez no coração do bello rapaz, que sahira de sua terra para, ao lado do velho Barros, lhe ser guia e companheiro. Raros amores e até poucas paixões nascem e flammejam tão desculpaveis e bonitas!

Francisco Xavier, posto que não por amor, antes por cavalheirismo e obsequio ao seu amigo encarcerado, fosse a Valhadolid, durante a jornada teve uns vislumbres do sentimento que fizera nascer. Fechou os olhos da alma para não vê-los; todavia, o coração não se retrahia de todo em todo aos honestos commettimentos da lindissima judia. Francisco Xavier dizia entre si: « Se elle a não amasse! . . . » e ella provavelmente iria dizendo: « Se elles se não estimassem. . . »

Ambos comprehenderam e como em silencio se communicaram o melindre de suas posições.

Ora é certo que Francisco Xavier estava maniatado áquelle baixo amor da cigana; estava, e com pejo de si pesava entre mãos o gravame de tão vergonhosos ferros; póde ser, porém, que os quebrasse de impetuoso empuxão, se Leonor lhe dissesse: « Tenho liberdade para ser tua; podes amar-me sem deshonra. »

Viam-se frequentes vezes na sala de Diogo de Barros. O rosto de Leonor alumiava-se, quando o jovial rapaz entrava, contando bruscamente aventuras da devassa camarilha do Salomão portuguez, ou rasgadamente verberava a hypocrita devassidão do clero, sem que os brados da mãe o cohibissem. Leonor antes queria este arrojo que o assustadisso acanhamento de Antonio José; antes as risadas estridulas do amante das ciganas que as deplorativas lamen-

tações, e concentrada amargura do flagellado dos carceres; antes a descripção energica e fogosa de uma péga de touro que a leitura d'uma comedia.

Uma vez, bem se lembram, perguntava Francisco Xavier ao seu amigo se amava Leonor. A resposta foi de feitio que o mancebo poderia, sem desdouro, aceitar a alma que se lhe offerecia sem grandes rodeios. Não o fez assim. Viram que elle curou de afastar as nuvens de sobre o coração do amigo, para que o amor da israelita podesse lá chegar com o calor da esperança e das alegrias. Depois, ao passo que Antonio José cobrava alento e se reanimava debaixo do olhar menos amoravel que piedoso de Leonor, Francisco Xavier afastava-se, pretextava jornadas, occupações, divertimentos, e, — Deus e elle sabiam a dôr do sacrificio! — contava na sala de Diogo de Barros, em presença da pallida menina, as suas paixões passadas, os seus amores presentes, e as suas esperanças em designadas mulheres da melhor fidalguia, umas para amantes, e outras para d'entre d'ellas eleger a esposa, a companheira da vida.

E, no entanto, Lourença Coutinho admirava-se e offendia-se das hesitações de Sára, toda vez que ella a interrogava não já sobre a vontade da filha, senão sobre o tempo de se casarem os promettidos noivos.

— Pois tu não sabes? . . . — perguntava Lourença — Não sabes quando será?!

— Não sei. . . — respondeu Sára emfim muito

apertada pelas importunações da amiga. — Não sei, porque Leonor não declara quando, e eu, obedecendo á vontade do meu Jorge, não a obrigo a declarar-se; o mais que posso é aconselhal-a; e muitas vezes lhe tenho inculcado as vantagens d'este enlace; mas, se ella me diz que só dos vinte annos em diante se hade resolver, que queres que eu lhe faça? Esperemos, Lourença. Teu filho está novo; ella está uma creança; os haveres de parte a parte são por em quanto poucos. . . Esperemos, minha amiga, e gozemos com a felicidade de vêr que elles se amam tranquillamente, e não desconfiam da lealdade um do outro. . .

— Mas o meu Antonio não cessa de perguntar. . . — atalhou Lourença.

— Responde-lhe isto mesmo. Diz-lhe que se goze da sua liberdade n'estes cinco ou seis annos, que lhe não hade faltar tempo de viver captivo dos encargos de marido e pae. Quanto mais cedo se casarem, maior numero de filhos hãode deixar para ahi provavelmente pobres.

Esta resposta espinhou vivamente o amor proprio e o coração tambem de Antonio José. Deliberou-se a interrogar Leonor, suspeitoso de que, por acanhada modestia, e melindre talvez inconveniente, desmerecesse no conceito da energica filha de Jorge de Barros. Mais dolorosa suspeita o feria, e era temer-se de que a bisneta do contador-mór, e a des-

cedente dos Telles por sua avó materna, se quizesse esquivar ao desdouro de alliar-se a um homem da classe mean, neto de fazendeiros e bisneto de pobres colonos judeus, que tinham ido de Portugal para a capitania do Rio de Janeiro.

Resolvido a desenganar-se por si, procurou o lanço de estar a sós com Leonor. Foi mais lastimavel que eloquente. Almas aquecidas ao fogo mystico do ideal, são as menos idoneas para expressarem affectos grandes sem se apoucarem n'alguma baixeza, de que raras mulheres levantam o homem. Convinha-lhe um airoso orgulho; o amor abateu-o á humildade. A mulher que ama não conhece isto; a que é tão sómente amada chama-lhe impertinencia e sem-saboria.

Não obstante, Leonor dava-lhe a compensação da delicadeza; e á poesia da paixão respondia-lhe com a poesia da esperança. Era cedo, dizia ella, cedo para si e cedo para elle.

— Eu tenho sido desgraçada — ajuntava Leonor — Fiquei triste, muito mais triste do que era, desde a prisão de Valhadolid. Estou a convalescer das torturas da alma, que principiaram com o fallecimento de meu bom pae. As lagrimas ainda hoje me afogam, quando me lembra, que é para sempre, a irremediavel perda que soffri. É preciso muito coração para a gente passar d'estas tristezas ao contentamento de esposa; e aquelles que se casam, na esperan-

ça de despirem depois os luctos da alma, vão enganados: é o que eu penso, e nem meu tio Diogo nem minha mãe sustentam o contrario.

— Sustento-o eu — disse Antonio José da Silva.

— Com aquella decima jocosa que sua mãe mandou para Amsterdam?

— Não, Leonor. Não fallemos gracejando. O homem, que escrevia aquellas trovas, acabou. D'ellas me recordo escassamente. . . . Vejo-as como folhas seccas da minha primavera. O que eu hoje lhe deveria dizer em verso, não sei eu dizel-o. Lagrimas não se escrevem: ou as decifra a mulher que ama, ou, senão, Deus. Porque me não ama, Leonor?

— Quando lhe disse eu que o não amava, snr. Silva? . . .

— *Snr. Silva*. . . Que urbano tratamento! — acudiu o hebreu, com dilacerante sorriso — Que desengano! que calumnia eu lhe assacava quando á minha consciencia dizia que a snr.^a D. Leonor de Barros me amava. . .

— Eu não sou D. Leonor de Barros — atalhou a filha de Sára — Sou Leonor Maria de Carvalho. Meus avós maternos appellidavam-se Carvalhos. O nome de meu pae tenho-o no coração; mas não careço d'elle nem para venerar sua memoria, nem para me fazer respeitai do mundo. Meu pae tem illustres parentes em Lisboa. Não quero que elles o maldigam porque deu os seus fidalgos appellidos á filha de

Sára, á neta d'uns judeus, que as chammas queimaram ha cincoenta annos em Lisboa. Chame-me, pois, Leonor Maria de Carvalho, que eu heide provavelmente assim morrer.

Antonio José da Silva tomou delicadamente a mão de Leonor, e disse-lhe com mavioso enternecimento:

— Abra-me com esta mão a porta do paraiso.

— Quando fôr tempo, se Deus assim o tiver destinado.

— Diga-me, ao menos. . . que não chore. . .

— Não chore, que os homens a chorar não parecem bem.

— Que fria alma! — murmurou Antonio José.

Entraram pessoas á casa onde correu este dialogo. Vinha entre ellas Francisco Xavier d'Oliveira, que relanceou olhos suspeitos ao semblante do seu amigo, e viu lagrimas. Ao mesmo tempo, encarou em Leonor, e traduziu a vehemente satisfação que a alvoroçára, no instante em que o vira.

Tomou o braço de Antonio José da Silva, e passou com elle ao jardim do palacete. Pediu-lhe explicação das lagrimas. Silva carecia de respirar no seio do seu melhor amigo. Abriu-se, expandiu-se, desatou novos prantos dos olhos injectados, e referiu summariamente a pratica dolorosa que tivera com Leonor.

Francisco Xavier escutou-o silencioso; fez com elle alguns giros no jardim, e voltou á sala.

— Que novidades conta, snr. Xavier d'Oliveira? — perguntou uma das damas da casa.

— Não sei quasi nada, minha senhora.

— Teremos brevemente touros? — perguntou um neto de Diogo de Barros.

— Provavelmente teremos, porque chegou a noticia de se ter celebrado o casamento do principe D. José com a infanta de Hespanha. Logo ouvirão o repicar dos sinos que pedem luminarias. No dia 13 vai o nosso amigo conde da Ericeira ao paço recitar um discurso panegyrico sobre os desposorios da princeza das Asturias, e o marquez de Valença recita o panegyrico do principe. Estes dous sujeitos, de quem aliás somos amicissimos, se lhes fecharem a valvula dos panegyricos morrem entouridos. Andam ha vinte annos a esmoucar as paredes do templo da memoria a vêr se lá se enfiam por uma fenda. Parece-me que os vindouros não lhes hão de dar mais importancia do que a mim!

— Cala-te, má lingua! — disse o ancião Diogo de Barros — Deixa lá os nossos sabios trabalhar na redempção das letras patrias. Nem todos hão de fazer versos... e travessuras, como tu.

— Versos e travessuras, meu presado amigo, está tudo por um fie. As rapaziadas cedem o passo á circumspecção, que vai abrir-me o seu placido abrigo.

— Abi vem uma mentira das tuas, Francisco! — disse Diogo — Temos o Roberto do Diabo casado! é o que nos queres encampar?

— É o que vai succeder, snr. Diogo de Barros — redarguiu com gravidade Francisco Xavier — Se eu citar o respeitavel nome da senhora que vai ser minha esposa, espero que me façam a justiça de crêr que eu não viria aqui zombar, associando ás minhas brincadeiras o nome de uma menina que v. s.^a, e todos que a conhecem consideram.

— Se assim é — disse Diogo — podes dizer, que todos te acreditaremos; mas reflexiona, Francisco! . . . Não te responsabilises a dar explicações, se o casamento se não realisar; nem queiras que a sociedade as dê, se as tu não deres.

— Reflecti — disse Xavier d'Oliveira — A senhora com quem vou casar-me é D. Anna Ignez de Almeida.

— Nome respeitabilissimo, na verdade — acudiu Diogo de Barros — tanto por nascimento como por virtudes herdadas e proprias. Conheci muito de perto o pae d'essa menina, quando ambos eramos ouvidores na India. Elle dirá qual de nós volveu de lá mais abastado; mas o certo, a que elle não pôde faltar, é que pobres fomos e pobres voltamos. Cada um de nós casou com sua prima, e então tivemos casa. Eu desisti da carreira para cuidar dos bens; elle seguiu os lugares, e pela escala da probidade

subiu a desembargador do paço. Parabens te damos, Francisco, e a teus paes. Ligas a virtude de teus avós ás virtudes de uma estrema da familia, tão antiga como a tua. Sé digno do favor da Providencia Divina!

Durante o dizer de Diogo de Barros, Leonor sahio da sala, pretextando qualquer cousa. Francisco Xavier viu sem reparar; Antonio José da Silva viu e reparou. As restantes pessoas olharam-se reciprocamente. Uma das senhoras disse:

— Eu dou-lhe os emboras, snr. Xavier; mas...

— Mas que, minha senhora? — perguntou Oliveira.

— Consta que D. Anna d'Almeida é muito doente do peito, e promette pouca vida.

— Assim dizem — tornou o moço —; mas quem tem tanta vida no coração dará d'ella a remanescente para alimentar o corpo, que é o mais facil de sustentar. E, se a vida do coração não bastar, dar-lhe-hei da minha, que é muita e fará o milagre de resuscital-a.

Annunciou-se na sala que Leonor estava em ancias afflictivas. Sára sahio logo accelerada, e as damas seguiram-n'a.

Antonio José da Silva acercou-se de Francisco Xavier, e disse-lhe á puridade:

— Leonor amava-te.

— E eu estimava-a muito a ella, e por igual a ti. Faz de conta que não comprehendemos este in-

cidente. É necessario que ella me odeie, se por ventura as tuas suspeitas são fundadas.

Os cavalheiros conversaram sobre cousas do estado. Volvidos vinte minutos, Leonor entrou na sala com risinho e composto semblante. Os homens rodearam-n'a com perguntas sobre o seu estado.

— Não foi nada — respondeu ella — Foi uma pequena dôr que a amizade de minhas primas exaggerou. Sinto-me boa.

A conversação continuou.

Leonor nunca estivera tão animada. Fallou dos portuguezes poetas com quem travára conhecimento em casa de seu pae. Recitou algumas poesias d'um judeu de Leiria chamado Manoel do Leão, que lá viveu, cantando as festas de Portugal, e lá morreu para que a patria o não levasse ao capitolio d'algum aucto da fé. Citou muitas poesias do judeu; disse, porém, que para si a mais dilecta era uma que principiava :

*Recolheram-se os soes, fechou-se o dia,
mas não se abriu a noite, pois se via
outra manhã.*¹

Muitos comprehendiram a allusão.

Pobre menina! cuidou que eram todos tolos, exceptuado Francisco Xavier d'Oliveira.

¹ Veiu a poesia no *Triumphe lusitano* — impresso em Bruxellas em 1638. Manoel do Leão morreu em Amsterdã de protractada idade.

CAPITULO X

Annunciou-se no portão dos Barros o almoxarife do palacio da Bemposta, para haver de fallar á viuva do snr. Jorge, neto do contador-mór Luiz Pereira de Barros.

Sára, assim que recebeu o aviso, lembrou-se logo do Duarte Cottinel Franco, e da mysteriosa aversão de Lourença Coutinho ao amigo de seu filho.

Duarte, entrado á presença de Sára, expoz diffusamente o proposito da sua visita, fundada nos boatos correntes a respeito d'um thesouro enterrado na quipta da Bemposta, d'um annel transmittido com o segredo do thesouro a Jorge de Barros, e da clausula da escriptura de venda da dita propriedade, mostrando o traslado que elle Duarte fizera tirar da nota do

tabellião. Dito isto, declarou ser desde menino particular amigo de Antonio José da Silva, o qual, segundo a voz publica, brevemente esposaria a filha do snr. Jorge de Barros. Ajuntou, com muitos recamos de palavriado, que elle desde muito pensava em ser o restaurador d'aquella riqueza soterrada; e lamentava que a viuva e filha de Jorge de Barros vivessem pobremente podendo gozar-se de rica independencia. E, por tanto, concluindo ao fim de estirada parlenda, ia elle solicitar de Sára que consentisse em ser rica, dignando-se confiar da probidade inteira e da amizade extremosa do amigo de seu futuro genro, ou o anel, ou a declaração do local onde Luiz Pereira de Barros enterrára o thesouro.

Sára, sem tergiversar, como quem já trazia de muito urdida a resposta, disse que poderia ser que o thesouro existisse na Bemposta, ao tempo do fallecimento do avô de seu marido; sabia, porém, que o revolvimento dos alicerces e jardins da casa, feito por ordem de sua sogra, provavelmente descobriu o cofre, se elle existia. Em quanto ao anel, disse que nunca vira a seu marido anel com tal significação, nem lhe constava que elle o tivesse.

Redarguiu Duarte Cottinel, lastimando-se de não merecer a confiança da senhora, e fazendo votos por que ella se não fiasse d'outrem, e arriscasse o completo perdimento da riqueza; dando assim a entender

que julgava mentirosa a negativa de Sára, e verdadeiro o boato do anel.

A viuva de Jorge, ao outro dia, perguntou a Antonio José se tinha em boa conta a probidade do almoxarife da Bemposta. Respondeu Antonio que, desde menino, o tractava, e sempre o encontrára leal amigo, homem de bem, e dotado das excellentes qualidades que em tão verde mocidade o fizeram digno do almoxarifado da Bemposta. Sára referiu o que passara com elle. Antonio José disse que a não aconselhava em cousa de tanto melindre, bem que, se elle fosse o senhor d'aquelle thesouro, insuspeitosamente communicaria o segredo a Duarte Cottinel Franco.

A viuva ouviu o parecer de Diogo de Barros, que foi contrario ao de Antonio José. A razão com que o velho desabonava o almoxarife não era judiciousa. « De tal arvore, dizia elle, não póde sahir bom fructo. Eu conheci o tal capellão da Bemposta, cujo filho é Duarte; conheci-o espião de Castella em Portugal e espião de Portugal em Castella. Foi frade, e secularisou-se depois. Vivia em mancebia escandalosa, e prégava sermões ás rainhas mulheres de D. Pedro II. Fez-se confessor dos infantes, capellão-mór, e qualificador do santo officio, tendo começado sua vida na forja do pae, que trabalhava de ferreiro á porta do marquez de Ferreira, á custa do qual fez frades dous rapazes e freiras tres raparigas, que em pequenitas vendiam arféloa na praça do Terreiro do

Paço e na feira do Rocio ¹. No entanto — proseguiu Diogo de Barros — póde ser que elle seja boa pessoa. Será; mas a occasião, diz o proverbio, faz o ladrão. Esperemos, minha sobrinha. Por em quanto, não se vos faz mister aquelle thesouro.

Duarte Cottinel, descoroçoado dos bons effeitos da tentativa, procurou Antonio José, para instigal-o a mover Sára. O hebreu desculpou-se dizendo, como sempre dissera, que não tinha certeza de existir thesouro nem o anel em poder de Sára.

— Mas, se casares com a filha — observou o al-

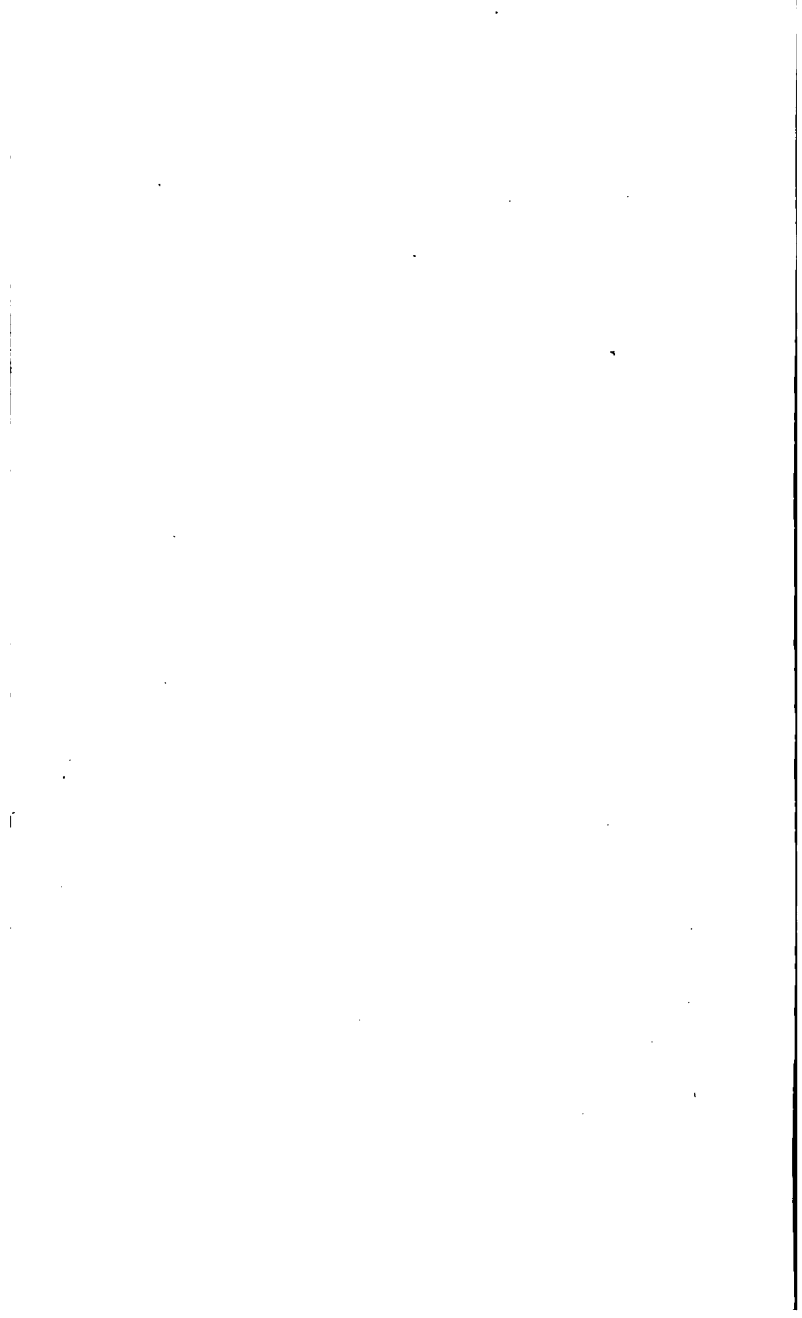
¹ O mercado das substancias alimenticias fazia-se diariamente no Terreiro do Paço, convisinho do palacio dos reis. No Rocio havia tambem feira todo o anno. O author da *Inquisição de Goa* que esteve em Lisboa, por 1677, mencionando a magnifica praça do Rocio, acrescenta: *Il y a toute l'année une espèce de foire dans cette place, et l'on y voit en tout temps des marchands étalez dans ces boutiques portatives, à peu près comme sont celles qu'on dresse sur le Ponte-neuf à Paris.*

Eu ainda vi reliquias d'esta feira ha trinta annos, em tempo que a *feira da Ladra* principiava na extrema do Rocio, e abraçava o *passeio publico* pelas duas ruas lateraes. Que saudades eu tenho d'uma nora que alli gemia no pateo do duque, e d'aquelles pucarinhos dos alcatruzes! Lastimo o leitor menor de quarenta annos, que não ouviu gemer a nora, nem viu aquelles alcatruzes do pateo do duque, e nem se quer apalpou, como eu, as paredes da *santa-casa* que pareciam exsudar sangue de hebreus. Hoje, no lugar dos alcatruzes, está um barbeiro, que é nora de parvoices politicas; no melhor da *feira da Ladra* param as seges de praça para darem idéa de que alli foi feira de farrapagem e correias revelhas; o restante da feira foi invadido por aquelle pragal do passeio, onde a gente goza sombra . . . de noite.

No local onde gemiam judeus, hereges e feiticeiros, uma vez por outra, geme a arte; e eu, desgraçadamente, d'este *officio* tão *santo* como o outro, tambem tenho sido inquisidor.

moxarife — e o anel te fôr na mão da esposa, já sabes que aqui estou para te desenterrar o cofre, e entregar-t'ó sem um ceutil de menos.

— Sei que o farás, Duarte, e de ti só confiarei o segredo, se algum segredo existe. Mas o mais certo é eu nunca possuir a mão nem o anel de Leonor...



CAPITULO XI

Dias depois d'aquelle inesperado annuncio de casamento, Francisco Xavier de Oliveira, desquitado da influencia magica da cigana, dava a mão de esposo a D. Anna Ignez d'Almeida, e logo na proxima semana era agraciado com a mercê de cavalleiro fidalgo da casa real, e cingia a espada de cavalleiro professo da Ordem de Christo.

Leonor, até então, para sustentar o fingimento, digamol-o assim, segurou a mascara na frente com penetrantes agulhas. Custava-lhe tormentos indiziveis aquella affectação de indifferença. Devia de estar-lhe muito enraizado n'alma aquelle amor, tanto mais violento no desengano, quanto abafado estivera no recondito do peito.

Sára adivinhou-a ; abriu-lhe com a chave da ter-

nura o mysterio ; achou uma fonte de lagrimas re-
prezadas. Ajudou-a a chorar, e diligenciava sempre
alliviar-lhe o coração, chamando-lh'as á face. Leonor
pediu encarecidamente á mãe que sabissem de Por-
tugal para Amsterdam. Lembrava-lhe as prophcias
que fizera, ao separar-se dos ossos de seu pae e do
affecto extremoso da sua querida gente, dos Sás que
tantos infortunios, com suas lagrimas, lhe agoura-
ram.

Não ousava Sára contradizer a filha; senão an-
tes lhe pedia que, por piedade, a não accusasse, que
o seu arrependimento lhe bastava para castigo e fla-
gello. Instava, porém, Leonor na volta para Hollan-
da, como meio de esconjurarem maiores infortunios,
que maiores lh'os presagiava o coração.

Queria Sára condescender ; mas não tinha força
para romper os laços com que a boa parentela de
seu marido a soubera prender, não tendo em vista
mais que honrar a memoria de Jorge, nas pessoas
mais queridas, por quem elle tanto soffrêra, e, ao
fim de breve e desgostosa existencia, deixára pobres.
Depois, não saberia Sára dizer que delicias lhe era
aquelle ar e viver em Lisboa, querida de fidalgos,
ameigada de damas, que se não dedignavam de a
chamarem sua prima. De mais d'isto, a amizade de
Lourença Coutinho, que não cessava de a querer
disputar á posse dos parentes. Sobrevinha ainda a com-
paixão de Antonio José da Silva, o qual, a juizo

d'ella, era dotado de excellencias raras, e proprias da felicidade d'uma esposa. Como se tudo isto não fosse empecço aos rogos de Leonor, acrescia ainda a esperança ambiciosa, mas razoavel, de possuir as riquezas da Bemposta, com as quaes sua filha poderia aspirar a moços de nascimento e bens de fortuna iguaes aos tão encarecidos e invejados dotes de Francisco Xavier d'Oliveira.

Assim foi protrahindo Sára a decisão, até que o tempo deliu a pouco e pouco o maior da dôr, de modo que Leonor, condoida de sua mãe, e gravemente reprehendida pelo tio Diogo, deixou de fallar na ida para Amsterdam, e aparentemente vivia conformada, sahindo raras vezes ás salas, e quasi nunca, se lhe diziam que lá estava Antonio José da Silva.

Entrou tambem o desesperar e o desenganar-se na clara razão do hebreu, depois que elle, com os pés sobre a dignidade propria, lhe escreveu lamentosas cartas ás quaes Leonor respondia com o silencio ou com uma sequidão ainda peor.

N'aquelle tempo, o poeta apaixonado não desdenhava o soccorro da musa para expressar a sua angustia. Nos tempos d'agora, seria ridiculo o malfadado amante que, em vez de prosa a rever lagrimas, enviasse á ingrata quadrinhas de syllabas accentuadas segundo a arte.

Nas operas de Antonio José da Silva, representadas annos depois, appareceram algumas trovas das

que elle enviára a Leonor n'aquelle periodo de excruciante desesperação. Nenhuma poeta de tomo quereria hoje assignar, em carta escripta á sua vizinha rebelde, as seguintes quadrinhas que o hebreu mandava supplicar misericordia aos pés da desamoravel menina :

*Toda a minha alma
Se abraza amante,
E a cada instante
Morrendo está.*

*Mais que os minutos
São meus ardores ;
Nos teus rigores
Conta não ha.*

*Mas, ai ! tyranna,
Se a quem te adora
Fosse esta hora
Hora d'amar ! ¹*

Se ao leitor se figura que este versejar em rondilha menor era improprio de alma apaixonada e queixosa ; se entende que o verso hendecasyllabo, e soneto, o magestoso soneto foi sempre o respiradouro dos grandes poetas, crucificados no amor, como o amante de Laura, e como o suspiroso cantor de Natercia, aqui tem um dos sonetos que a impassivel Leonor recebeu e leu enfasiada :

¹ *As variedades de Proteo* — Parte 2.ª Scena II.

*Não intento factores merecer-te,
LEONOR, quando chego a idolatrar-te ;
Que excedendo os límites só de amar-te
Nunca os principios toco de querer-te.*

*Com razão poderias offender-te,
Se ambicioso chegára a desejar-te,
Que, para ser mais fino no adorar-te,
Sem premio, o sacrificio heide incender-te.*

*Amar não é querer ; que impura ardéra
A chamma de Cupido, se esperára
Fructos, aonde tudo é primavera ;*

*E, se acaso, ó LEONOR, imaginára
Que na tua belleza premio houvera,
Pelo premio a belleza desprezára. ¹*

Parece mais engenhoso que apaixonado o poema. Cumpre, porém, saber, por honra do amante desditoso, que n'aquelles dias de decadencia litteraria e seculo de chumbo da nossa poesia, os poetas, não só amorosos, mas ainda pendurados no triangulo, expiravam proferindo trocadilhos, gongorices, marinismos, uma cousa triste de lér-se, na qual Antonio José ainda foi o menos peccador.

¹ Na mesma opera — Scena 1 da parte 2.^a Leonor, na comedia, é substituida por Cyrenne.

Hão de dizer os bardos modernos que esta poesia do hebreu é secca, desflorida, sem auras, sem borboletas. Não, senhores. Antonio José da Silva também fez á sua esquiva poesias com borboletas. Por exemplo :

*Borboleta namorada
Que nas luzes abrazada,
Quando expira nos incendios
Solicita o mesmo ardor...
Tal, ó Chlora, me imagino,
Pois parece que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appetença o teu rigor!*

Se com tudo isto, o poeta não lograva commover Leonor, o defeito não era da poesia, digamol-o em pró das camenas de nossos avós: defeituoso era o coração da filha de Sára, se é que podemos arguir maculas em objectos que sahiram das mãos de Deus, tão primorosos quanto nos cumpre presumir que elle se esmerasse na compostura interna do peito da mulher. Argumentamos fundamentados na perfeição exterior, feitas as excepções, que as ha deploráveis, por dentro e por fóra.

CAPITULO XII

Francisco Xavier forcejou por avassallar o espirito do hebreu a outra mulher. Nem Antonio José da Silva se deixava alcançar d'olhos que poderiam atar-lhe as azas da phantasia, nem as senhoras, parentas e conhecidas de D. Anna d'Almeida, se prestavam a ser amadas d'um judeu, que, dous annos antes, figurára no auto da fé. Francisco Xavier encomiava a levantada intelligencia do seu amigo; recitava com enthusiasmo os versos d'elle; abancava-o, nos seus jantares, á direita de sua senhora. Não era tudo bastante para que uma dama da sociedade alta se deixasse olhar duas vezes equivocadamente pelo filho da judia Lourença.

Antonio José olhou em si e comprehendeu a sua

posição aviltada nos salões de Lisboa. Refugiou-se na soledade do seu quarto, restabeleceu a intimidade que tivera com alguns frades, e comsigo e com elles passava as horas, umas de cogitar doloroso, outras de recreada palestra litteraria.

De longe em longe, visitava Leonor. Perante ella não proferia expressão amoravel nem queixosa. Escutava as conversações enfadonhas de sua mãe com a viuva; e, se Lourença, alguma vez, de industria ou eventualmente, fallava nos antigos projectos de casamento, em presença de Leonor, Antonio José desafiava a menina a sorrir dos designios exquisitos das duas mães.

Leonor invejava a sorte das monjas christãs. Aquelle quieto viver á beira da sepultura parecia-lhe o balsamo divino que a humanidade inventára para remedio dos seus desgraçados. Disse-o á mãe, que lhe respondeu soluçante. Communicou as suas esperanças e desejos ao tio de seu pae. Diogo de Barros achou louvavel o intento, menos a profissão, conjecturando de si comsigo que a raça materna lhe seria impedimento, que só os reis e os seus parentes costumavam vencer para darem habito a comicas e ciganas, umas que não podiam ser enterradas em sagra-do, e outras que nem baptisadas eram. Margarida do Monte e a Gamarro eram exemplos recentes, e mais recente ainda o da freira de Santa Joanna,

asente que havia sido de um dos infantes, mulher de mais encantos que vira Lisboa ¹.

Aceitou Leonor qualquer convento, e de qualquer modo. Pediu licença á mãe, coadjuvando-se dos rogos do tio. Depois de muito chorarem, mãe e filha, venceu Leonor, com promessa de passar alguns mezes de cada anno com a sua familia. Diogo de Barros preparou a entrada da sobrinha no convento da Encarnação, de religiosas commendadeiras d'Aviz. Não lhe foi difficil provar que D. Leonor Maria tinha sangue da primeira nobreza, prova condicional para poder entrar como pensionaria. Entrou alegremente para lá se engolfar nas suas tristezas. Má casa lhe escolheram para quem queria viver triste. As commendadeiras da Encarnação eram senbo-
ras joviaes, festeiras e dadas ao amor. As suas grades eram fontes de Vaucluse, onde mais felizes Petrarchas iam poetar. A liberdade, que estas professo-
sas benedictinas gozavam de sahir, sob a responsabilidade da visita amiga ou parenta que as ia buscar de manhã e levar á noite, era uma liberdade geradora d'outras muitas, que de si e por si geravam variados phenomenos de geração, com os quaes andam grandemente povoadas as genealogias dos grandes senhores e grandes senhoras d'estes reinos. Ain-

¹ Esta religiosa de appellido Silva morreu esmagada entre as quatro paredes da sua cella no terramoto de 1755. A belleza já devia ter morrido.

da assim, o vicio n'aquella casa tinha fidalga libré. S. Bento não se honrava de taes filhas, é isso verdade; mas a organização da sociedade de D. João v não as contava somenos elemento de seu luxo e policiamento.

Leonor competia com as mais bellas, e primava entre as mais discretas. Mostrou-se, deixou-se ouvir, deixou-se admirar, deixou-se amar; e, depois, sumiu-se no seu cubiculo. Chamaram-lhe exquisita, louca, ingrata ás dadas da opulenta mão da natureza. Não importou. Leonor não voltou aos palratorios, nem faltou aos seus deveres de pensionaria. Costurava muito, lia pouco, e não rezava nada. A filha de Jorge, em cousas de religião, cria em Deus, creador, todavia imperfeito, porque ella, á imitação de abalizados philosophos, errava como elles, não querendo vêr o perfeito no regirar evolutivo das harmoniosas imperfeições. Qual foi o author que disse: « homem solitario, das duas uma: ou santo ou demonio »? Da mulher sosinba, e de Leonor especialmente, direi que se ha santidade, sem beneplacito de Roma, sem camaldulas e sem agua-benta, santa era a filha da judia Sára.

Magoavam-na ainda as mordeduras da serpente do primeiro amor; soavam-lhe no seio uns rebates de saudades, que, por instantes, lhe ennoitavam a mais clara luz do sol da sua cella: assim era; mas ninguem lhe ouvia queixumes, a ninguem consultára so-

bre os linimentos de suas feridas. Sofria calada e risinha.

Alegremente recebia as visitas de sua mãe e parentes. Lourença Coutinho ia á Encarnação com o filho, e alguma vez o filho sem a mãe. Leonor recordava-se das brincadeiras de ambos, na Covilhã, porque a mãe lh'as entalhára na memoria, contando-lh'as frequentemente. N'isto passavam alguns minutos, e chamavam-se irmãos.

A visita de Lourença e do filho eram-lhe causa de dissabor, porque as fidalgas beneditinas conheciam de nome Lourença, mulher do letrado judeu João Mendes, e mãe do poeta Silva já penitenciado pela inquisição.

Leonor soffria calada os remoques ; não se queixava ao tio Diogo, por temer que a tirasse de lá. Aquelle soffrimento parecia-lhe menor que o viver e tractar com muita gente, e o não ter um cubiculo seu e defeso ás importunações.

E assim passou um anno, e cinco depós o primeiro, triste sempre, sempre inflexivel ás mavisas supplicas que lhe fazia a mãe no sentido de aceitar o nobre e leal coração de Antonio José.

Corria o anno de 1733. Leonor tinha vinte e um annos. Consoante ella tinha promettido, era chegado o tempo de decidir-se sobre o seu futuro. Perguntou-lhe a mãe qual era.

— Acabar aqui — disse ella — Quando a mãe

não poder dar-me a pensão, irei ser serva d'alguma senhora n'outro mosteiro. E Deus sabe que sacrificios a mãe terá feito para me sustentar aqui!...

— Nenhuns, filha. Ainda tenho algum do dinheiro que Simão de Sá nos deu, como liquidado da herança de teu pae. Decides não casar com Antonio?

— Nenhum de nós seria feliz. Não devo enganar-o. Falta-me o amor que elle merece. Desperdiçei-o... mas que remedio tem? Eu expio a minha cegueira, e elle abrirá os olhos quando Deus lhe mostrar mulher mais digna.

— E por quem te apaixonaste, filha!... — tornou Sára — Digno moço era Francisco Xavier; não t'o posso negar, nem sei desfazer n'aquelle brioso character; mas, logo que te elle deu como certa a sua indifferença, devias esquecel-o, filha...

— Não pude; fiz tudo que podia, minha mãe. Tive o pensamento de me matar!...

— Deus de Israel! — exclamou Sára.

— Pensava em matar-me, quando todos me viam rir, e fallar como toda a gente falla das cousas interessantes da vida. Eu sabia que, se o visse, depois, não podia aviltar-me; mas podia acabar commigo. Fugi-lhe para aqui. Poderia agora vê-lo sem alterar-me... Poderia... mas não quero experimentar. Ouvi dizer que Francisco Xavier enviuvou ha dias, e que tem o pae a morrer...

— É certo, filha.

— Pois tenho pena immensa d'elle, se amava a esposa, quanto eu creio que ella o amasse. . . Começa a ser infeliz; desanda-lhe a roda. Em quanto foi mau, tudo lhe sabia á medida do desejo; agora, que vivia honradamente, morre-lhe a mulher e o pae. . .

— E já me disse que sahirá de Portugal assim que lhe faltar o pae, porque não pôde viver entre estes desaforados hypocritas.

— Faz bem. Quem podéra tambem fugir d'aqui! . . . Se a mãe soubesse que sonhos. . . que presentimentos! . . . Porque hei-de eu presagiar para mim um desastrado morrer! . . .

— Como, filha?

— Lembro-me da inquisição! Tenho dias que me não sahe do pensamento o espectáculo horrendo! . . .

— Oh filha! . . . por misericordia, não me assustes! . . . — exclamava Sára.

E, poucas mais palavras ditas, a viuva sahiu da grade, e entrou em casa quebrantada, queixosa, e doente.

Poucos dias depois, Diogo de Barros foi buscar Leonor ao convento da Encarnação para assistir á perigosa enfermidade de sua mãe. Ao principio, quando Sára se queixava de dôres da alma e ligeiros achaques do corpo, não se inquietaram extraordinariamente as pessoas, que se esmeravam em dar-lhe al-

lívio n'outras ignaes doenças de espirito; mas, assim que a febre a prostrou, já a medicina a viu com desconfiança. A viuva de Jorge de Barros tinha cincoenta e quatro annos; alvejavam-lhe, porém, os cabellos como aos setenta. Desde a morte do marido, o envelhecer foi tão rapido que, ainda sem as angustias e terrores do carcere de Valhadolid, faria espanto em acabar-se e desfigurar-se assim a mulher, que aos quarenta annos dava invejas ás formosuras em flôr de juventude.

Leonor, abeirando-se do leito de sua mãe, compenetrrou-se da certeza de a perder. Ajoelhou-se a pedir-lhe perdão dos terrores que lhe incutira com as suas visões.

— Não foi isso, filha — disse Sára — A minha morte explicam-na os annos e as desgraças do passado. Vou d'este mundo afflicta... porque Deus te não levou diante de mim.

— Oxalá... — murmurou Leonor.

— Do mais, que é morrer? que sou eu n'este mundo?... que faço eu aqui se nem já me é concedido vêr-te feliz, pobre mulher?

A presença de Leonor parecia angustial-a mais. A menina retrahiu-se a um canto sombrio da alcôva para chorar escondida de sua mãe.

O progresso rapido da doença ao seu termo fatal não dava intermittentes á esperanza.

Ao quinto dia já a febre maligna se manifestára

com os peores *symptomas*. Os intervallos de razão lucida eram curtos.

Em um d'estes, Sára declarou que queria morrer na religião christã, porque sabia que seu padrinho Luiz Pereira de Barros morreria como um justo, e seu marido se confiára á Divina Providencia, em vida, e pedira no dia final os recursos de um padre catholico. Recebeu Sára os sacramentos com fervor de catecumena. Lourença Coutinho, israelita de consciencia, assistiu com desgosto á fraqueza intellectual da sua velha amiga, como ella dizia ao marido. João Mendes da Silva, que então contava setenta e nove annos, quando sua mulher escondia o rosto amargurado para não vêr as ceremonias da extrema-uncção, disse-lhe:

— Deus sabe onde está a verdade, Lourença! . . . Nesta religião de Jesus de Nazareth vejo que ha exemplos de vidas e mortes exemplares. Os christãos morrem com uma certeza de castigo e recompensa. . . e nós. . .

— Tambem — concluiu Lourença.

Um acêno de Sára, que parecia tranquilla depois de sacramentada, fez aproximar Lourença e Antonio José.

A moribunda pegou da mão de Leonor, e disse-lhe:

— Filha, attende á supplica de tua mãe. Pelas

agonias d'esta hora te peço que sejas esposa d'este infeliz moço.

Leonor beijou-lhe a mão, e murmurou :

— Sim, minha mãe. . . serei. . .

— Bem hajas do divino recompensador, filha do meu coração. . . Eu vos abençôo ; séde bons ; amai-vos. . . Antonio, deixo-te a filha de Jorge de Barros. . .

Antonio José da Silva ajoelhou ao lado de Leonor. Começou o arrancar da vida. Poucas mais palavras proferiu ; foram curtos e quasi serenos os paroxismos. Quando cuidavam que Sára abria olhos e labios para vêr e consolar quem a chorava, então foi ella que inclinou a cabeça para o hombro da filha, e expirou.

CAPITULO XIII

Leonor manteve a promessa feita á mãe expirante. Pediu que a deixassem despir o luto de orphã para vestir depois as galas de noiva. Era um anno de impaciente esperar ; mas deliciosa impaciencia para o hebreu. Já elle se não temia da quebra do juramento. E, para cumulo de felicidade, Leonor dissera-lhe que seria sua, tanto porque promettera, quanto, ou mais ainda, porque o desejava ser.

Morrêra, como se esperava, José de Oliveira, pae de Francisco Xavier. O conde de Tarouca, ministro plenipotenciario em Vienna d'Austria, elegeu Francisco Xavier d'Oliveira para seu secretario. Era esta a mais inquieta ambição do inimigo dos frades : sahir de Portugal, ir para onde pudesse desabafar contra os hypocritas, escolher uma religião, ou menosprezal-as todas, sem receio de ser incommodado.

Despediu-se de Antonio José da Silva vaticinando-lhe que nunca mais se veriam, salvo se o judeu procurasse terra, onde sua phantasia podesse florir ao sol de Deus, aquecer-se ao calor das idéas novas, e não estar sempre a recear-se do calor das fogueiras da fé christã.

Antonio José da Silva, cego d'amor, não teve olhos que vissem lagrimosos a ida do seu primeiro amigo. Sem temor de offender-lhe a memoria, abalanço-me a conjecturar que o judeu folgou de ver sahir de Lisboa o homem, cujo nome ainda alvorocava o peito de Leonor.

Sahiu de Portugal Francisco Xavier d'Oliveira em 19 d'Abril de 1734. Mais tarde, iremos no encalço d'este homem que vai indo sob o influxo de funesta estrella.

O contentamento espartou as glorias adormecidas de Antonio José da Silva, as glorias do theatro. A opera, que elle tinha concluida para ser posta em scena, era a *Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*. A companhia, que então representava no theatro do Bairro Alto, era boa e amestrada pelas lições e exemplo do famoso comico hespanhol Antonio Rodrigues, que em Lisboa vivia lauta vida em galardão de sua eminente habilidade ¹.

¹ No *Amusement périodique*, pag. 41 do 1.º vol., Francisco Xavier d'Oliveira, respeito d'aquelle actor, escreve: « Antonio Rodrigues,

Foi *D. Quichote* para ensaios, que o author dirigiu, por espaço de dous mezes com incalculaveis afflicções! O leitor entendido mais ou menos em arte dramatica, digne-se imaginar que mortificações alancearam o pobre author, para metter em ordem os seguintes personagens da peça :

Dom Quichote.	Apollo e as musas.
Sancho Pança.	Dous homens que são do moinho.
A sobrinha de D. Quichote.	Dous homens do barco.
A ama do mesmo.	Um fidalgo.
Thereza Pança, mulher de Sancho.	Uma fidalga.
Uma filha do mesmo.	Um meirinho.
Um tabellião vestido d'almocreve.	Um escrivão.
Uma saloia em um burro.	Dous homens que tocam rabecas.
Sansão Carrasco.	Um homem que toca rabecão.
Seu criado.	Um medico.
Um diabo que vem no carro.	Um cirurgião.
Outro diabo com muitos cascaveis.	Um taverneiro.
Um homem que vem com o leão.	Uma mulher moça com manto.
Belerma.	Uma mulher velha em corpo.
Montesinos.	Um escudeiro.
Um que está na cova.	A condessa das barbas.
Caliope que vem na nuvem.	Dous rebuçados.
	Dous homens para a audiencia.

Ora, todos estes personagens deviam obedecer mais ou menos ao ensino do poeta, incluindo o burro

hespanhol, sustentou-se com felicidade muitos annos no theatro de Lisboa. Era bonissimo poeta, philosopho, historiador, e palaciano. Era tão homem de bem quanto actor de merecimento. Do seu proceder honrado resultou-lhe uma pensão annual de cento e vinte moedas d'ouro que lhe dava o rei. Querido das mulheres, estimado da nobreza, e relacionado com muitos prelados do reino, até do povo se fez idolatrar. . . »

da saloia, e o leão do homem; porém, as zangas e desalentos de Antonio José da Silva eram incomparavelmente maiores no modo de fazer funcionar a tempo o chamado « aparato do theatro » peças de magnifico espectáculo, de que acintemente deu noticia para encovar o orgulho dos maquinistas modernos. Vejam :

Um carro com varias figuras dentro.

Uma capoeira sobre um carro, em que irá um leão, que sahe fóra a seu tempo.

Um carro em que vem Dulcinéa e varias figuras.

Dous cavallos, um de D. Quichote, e outro de Sansão Carrasco.

Dous burros, um para Sancho Pança, e outro para uma saloia.

O monte Parnaso com as musas, Apollo, e o cavallo Pegaso.

Um barco.

Um cavallo que vem pelo ar, e se lhe põe fogo.

Uma nuvem.

Um porco.

Este ultimo personagem não voltou á scena — digamol-o de passagem — desde Antonio José da Silva. Suppunha-se que o snr. Mendes Leal rehabilitasse o porco, aqui ha annos, quando povoou de camêlos o theatro normal. A occasião era aquella. Como passou, é de presumir que o porco se não logre de pisar outra vez o palco.

Vontade de ferro e coadjuvação dos primeiros talentos de Lisboa em tramoias theatraes, vingaram que a opera se mostrasse ao publico ancioso na noite de 14 de Outubro de 1733.

A ordem dos camarotes nobres estava adornada com as senhoras de primeira plana, que mal se viam por causa das gelosias. O *camarote dos frades*, assim denominado por excellencia, estava recheado de bons e devotissimos theologos, cujos narizes rubidos a custo podiam entrever-se atravez das rotulas ¹. Na platêa, a pressão era suffocante. Pagavam-se as entradas a moeda d'ouro; e, quando se annunciou que entrava em scena um porco e um cavallo que voava, os bilhetes subiriam a peça, se apparecessem vendedores.

As gargalhadas atroavam compactas desde a primeira scena. Riam os frades em contorsões de jubilo, espirravam as damas sympathicos frouxos de riso, ria toda a gente, menos os poetas de Lisboa, que se tinham enfileirado, de antemão compromettidos a não acharem graça á comedia do hebreu. Parece que presagiavam a trovoada eminente, e o raio fulminante da irrisão geral!

Chegou a scena VIII do 1.º acto. Ouvem-se musicas melodiosas.

« Não ouves, Sancho, uma suave harmonia? — pergunta D. Quichote.

¹ ... Cette loge s'appelle en portugais le camarote dos frades. Elle est placée au-dessous de celles qui ne sont jamais occupées que par les dames de la première qualité. Celle-là de même que les autres est fermée par des jalousies, c'est à dire, par une espèce de grêles de bois, qu'on appelle Rotas, Rotulas, ou Zelosias en portugais. Amusement périodique, pag. 31. 2.º vol.

Sancho

« É verdade! espere vm.^{ca}, que lá vem voando o quer que é! *Desce a musa Caliope em uma nuvem, e D. Quichote e Sancho ajoelham.*

O cavalleiro da triste figura e o gordo pagem reverenceiam a musa, que se abre n'estes rogos ao donoso soccorredor de afflictos:

« Valente D. Quichote de la Mancha, cavalleiro dos leões, eu sou a musa Caliope, a primeira e principal das nove, que assistem no monte Parnaso. Aqui venho a teus pés enviada por meu amo, o snr. Apollo, o qual, como sabe que tens professado a estreita religião da cavallaria andante, e tens de obrigação o desfazer aggravos, soccorrer afflictos e restaurar honras perdidas, por essa causa te manda pedir encarecidamente queiras ir ao Parnaso, aonde se elle acha, cercado de uns poetas maledicos, que o querem despojar do throno; e juntamente para reformares a poesia, que se acha quasi arruinada; para o que eu, da minha parte, como tão interessada n'este desempenho, te supplico com o suave de minhas vozes, pois é certo que a musica tem virtude para attrahir os corações mais duros.

Sancho (á parte)

« Aqui nos encaixa uma aria á queima roupa! Caliope, de feito, cantou, em quanto o bravo

obriga no modo de galgar ao Parnaso. Põe suas dadas á deusa, que lh'as corta, arrebatando-o e mais o escudeiro n'uma nuvem.

Aqui estamos já no Parnaso. Principiam a contorcer-se os poetas da platéa. Já muita gente os tem d'olho, e engatilha a risada para lh'as desfechar na cara.

Apollo (aos poetas)

« Esperai, bastardos filhos, que cedo virá quem me vingue de vossas injurias !

Poetas

« Já não te reconhecemos, ó Apollo, por deus da poesia ; pois qualq'uer de nós é Apollo, e cada idéa nossa uma musa.

Apollo

« Assim vos atreveis a profanar o decóro que se devè aos meus apollineos raios ?! *Apparecem D. Quichote, Sancho, e Caliope.*

Poetas

« Toca a investir ao Parnaso !

Apollo

« Em boa hora venhas, valente D. Quichote, que só a tua espada me póde segurar o throno e o laurel ! Vem, vem a vingar-me d'estes poetasinhos, que

sem mais armas que a sua presumpção, querem não só competir com o meu plectro, mas ainda intentam despojar-me do Parnaso; e, como as armas e as letras são tão fieis companheiras, quero-me valer das tuas armas para a restauração de minha sciencia; e, como esta violencia, que se me faz, não desmerece os empregos da tua cavallaria, peço-te que me soccorras.

D. Quichote

« Snr. Apollo, eu tomo sobre mim o seu desagravo; e já, desde agora, se póde assentar bem n'esse throno que d'elle ninguem o hade arrancar.

Sancho

« Senhor meu amo, eu cuido que estou sonhando! Que vm.^{co} entre no Parnaso, não é muito, porque é louco; porém, eu, que, sendo um ignorante, tambem cá esteja, é o que mais me admira! E d'aqui venho agora a concluir que não ha tolo que não entre hoje no Parnaso!

D. Quichote

« Diga-me, snr. Apollo, e como se chamam os poetas que tanto o perseguem?

Apollo

« Essa é a desgraça, D. Quichote; que os poetas

que me perseguem não são de nome; e, com tudo, cada um cuida que é mais do que eu mesmo.

D. Quichote

« Dizei-me, poetas d'agua doce!... ¹ Dizei-me, rãs que grasnaes no charco da caballina! Dizei-me cysnes contrafeitos, que vos banhaes no lodo da Hypocrene: com que motivo quereis competir com o deus da poesia?

Poetas

« Porque esse Apollo, como não inspira, não merece o nome d'Apollo; e assim queremos tomar-lhe o Parnaso e repartil-o entre nós.

Sancho

« Senhor! não se metta a brigar com os poetas que são peores que gigantes. Veja vm.^{oo} que elles trazem um exercito de dez mil romances, quatro mil sonetos, duzentas decimas, oitenta madrigaes, e um esquadrão de satyras volantes em silva que arranha. Veja bem no que se mette!

D. Quichote

Nada me assombra; porque eu só com esta es-

¹ O actor, que proferia a apostrophe, fitou os olhos na turba dos vates. A hilaridade mal deixava ouvir os brados retumbantes do esgroviado cavalleiro.

pada heide vencer quantos poetas ha no mundo. Serra Hespanha! Viva Apollo! e morram os traidores! Grande algazarra.

Apollo

« A elles, meu D. Quixote, que a victoria é nossa!

Sancho

« Aqui d'el-rei, que estou passado de parte a parte com um soneto em agudos!

D. Quixote

« Já fugiram como mosquitos!

Sancho

« Avança! que com esta gente sou eu gente! . . .

.....
Felizmente para os poetas, com pouco mais, baixou a cortina do primeiro acto. Alguns sahiram e não voltaram a expor-se ás brutaes risadas d'aquelle selvagem publico, de todo desapparelhado dos menores rudimentos de educação. Os mais briosos propunham-se chibatar o actor, e os mais covardes ameaçavam o judeu, em tom comedido que não podia chegar aos ouvidos de Antonio José da Silva.

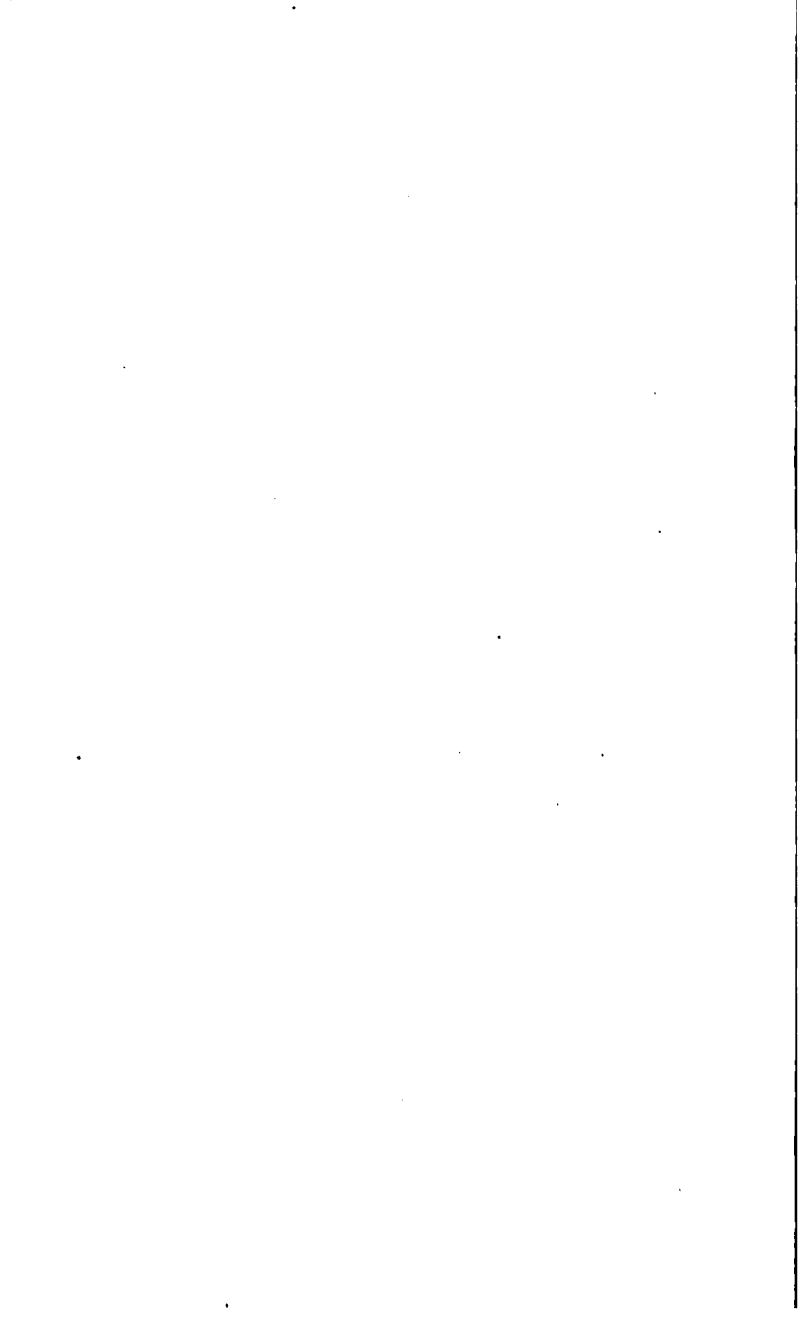
Correu a comedia sempre victoriada, tirante os tances em que appareciam diabos em scena, porque

então os frades do camarote resmuneavam entre si, dizendo-se :

— Como é que a censura deixou passar estas galhofas, que insultam a religião catholica ?

— Bem se deixa vêr a cauda do judeu por entre as farçadas da sua tramoia ! . . . Queira Deus que o author não tenha de ir ainda purgar-se d'estas fezes que lhe sujam o talento ! . . . — observava um leitor de theologia do convento de S. Domingos.

Sem embargo, a reputação de Antonio José da Silva estava confirmada pelo delirio da multidão.



CAPITULO XIV

Os bens de fortuna do advogado João Mendes da Silva permittiam largas ao prazer com que o velho preparava casa com excellentes commodos para receber a esposa de seu filho.

Alugou um espaçoso predio no largo do Soccorro, trastejou-o com a mobilia dourada, que ainda hoje relembra a época de D. João v, alcatifou os pavimentos, pendurou lustres, vestiu de azulejos o pátio e paredes das escadas, limpou e areou os passeios do jardim, murou de vasos os alegretes, plantou trepadeiras para afestoar abobadas de folhagem ; em tudo, com menineira alegria, cuidou afanosamente o ancião, pedindo conselhos a Lourença, no tocante aos objectos dos aposentos de Leonor.

A noiva visitou a sua futura casa, com suas pri-

mas, alguns dias antes do casamento; e, como visse o jubilo do veneravel João Mendes, de Lourença e do filho, mais feliz e menos expansivo que elles, disse entre si: « Razão tinha minha mãe! . . . Esta familia sente e goza as alegrias das virtudes antigas do povo escolhido. »

O dia da suprema felicidade da familia Silva foi o vinte de Abril de 1734. As festas do noivado foram muito gozar na casa de João Mendes, onde apenas se viam os Barros, unicos parentes de Jorge, que cruzavam o limiar d'um hebreu. Muitos outros tinham ido supplicantes ao escriptorio de João Mendes pedir-lhe a sua sciencia; e esses mesmos encostavam-se despejadamente ao telonio de qualquer judeu, quando a bolsa lhes pesava menos que a fidalga soberba e os christianissimos escrupulos. É verdade que estes, depois, lançavam lenha á fogueira dos credores, e assim saldavam contas, convictos de que Jesus Christo, no juizo final, sahiria em defeza d'elles, contra as objurgatorias do diabo, e depoimento dos judeus roubados. Santa gente, que não tem menos razão de ser canonisada que Pedro Arbues, do qual dizem que vai rezar o calendario.

Leonor estimava profundamente seu marido: a consciencia não a deixava doer-se da falta d'aquelle sentimento. A profunda estima d'ella valia mais que a superficial paixão de muitas. Antonio José da Silva não sentia necessidade de ser mais amado. Se

elle tivesse conhecido caricias d'outras, denguiços usuaes e convencionaes, delirios de poesia, que desfecham em um insulso prosaismo ao terceiro mez de vida marital, pôde ser que Leonor lhe parecesse fria, fleumatica e desamoravel; porém, como ella tinha sido a mulher unica da sua esperanza, e perdida de sua alma a considerára, tudo que a outrem parecera tibieza de affecto, se lhe afigurava a elle amor, juizo, reflexão, e pôde ser que um quebranto das amarguras da vida passada.

O hebreu, aporfiando em contribuir com metade das despezas necessarias á decencia de sua casa, trabalhava muito e de fervorosa vontade nos negocios forenses, sem, com tudo, levar mão das suas composições theatraes.

Poucos dias depois de casado, assistiu elle com Leonor á primeira representação da sua segunda comedia, intitulada: *Esopaida ou vida de Esopo*. Nos dias d'este nosso seculo bem creado qualquer marido que escrevesse a *Esopaida* não levaria sua mulher a vél-a em scena, e menos lh'a recitaria em familia. E, n'aquelle tempo, de tantos frades e virtudes, as cousas e phrases que se figuravam e diziam no palco eram taes que hoje a policia prende a gente desbocada que as diz na rua. Aquellas senhoras não tinham nem deviam ter mais melindroso ouvido que a virtuosa e pia côrte de D. João III, á qual medianamente incommodavam as facecias obscenas de

Gil Vicente, e o recitativo lubrico e sordido do *Pranto de Maria Parda*.

A segunda comedia corroborou o triumpho que o judeu alcançara na primeira. Andava-lhe o empresario de mãos postas rogando que lhe não desamparasse o theatro e o publico para quem já nenhum outro author portuguez ousaria escrever, sem plausivel susto de ser assobiado.

Em Maio de 1735, novo drama de Antonio José acudiu á anciedade das turbas, que haviam desamparado o theatro. Chamava-se a opera: *Os encantos de Medea*. Esqueceram as victorias das anteriores comedias, deslumbradas pela ultima. O author sahiu nos braços da melhor gente, que frequentava o theatro da Mouraria. O conde da Ericeira dignou-se visital-o no camarote, e chamar-lhe o Aristophanes portuguez.

Em Junho d'este anno, morreu João Mendes da Silva com oitenta e um annos de idade, abençoando esposa e filho, e a carinhosa Leonor que lhe colheu a ultima luz dos olhos embaciados, e se viu espelhada n'elles atravez das lagrimas do trespassse. Lourença Coutinho exorou muito a Deus que a levasse então; o juiz incomprendivel indeferiu o requerimento.

Em Maio do anno seguinte, apesar do augmento do trabalho de escriptorio, que a clientela levava ao filho, tão famigerado como o pae, representou-se

a quarta opera de Antonio José, denominada : *O Amphitrião*:

O hebreu tinha inimigos, não poderosos para o offrentarem barba por barba, mas de sobra infames para o indisporem no conceito dos piedosos. Azou-se-lhes enseojo na recita do *Amphitrião*: aqui se falla em carcereos, em barbaros juizes, em patibulos, em polés. Antonio José não estudára a philosophia do anxim: « não fallar de corda em casa do carrasco. » A palavra polé ia vibrada ao *camarote dos frades*, que — digamol-o em honra da arte — estava sempre empilhado d'elles. No drama, um personagem entre ferres recitava os seguintes versos :

*Sorte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influes, com luz opaca,
Rigor tão fero contra um innocente !
Que delicto fiz eu para que sinta
O peso d'esta asperrima cadeia,
Nos horrores d'um carcere penoso,
Em cuja triste lobrega morada
Habita a confusão e o susto mora !*

.....

*Mas ó deuses, se sois deuses
Como assim tyrannamente
A este misero innocente
Chegaes hoje a castigar ? ¹*

¹ *Amphitrião* — Part. 2.^a Sc. vi.

Os poetrastos, açoutados no *D. Quixote*, farejaram impiedade no quarteto; os frades viram clara allusão á injustiça do encarceramento no santo officio.

Estas interpretações chegaram ao conhecimento de Silva. Indignaram-no, e logo protestou não mais escrever para interpretes estupidos e malvados.

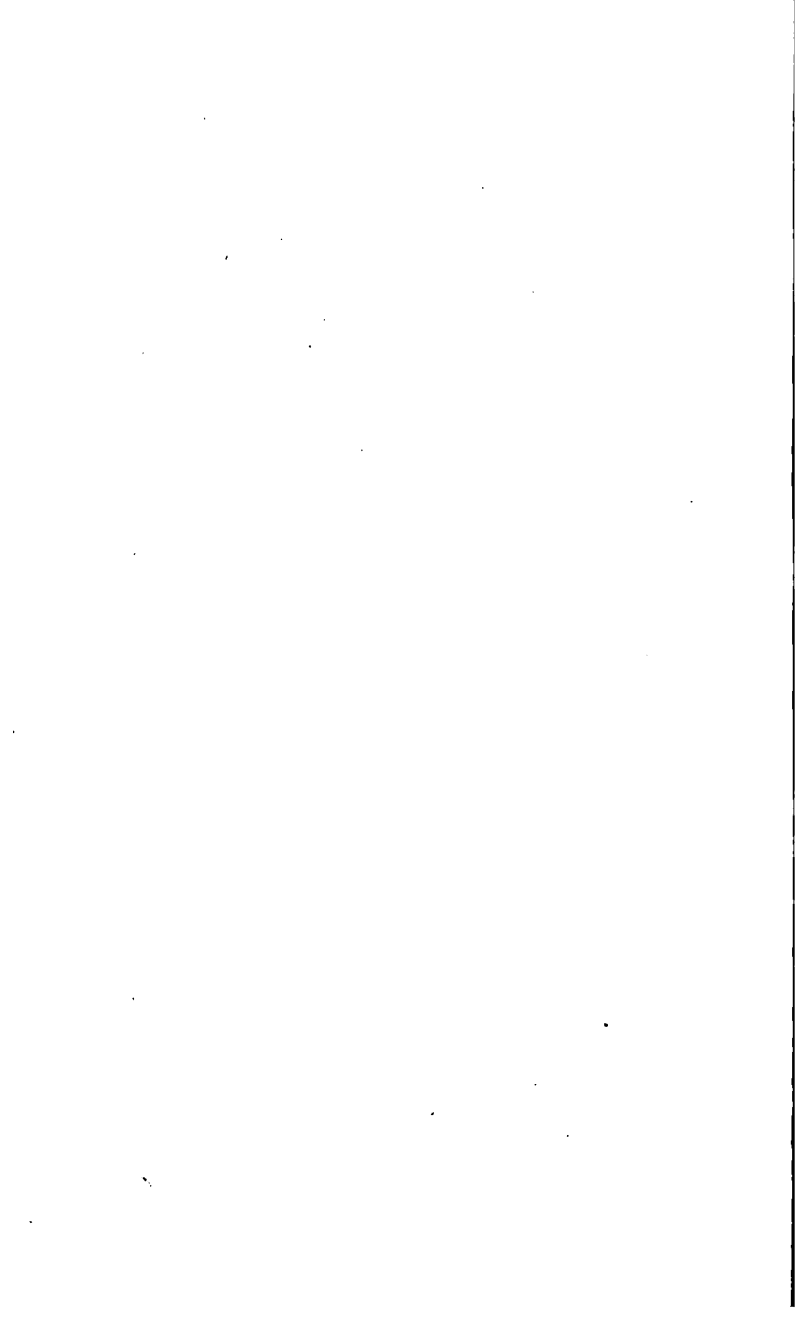
Protestos de dramaturgo! A paixão era despótica, e tanto que venceu luctando com os rogos de Leonor no sentido de manter inquebrantavel o protesto de mais se não expôr ás insidias de inimigos invejosos.

Tanto assim, que já no mez de Novembro de 1736, appareceu no theatro com o *Labyrintho de Creta*. Estava cheio o theatro e os inimigos a postos para notarem a lapis as phrases suspeitas. O author esmerára-se em não dar brecha á maledicencia. Não se vos depára phrase ambigua nem expressão bifronte no longo drama: os scelerados, porém, escavaram, escavaram até poderem mostrar intenção offensiva e attentatoria da religião christã. Sem embargo, porém, da parcialidade odienta, os applausos excederam as ovações passadas.

Já se não irritou Antonio José contra os biltres diffamadores. Prometteu vingar-se com a fecundidade do seu talento, e preparou duas operas para o anno seguinte. Apresentou a primeira no carnaval de 1737, conhecida pelo titulo de *Guerras do ale-*

crim e mangerona; e, depós esta, deu para ensaios as *Variedades de Proteu*.

— Não quero outra vingança! — dizia elle á esposa — heide afastar estes cães dos calcanhares com a nobilissima arma que elles não merecem. Provar-lhes-hei que fundo o theatro nacional, em quanto elles escavam com as garras a sepultura da sua inutilidade. O conde da Ericeira encarregou-se de dissuadir algum inimigo dos temiveis que tenho. Os outros, os invejosos, heide esmagal-os debaixo do peso da sua ignominiosa paixão.



CAPITULO XV

Deviamos ter feito uma solemne e festiva paragem no anno de 1735. N'este anno, aos cinco de Outubro, Leonor foi mãe. Era uma menina, que na pia baptismal recebeu nome de Lourença, por chamar-se assim sua avó e madrinha. Diogo de Barros, que já o tinha sido do casamento, foi padrinho da neta do seu sempre chorado Jorge de Barros.

Então se consummou a felicidade de Leonor. Sentiu ella, ao estreitar ao seio a filha, que lá do intimo se desentranhavam affectos novos, alegrias doudas, consolações inenarraveis. Parece que d'aquella superabundancia de amor, grande parte vertia ella no coração do marido. Agora, sim: amava-o, ternamente o amava, descobria o sacratissimo mysterio do amor de esposa nas delicias da maternidade.

O primeiro anniversario de Lourencinha foi festejado com pompa. Antonio José da Silva abriu as suas salas aos amigos que a sua reputação lhe creara. A sociedade dos dignos homens de letras, que frequentavam o palacio dos Ericeiras, gratamente se curvou a beijar no berço a filhinha do mais festejado e popular talento do paiz.

Agora, atemos o fio no ponto em que deixamos este ditoso pae planejando instrumentos para affronta e completa vingança dos baixos detrahidores.

N'este tempo, recebeu Antonio José da Silva, como em todos os paquetes, carta do seu amigo Francisco Xavier de Oliveira, respondendo na maxima parte ás queixas enviadas pelo hebreu das interpretações calumniosas que a gentalha litteraria dava ás suas operas, no intento de irritarem contra elle o santo officio.

Francisco Xavier dizia-lhe que sabbisse de Portugal quanto antes; porque se o rastilho da polvora chegava á santa casa, não havia forças de contramita, e a conflagração seria inevitavel. Lembra-lhe Hollanda, Italia, Inglaterra como paizes liberrimos, e alentadores d'altos corações e espiritos. Promettia-lhe; se elle a quizesse, posição honrosa na embaixada do ministro conde de Tarouca, homem de boa alma que o havia de estimar grandemente.

Depois, contava-lhe a realisação do seu casamento em Vienna com mademoiselle Eufrosina de Puecb-

berg e Enzing, menina de virtudes condignas de seu distincto nascimento, bem que desprovida de dote. Relatava mui de espaço e desenfadadamente um episodio que lhe succedéra, quando foi ao consistorio prestar juramento de que sua primeira mulher tinha morrido. Trasladal-o-hei como elle o reconta no seu *Amusement périodique* do mez de Julho de 1754. Antes, porém, do extracto, releve-me o author que por pouco tempo o detenha para me ajudar n'uma averiguação importante, quando se trata da biographia, mas rapida que seja, de tão celebrado sujeito.

Dizem unanimemente os biographos de Francisco Xavier de Oliveira que elle sahira de Lisboa, na qualidade de secretario do conde de Tarouca, para Austria, em 1734. Uniformes asseveram que elle ia já viuvo de sua primeira mulher D. Anna Ignez d'Almeida. O sr. Innocencio Francisco da Silva, eminente esquadrinhador dos traços principaes da vida dos escriptores que biographa no seu valioso e prestantissimo dictionario, diz com referencia a Francisco Xavier de Oliveira, firmado no parecer unanime de seus antecessores, o seguinte : . . . « achava-se no estado de viuvo, quando por obito de seu pae foi nomeado para o substituir na qualidade de secretario do conde de Tarouca, então ministro plenipotenciario em Vienna d'Austria. Aos 19 d'Abril de 1734 sahiu a barra de Lisboa, deixando a patria, para mais não tornal-a a vér. »

Ora, se Francisco Xavier sahia viuvo de Lisboa em 1734, e passou a segundas nupcias em Austria, seria absurdeza irrisoria dizer-se que elle casou segunda vez em 1733, isto é, que passou a segundas nupcias antes de viuvo da primeira mulher. E, entretanto, o leitor tem de julgar entre o cavalheiro de Oliveira e os seus biographos, depois de lér as tentuaes palavras que vou copiar da narrativa propriamente d'elle: *L'an 1733, aiant résolu de contracter de secondes noces à Vienne* ¹, *je fus obligé de prêter en personne serment devant le consistoire de cette ville, que ma première femme etait morte etc.*» E' elle pois quem assevera que deliberou matrimoniar-se segunda vez em 1733, um anno antes da sua sahida de Portugal, consoante a data assignada pelos biographos melhormente informados. Poderá conjecturar-se que a realisação do casamento foi posterior alguns annos á deliberação de casar? Não: a hypothese é prejudicada pela affirmativa de que elle sahia de Portugal para Vienna em 1734: fôra preciso que elle fixasse, ao menos, este anno, para poder viagar a hypothese da distancia temporaria entre o intento e a realisação. N'este caso, por qual das datas se decide o leitor? Inclina-se a crêr que todos os biographos se enganaram, por ser Francisco Xavier de Oliveira a authoridade mais verdadeira em cousas

¹ Avec Mademoiselle *Eufrosine de Puecberg et Ensing.*

que lhe principalmente a elle tocam? Não concordamos. Eu abundo no que está dito e confirmado por biographos que deviam examinar competentemente o anno em que Francisco Xavier enviavou, e o anno em que sahio de Portugal. A meu juizo, a incongruencia d'estas datas procede d'um erro typographico na ultima letra numerica do anno designado no periodico do cavalheiro de Oliveira. A publicação era feita em Londres, e eu suspeito que o escriptor, n'aquelle anno de 1751, tivesse a vista muito debilitada pelo chorar, senão pela fome. Viu mal as provas, falta que muitas vezes nos offerecem estes dous volumes. Se tal suspeita se figura argumento pouquissimo ou nada solido, a favor dos errados biographos do cavalheiro de Oliveira, então vejamos se o cavalheiro de Oliveira se desmente.

A pag. 349 do 2.º vol., no periodico d'Agosto de 1751, elogia Francisco Xavier de Oliveira economicamente a felicidade da vida matrimonial, e diz o seguinte, que vai traduzido para esclarecimento d'alguns poucos: « No 2.º volume das minhas *Cartas familiares, historicas, etc.* impresso na Haya em 1742, dei ao publico parte do que vou aqui referir-lhe. Mas, ácerca d'isto, convem que eu faça duas observações: 1.ª que eu era solidamente ligado á igreja romana, no tempo em que discutia com o conde de Claravino em 1735, e ainda em 1736. . . »

Que discussões eram estas do cavalheiro com o conde? Declararam-se adiante pag. 354.

Escreve Francisco Xavier : — « A suprema loucura, me dizia o conde de Claravino, é o casamento, e eu não sei qual seja a estação da vida apropriada a semelhante tolice! O casamento é o peor dos males: é uma escravidão, um inferno! — Estaes em erro, senhor — lhe repliquei — O casamento, no meu modo de vêr, é o mais bello, mais commo-do, feliz e util estado da vida. Errado andaria eu tambem se dissesse que em todo casamento se associavam aquellas excellencias; mas que ha abi casamentos em que ellas se conjunctam, isso acreditei-o sempre e acredito ainda. Devo pugnar por tal estado. Aquelle em que eu me vejo ¹ é tão desgraçado que só a selvagens convem. . . . »

Esta pratica ou discussão com o conde de Claravino deu-se em 1735 e ainda em 1736. Não ha abi, pois, mais evidente cousa que a impossibilidade de ter o cavalheiro casado segunda vez em 1733. Abi está, por tanto, justificada a affirmativa dos biographos em quanto ao anno da ida do cavalheiro para a Austria. Parece-me agora de todo aceitavel a hypothese do erro typographico, porque é inadmissivel a leveza da contradicção em escriptor tão reflectido.

¹ Eu estava então viuvo por fallecimento de minha primeira mulher D. Anna Ignez d'Almeida. Nota do cavalheiro de Oliveira.

Está o leitor enfatiado já d'estas academicas esgaravatações. Indulte-as áquelle rancido achaque dos muitos annos que inclinam os velhos a esta cousa de peneirar a poeira dos seculos; d'onde resulta sahir-se a gente com os olhos cegos de pó, sem achar pedra que valha na joeira. De mais d'isso, a *minha* custava-me que, se alguém visse a errada data d'estes livros do cavalheiro, me arguisse de inventor de anachronismos inculcadamente historicos.

Vamos agora todos melhorar de sorte, assistindo a um lance, com o qual se háode ensoberbar os actuaes cavalleiros da ordem de Christo, pelo que já d'aqui dou os parabens ao meu barbeiro.

Narrava, pois, Francisco Xavier então a sua ida ao consistorio allemão para dar juramento de sua viuvez, e continua agora :

« Á entrada do tribunal o porteiro pediu-me a espada. Recusei-me. Deu-se parte ao bispo-presidente da minha recusação. O prelado, que me conhecia, mandou-me dizer por um dos conselheiros, que eu devia submissão ás leis do paiz, e antigos usos do consistorio que não permittiam entrar alguem de espada. Redargui que o principal adorno da minha ordem consistia no uso da espada; e que um dos seus maiores privilegios era poder, e até dever trazer-a em todo tempo, sem excepção do acto religioso da communhão, a qual me era permittido receber de espada á cinta. Fez-me o bispo saber que o conde

de Sinzendorf, poucos dias antes, indo ao consistorio, não duvidára deixar a espada em poder do porteiro; que eu bem sabia que elle era cavalleiro do Tosão, e podia contentar-me com tal exemplo, e segui-o. Retorqui ao conselheiro que a ordem do Tosão, com quanto illustre, não frua os privilegios que os papas e outros principes haviam conferido ás ordens militares. E, que tendo eu a honra de professar uma d'estas, não cabia em meu arbitrio despojar-me d'ella, entregando a espada, da qual nem o rei propriamente podia privar-me, salvo sendo eu culpado de crime de lesa magestade. Em fim, disse eu gracejando, mais facilmente prescindo passar sem a mulher que sem a espada: uma posso renuncial-a, a outra não.

« O conselheiro irritado pelo gracejo, ou cançado de mensagens me disse de má sombra: Espanta-me que o senhor pretenda ser preferido ao conde de Sinzendorf, e não distinga entre pessoas! Respon-di: « As distincções não está o senhor conselheiro no caso de as fazer: não é o cavalleiro de Oliveira que contende com o conde: é a ordem de Christo com a do Tosão. Faz-me muito favor se se dignar participar isto ao snr. bispo.

« O bispo, depois, mandou-me entrar n'um quarto, onde estive sosinho uma boa hora. Em seguida, mandou-me ir ao consistorio, e prestar juramento, com a espada á cinta. Desculpou-se do acontecido

dizendo que ignorava ou se tinha esquecido de que a ordem de Christo era militar. . . »

D'esta infatuada narrativa, passava Francisco Xavier a contar os escandalosos amores de D. Luiz da Cunha, ancião de oitenta annos, ministro de Portugal em Paris, o qual se apaixonára na Haya por uma sr.^a Salvador, judia, pertencente a uma familia hebraica estabelecida em Hollanda, e a trazia comsigo pelo mundo. Conta que estivera ceando com elle e ella, e pasmara do temperamento amoroso do decrepito ministro, quando lhe elle disse: « Sem amor não ha vida feliz; a paixão do amor é o mais agradável negocio da vida, e todos os prazeres são enjoativos, se o amor os não aduba. » E, dito isto, tomára a mão da bella, e exclamára :

*Est-il rien de plus beau que l'innocente flame,
Qu'un mérite éclatant allume dans une ame ?
Et serait-ce un bonheur de respirer le jour,
Si d'entre les mortels on bannissait l'amour ?
Non, non, tous les plaisirs se goûtent à le suivre,
Et vivre sans aimer n'est pas proprement vivre.*

E, depois, a Salvador, por sua vez, tomou a mão do velhinho, e declamou :

*Avoir un amant d'un merite achevé,
Et s'en voir chèrement aimée ;*

*C'est un bonheur si haut, si relevé,
Que sa grandeur ne peut être exprimée.*

Francisco Xavier mostrava-se vivamente compadecido da senil miseria de D. Luiz da Cunha, aliás habilissimo ministro; porém, o que elle não podia perdoar-lhe era o escandalo de conferir a ordem de Christo á Salvador, lançando-lhe ao pescoço o cordão e a cruz que ella usava publicamente, denominando-se *cavalleira da ordem real de Portugal!*

« Como quer que seja, terminava Francisco Xavier escrevendo a Antonio José da Silva — sahe d'ahi, vem para este grande mundo, onde ha ridiculasas d'este tamanho; vem gozar a vida, repartindo-a entre a seriedade do estudo, e as brilhantes futilidades, de que a gente se póde rir impunemente. Enfardela a trouxa, e parte o mais breve que possas... »

— Que te parece? — perguntou Antonio José a Leonor.

— Vamos! — exclamou ella — mas o thesouro da Bemposta?!...

PARTE QUARTA

CAPITULO I

O expediente de vingança, que mais nobre se offerecera ao honrado animo de Antonio José da Silva, não dava os esperados effeitos. A guerra, primeiro surda, já rumorejava nas praças, nos conclaves pios, e peor que tudo nas cavernas do santo officio.

Duarte Cottinel Franco procurou, com magoado aspecto, o seu amigo de infancia para lhe recomendar precauções vigilantissimas, assegurando-lhe que de seu pae, qualificador do santo officio, soubera que uma pavorosa tempestade se estava formando sobre a cabeça do innocente author das operas; e, com immenso desgosto, era elle inefficaz a conjural-a com o raciocinio.

Disse Antonio José a Duarte Cottinel que se dis-

punha a sahir de Portugal, tão depressa liquidasse o valor dos poucos bens que herdára.

— E o thesouro da Bemposta fica? — perguntou Duarte.

— Se fica! . . . Sei eu, por ventura, se tal thesouro existe?!

— E o anel não chegaste a vê-lo?

— Não ha anel nenhum, homem! . . . — tornou Antonio — Em horrivel anel de ferro me querem cingir e afogar o pescoço estes cafres tonsurados a quem eu não fiz mal nenhum!

E, com palavras desviadas do assumpto do anel, o hebreu foi declinando a conversação para esquivar-se a perguntas, e respostas falsas com que se lhe mortificava a consciencia.

Duarte deixou-o a scismar no thesouro.

— Seria uma doudice, dizia Antonio José a Leonor, sahirmos de Portugal, sem ao menos levarmos a certeza de que já foi roubado o cofre de teu pae. A riqueza, se é tanta comq diz o rol, dar-nos-hia em toda parte do mundo uma folgada vida. Porque não tinha tua mãe confiança n'este Duarte?

— Porque eu lhe disse que a não tivesse — respondeu Lourença Coutinho — E a ti, filho, conjuro-te que a não tenhas. Vai perguntar a Diogo de Barros que casta de gente é esta dos Cottineis.

— Mas — tornou Antonio — se eu fizesse as cousas de modo que não pudesse ser logrado por Duar-

te? Se eu fosse pessoalmente desenterrar o thesouro, e o trouxesse commigo?

— Acho que elle seria capaz de te matar lá mesmo!

— Elle quem? Duarte?!

— Sim, Duarte.

— Ora, minha mãe! está formando um injusto e ultrajante conceito do homem! Que é dos crimes d'elle que a authorisam a conceituar assim um rapaz que nunca nos fez mal, e de toda a gente recebe provas de estima, e foi elevado por sua honra ao grande emprego que tem no paço dos infantes!

— Antonio, não te fies n'elle! Que interesse pôde elle ter — replicou Lourença Coutinho — em que tu aches e possuas o thesouro! Se tantas vezes lhe temos dito que o thesouro é uma fabula, ou, se não é fabula, é cousa perdida, para que anda elle sempre a fallar-te no anel do contador-mór?

— É porque se mortifica, pensando que desconfiemos de sua lealdade. . . E então, Leonor, como entendes tu que procuremos desenganar-nos?

— Eu sei! . . . A dizer verdade, o tal Duarte não me merece confiança; mas pôde ser que todos desacertem, menos tu, Antonio. Dizes que irias tu mesmo buscar o cofre, e trazel-o para tua casa. Se assim fôr, não sei realmente como Duarte possa roubar-t'ô. Pôde ser que a idéa d'elle seja receber uma porção dos objectos. Se fôr isso, dá-se-lhe alguma

cousa, que nos hade ainda ficar muito: Pois que outro intento hade ser o d'elle? Fugir com o thesouro? Isso não o fazia elle, porque era perder a honra e o bom officio que tem com esperanças de outro melhor. O que elle quer é que o remuneres, e tu lhe darás o que fôr da tua vontade, meu amigo. Com tudo, não te animo nem desanimo. Faz o que entenderes, sem desfazer nas apprehensões de nossa mãe.

Antonio José da Silva andou cogitativo muitos dias. Atormentava-o o thesouro! aquelle foco de peçonha que distillara lagrimas, desgraças e odios, no espaço de quasi cincoenta annos, desde o dia em que Luiz Pereira de Barros preferira Jorge entre seus irmãos com afagos promettedores da herança do segredo, até áquella hora, para além da qual Lourença agourava novos desastres.

E, ao mesmo tempo, o conde da Ericeira e outros amigos de igual tomo diziam-lhe que sahisse de Portugal por alguns annos e voltasse em melhor época. O conde lembrava-lhe que fosse a Paris estudar os grandes mestres da arte scenica, aquecer-se aos atomos luminosos d'aquelle ar todo sciencia, todo inspirações, e voltasse depois a continuar a sua primazia no theatro, de teor que podesse lustrosamente reformar, senão crear, a arte dramatica em Portugal.

Abraçava o hebreu alegremente estes conselhos, e retocava a sua opera chamada o *Precipicio de Phae-*

tonte para a fazer representar como triumphal adeus que elle dava a ingratos, a estupidos e a scelerados malsinadores de sua consciencia !

Precipicio de Phactonte! que titulo tão presago! . . . que funestos agouros Leonor aventava d'aquelle titulo significativo de desastre !

Duarte Cottinel, depois da representação victoriada das *Variedades de Proteu*, em Maio d'aquelle anno de 1737, procurou-o para lhe mostrar os relanços e phrases da comedia, que, por ordem da censura, a requerimento do inquisidor geral, tinham sido riscadas.

Algumas phrases eram estas :

Amor nos homens é o mesmo que querer bem; nas bestas muares é o mormo, e nos outros animaes appetite.

— Então isto em que offende a religião ou os bons costumes? — perguntou o hebreu.

— Não sei.

— Provavelmente os censores não querem que o seu amor seja mormo !

— Hade ser isso. . . — obtemperou o risonho Duarte.

— Que mais riscaram ?

— Isto: *isso é gloria do céu da bocca*: dizem que mettes a riso a gloria do céu.

— Menos a d'elles, que é a bemaventurança dos parvos. Que mais ?

— Dizem que fazes galhofa do inferno, quando escreves isto: *na gloria do amor ha sombras do inferno.*

— Ora! não os mando para lá por não injuriar o diabo com taes hospedes. Tu dirás onde os heide mandar.

— Dizem mais que ultrajas as leis divinas do casamento.

— Aonde? em minha casa, ou na d'elles?

— Na comedia. Aqui está o escandalo: *E quem seria o magano que tal lei inventou?* (a lei do matrimonio) *Foi Apollo em despique do rigor de Daphne.*

— Basta! — exclamou Antonio José — Plenissima liberdade a essés burros de escoucearem a minha comedia! Sujem e risquem á vontade os sevandijas. Não quero vêr mais nada. Cafraria hedionda, terra empapada em sangue e lagrimas, não comerás meus ossos!

— Olha mais, Antonio.

— Não quero: faz-me nojo tudo isso, nojo e vergonha de ser portuguez! Vou mandar buscar ao theatro o *Præcipicio de Phaetonte*... Vou queimal-o...

— Mas não digas nada, meu amigo... Lembra-te que em Portugal não se queimam só operas. Prudencia, prudencia, Antonio! Qualquer denuncia pôde hoje perder-te.

Antonio José reflectiu, abraçou Duarte, e mur-

maneira circumvagando os olhos, como se receasse ter sido escutado:

— Tens razão. Não direi nada. . . Cuidarei em fugir, já que me não querem. . . Meu amigo, amanhã vou procurar-te, preciso fallar contigo a sós. Ao meio dia.

Lourença Continho ouvira as ultimas palavras do filho, porque o espiava sempre que Duarte Cottinel estivesse com elle. Assim que o almoxarife sahio, entrou ella, perguntando:

— Que vaes fazer amanhã a casa de Duarte?

— Vou lá. . . preciso lá ir — respondeu de má catadura Antonio.

— Vaes descobrir-lhe o segredo?

— Não sei. Que assedio! que importunação! . . . Minha mãe quer voltar ás masmorras do santo officio? Quer vêr como os meus ossos estalam no *Campo da Lã*?

— Oh filho! que desatinos está dizendo! — exclamou a atribulada mãe.

— Preciso sabir de Portugal, entendeu, minha mãe? Quero salvá-a, salvar-me, e minha mulher, e a minha querida filhinha. . . comprehende bem esta resolução feita, depois de cabalmente informado da sorte que me preparam os algozes, cujos apparatus de tormento já eu experimentei n'estas mãos e n'estes braços?

— Pois, sim, meu filho, fuja-mos.

— Fugamos sim; mas sabe v.m.^{co} a quem eu devo o aviso da minha futura sorte, se me aqui demorar? É a este excellente rapaz que minha mãe detesta! É a Duarte Cottinel que me falla com as lagrimas nos olhos e o coração nos labios! Sou-lhe grato, estimo-o, preso-o como a meu irmão. Os outros lisongeam-me, e perdem-me; elle, notando as minhas imprudencias, manda-me fugir.

— Pois sim. . . mas vaes dizer-lhe onde está o thesouro?

— E que vá? isso que monta?

— Nada. . . — balbuciou Lourença Coutinho, como assustada da exasperação do filho.

Leonor aproximou-se da sogra, e disse-lhe affavelmente:

— Deixe-o lá, mãe, deixe-o que elle já tem experiencia da vida, e deve conhecer Duarte melhor do que nós. . .

CAPITULO II

Duarte Cottinel esperava em alegre sobresalto o hebreu. Fallava em soliloquio, como quem precisa expandir-se, communicar o seu rejubilo aos seres inanimados. « A final — dizia elle á sua sombra, ao demonio exultante de sua consciencia — a final o meu presentimento não era um sonho. Posso ser rico ! »

Ás onze horas entrou Antonio José da Silva na casa do almoxarifado da Bemposta. Sahiu Duarte a recebel-o, e disse-lhe com melancolicos esgares :

— Virás tu despedir-te, meu querido amigo ?

— Ainda não. Porque m'o perguntas ? Queres dizer-me que devo sahir já ? Sabes alguma cousa ?

— Nada mais sei, Antonio — respondeu com indecisão Duarte — E tu soubeste mais do que eu te disse ?

— Não. O santo officio anda em cata de provas, que até hoje lhe não dêste satisfactorias. Bem sabes que esta gente, quando se resolve a victimar algum assignalado pelo odio d'elles, sepulta-o nas masmorras, e depois inquire das provas. E estas tambem tu sabes que saltam da bocca dos torturados, quando ha mingua de testemunhas para levar o processo á Relação. Por isso, meu amigo, não descancemos sobre a tua innocencia. Fugir em quanto é tempo; todavia, persuado-me que não é apertada a urgencia de fugir já. Arranja os teus negocios, vende clandestinamente, se poder ser, os teus bens, que poucos e faceis de vender, creio que são. Pobre sahes de Portugal; mas em Amsterdam acharás hebreus que te soccorram; e, se te valeres de teus irmãos do Rio de Janeiro, que estão ricos, poderás obter casco e fundos para negociar e auferir o que as letras não podem dar a ninguem. Vaes pobre, meu caro Antonio! Teu pae, no trastejar a casa em que moras, gastou alguns pnhados de ouro, segundo corre; e tu consumes mais do que lucras para manter tua senhora em fidalgas regalias. Não te culpo d'isso, que ella, além da nobreza de seu pae, tem a nobreza propria que a torna digna de estar em cadeiras d'ouro, e servir-se com princezas. A Providencia, dando-te aquella menina, indemnizou-te das amarguras que os homens te causam com tanta crueza, que é vergonhoso fallar a lingua d'estes barbaros, que dizem

fallar a linguagem dos apóstolos. . . Meu amigo, sabes que eu espreito a borrasca inevitável que te ameaça; por ora os ventos sopram de bom lado; assim que eu vir escurecer-se o céu com as sombras do inferno, aviso-te. Isto já frequentes vezes t'ô disse, Antonio. Agora, se tens algumas ordens a dar-me, aqui estou. Queres talvez que eu me encarregue disfarçadamente da venda das tuas cousas? É isso?

— Não é. . . Vou abrir-te a minha alma! — disse expansivamente Antonio José.

— Ainda agora? Ó ingrato! pois ainda agora me abres a tua alma?

— Foi forçoso; violentei-me. . . era necessário. Não queiras que eu te explique a razão d'uma reserva indigna de ti e de mim.

— Vaes fallar-me. . .

— No thesouro escondido n'esta quinta.

Duarte compoz a custo o semblante que parecia abraçar-se e intumecer-se de alegria. Passados instantes, disse:

— Eu sabia que o thesouro não era fabula. Respeitei a tua reserva, confessando-te que me doía, porque era mais que affrontosa para mim. . . e também para ti, que me conhecias desde os onze annos.

— Não m'o recordes, Duarte. Perdôa-me, e escuta. Presumo que existe o cofre do antigo contador-

mór, bisavô de minha mulher. Esta casa e quinta foram revolvidas desde alicerces e raizes; mas o local do thesouro não foi bulido. . .

— Então era certo existir o anel? — atalhou Duarte.

— É certo existir o anel; Leonor é d'elle depositaria, porque eu nunca mostrei leve desejo de ver as letras reveladoras do segredo, em quanto se não facilitasse o ensejo de exhumar o cofre. Dizem as letras. . .

— Eu não te fiz a pergunta — interrompeu Duarte com vehemencia — para que me traduzas o que dizem as letras. Não quero saber. Basta que o saiba no momento em que me tu disseres: « é aqui ».

— E porque não hasde sabel-o já?!

— Porque não quero: são melindres que tu me hasde respeitar.

— Queres que eu assim me corra de não ter sido franco e sincero, quando me interrogavas sobre o thesouro?

— Não é isso, nem te sei ao certo explicar o que é. Vamos ao importante: queres tomar conta do thesouro, não é assim?

— É.

— Quando? . . . não póde deixar de ser de noite. . .

— Seja de noite á hora que determinares.

— Convem-te hoje?

— E a ti ?

— A mim convinha-me mais amanhã, porque hoje até noite alta não posso deixar de fechar as contas do trimestre que heide amanhã apresentar aos infantés. Póde ser amanhã ás onze horas da noite ?

— Sim, meu amigo, quando menos incommodo te seja.

— Ora diz-me lá, calculas que os valores escondidos te abastem para viveres independente em Paris ou Londres ?

— Presumo que sim.

— A quanto monta segundo o teu calculo ?

— Cento e cincoenta mil cruzados, a julgar aproximadamente das verbas designadas n'uma pagina escripta pelo punho de Luiz Pereira de Barros.

— É muito dinheiro ! — exclamou Duarte — Podes viver vida de príncipe onde quer que te sintas bem. Vai para Roma, que eu aposto que os cardeaes vão cear contigo todas as noites, sem te perguntarem por Moisés nem por Christo !

— Não ambiciono apparatus ostentosos, — disse Antonio José — O que eu queria era socego e alegria. Tenho aquella filhinha que me está sendo um anjo recompensador, esmola e riqueza do céu. Desejo ser rico para ella. Leonor e eu, e a minha pobre mãe, com pouco viveríamos, e talvez felizes, se o terror da perseguição religiosa nos não tivesse sempre sobresaltados.

— Fazes bem, fazes bem — tornou Duarte — Foge, assim que te eu disser que fujas. Debaixo de juramento te digo, e juramento te peço para que nunca reveles o que vou dizer-te. . .

E abaixando muito a voz, e espreitando o corredor contiguo á sala, disse:

— Tens um optimo espião por ti no santo officio. . . É meu pae! Vê tu a que extremos chegou a amizade que te tenho. Meu pae, quinze dias antes de se decretar a tua prisão, hade ser avisado, sem que ninguem o avise. Elle entende e lê nos reconditos designios d'aquella gente, que lhe é detestavel, porque meu pae, se finge tanta orthodoxia religiosa como elles, é porque os teme e ainda teme. Comprehendes, Antonio, o sagrado d'esta revelação?

— Comprehendo, meu querido Duarte! — exclamou Antonio José da Silva abraçando-o com enthusiastico reconhecimento.

— E então já vês — insistiu o almoxarife — que escusas de fugir antes do meu aviso. Póde até ser que a tempestade se desfaça. . . Tem tu juizo, Antonio. Manda as comedias ao diabo. Não escrevas senão nos autos; e, se te parecer, manda os autos tambem de presente á alma do Papianno e do Bartholo e do João das Regras que devem de estar no inferno. Amanhã és rico, riquissimo. Não careces de trabalhar. . . Sabes lá tu o que é ser rico! O que é ter um coche e mulas lustrosas! lacaios e mordo-

mes ! poetas a cantarem-te os espirros como agouros d'algum grande successo que vai felicitar a patria ! Nunca pensaste nas delicias de ser rico ! Os homens, os frades, os grandes, a natureza, tudo ás tuas ordens ! E as mulheres ? Não quero fallar-te das mulheres, porque tens uma que vale por todas as que abrilhantam este mundo com a sua formosura ; mas se tu precisares d'um serralho de anjos, cuidas que não ias buscal-o ao empyreo ? Ó Antonio ! quando estiveres senhor dos teus cento e cincoenta mil cruzados, verás o que é têl-os, vél-os, contal-os, palpal-os, vigial-os, convertêl-os em primaveras infinitas, em deleites interminaveis ! . . . Oh ! . . .

Duarte, no febril afôgo do seu entusiasmo, ora torpe, ora lyrico, poderia denunciar a voraz cobiça que lhe accendia entranhas e olhos, se ao lado de Antonio José estivesse um terceiro, observador de animo frio. O infame temeu-se da incontinencia da apologia da riqueza, e desandou n'uma risada, exclamando :

— Maganão ! estavas a estudar em mim algum Cresso avarento de gozos que tencionas pôr no tablado para alegrar o povo com as suas exclamações !

— Não, meu amigo, estava a imaginar que tu se fosses rico, em vez de cobrires de ouro os caminhos da tua vida, farias com o teu ouro melhorada a sorte de muitos pobres, que se haviam de alegrar mais com a esmola, que tu com a posse das riquezas da casa de Bragança.

— Póde ser que te não enganasses — voltou gravemente Duarte — O gozo de ser rico deixa de o ser, quando o ouro não compra as alegrias puras da alma. Tu hasde saber repartir o que até aqui te foi desnecessario. Felizes aquelles que se aproximarem de ti!

Abraçaram-se. Antonio José da Silva despediu-se com os olhos vidrados de lagrimas, murmurando:

— Eu queria não mais separar-me da terra onde tu vivesses, Duarte! Igual a ti só tenho um amigo n'este mundo: é Francisco Xavier d'Oliveira. Quando eu lá fóra o vir, dir-lhe-hei que Duarte Cottinel Franco tem uma alma irmã da sua... São duas almas que Deus formou no mesmo molde.

Dito isto, sahiu commovido.

Duarte Cottinel sentou-se, como se a carga da infamia lhe dobrasse os joelhos; pôz as mãos na cabeça, e ouviu este grito da consciencia:

— Que atrocidade!...

Instantes depois, ergueu-se, estirou os braços, estalejou os dedos das mãos inclavinhas, e resmuneou surdamente:

— Cento e cincoenta mil cruzados!...

CAPITULO III

— Sempre resolveste procurar o cofre, Antonio?
— perguntou Leonor.

— Sim, minha querida, resolvi; mas não o digas á mãe. Custa-me a crêr que ella seja capaz de julgar tão aviltantemente o nosso amigo Duarte! . . . Os elogios respeitosos, que elle te faz, Leonor, provam a excellente indole d'aquelle homem. . .

— Mas — objectou Leonor — não te ouvi eu dizer que elle era bastante estragado de costumes? . . . Então sonhei. . .

— Disse-t'ó; mas a desordem dos seus costumes não faz repugnancia ao que se chama probidade. Era a libertinagem propria dos vinte annos a que me eu referia. Desde, porém, que se occupou em mordomisar os rendimentos dos infantes, não sei que nin-

guem o exceda em morigerada regularidade de vida. Que nos faz a nós, para o nosso intento, que elle extravaganceasse lá na sua mocidade? Não goza creditos de honrado Francisco Xavier de Oliveira? E quem foi mais libertino que elle?! Ora queres tu saber? É tão escrupuloso Duarte em pontos de honra que não quiz saber onde está o thesouro, e disse que bastava sabê-lo no acto em que eu lhe mostrasse o sitio, e dissesse: « é aqui ». Ha, por ventura, sombra de suspeita que nos absolva de desconfiarmos d'elle?

— Creio que não — respondeu Leonor com indeciso ar meditativo — Mas...

— Mas qué?!

— Olha, Antonio... As suspeitas de tua mãe póde ser que procedam de antipathia particular que tem com o homem... Será isso, será... Entretanto, o meu coração tem presentimentos fataes... Eu, quando sahi de Amsterdam, adivinhava quantas desgraças sobrevieram; ainda antes de as esperar, a meio caminho de Portugal, estava na inquisição. Minha mãe, olhava para mim, e exclamava: « porque não escutei os teus presagios, minha filha! » Isto vem ao caso de eu, com bem pesar meu, te asseverar que a minha alma está inquieta, e vaticina algum passo horrivel por causa d'aquelle thesouro. Tem desgraça aquelle dinheiro! Dizia-o meu pae, quando eu era menina, olhando para o anel; dizia-o minha

mãe, e Simão de Sá. Meu tio Diogo, sempre que se falla no cofre da Bemposta, recorda-me as afflicções dos ultimos dias de meu bisavô; a crueldade ferina de minha avó; a perseguição que duas vezes minha mãe soffreu; o risco em que esteve a vida de meu pae. Mil infortunios!...

—E mil superstições, Leonor. Essa cadêa de desgraças tem a sua logica e natural explicação. Não é fado nem influencia diabolica ligada ao thesouro. Foram odios motivados pela ambição; mas não se segue d'ahi que tu, legitima senhora d'elle, hajas de soffrer a continuação dos dissabores que soffreram teus paes.

—Será assim!... — tornou ella — vai... faz o que quizeres... Praza a Deus que a nossa filhinha não participe de alguma calamidade, se nós a temos sobre as nossas cabeças. Deus preserve a innocenti-nha! — continuou ella, soluçando com a filha estrei-tada ao coração.

Antonio José da Silva, bem que forte de espirito e isento de preconceitos, estremeceu quando viu as lagrimas da esposa a derivarem á face de Louren-cinha.

—Pelo amor de Deus! — clamou elle — não me aterres! Tu que tens, Leonor? que te diz o coração? tu fazes-me fraco e crendeiro em agouros!... Diz... não queres que falle mais no dinheiro? não falla-rei!... não...

Leonor atalhou-o:

— Isto não importa nada... Sou mãe. Não faça caso de lagrimas nem de agouros, Antonio. Faz o que quizeres; mas não me consultes.

Depois, fugiu com a filha para o seu quarto, e fechou-se para que o marido a não ouvisse desabafar em altos soluços.

À meia noite d'este dia, 15 d'Agosto de 1737, Antonio José da Silva sahio com Duarte Cottinel da casa do almoxarifado, por uma porta de armazem que abria para a quinta. Chegados á cancella d'um pomar, disse Duarte com mui recatado som de voz:

— Agora dirás para onde vamos. Dá-me alguma indicação.

— Leva-me a um tanque onde está uma estatua de Neptuno.

— É lá em baixo, no interior do bosque. O sitio é bom, que ninguem nos ouvirá cavar; mas sabes tu se já fariam obras no local?

— Creio. . . quasi tenho a certeza que o local do cofre está intacto.

Caminharam de manso desviando-se das áleas onde o tapete da folhagem accusava os passos.

— É aqui — disse Duarte — alli tens o tanque e o Neptuno.

— Está secco? — perguntou Antonio José.

— Está, ha muitissimos annos. Ouvi dizer que a

rainha de Inglaterra, quando fez estas obras, mandou levar d'aqui a agua para fontes publicas.

— Bem. Entremos ao tanque.

— Espera. . . vou accender a lanterna de furta-fogo, que as copas das arvores não deixam entrar raio de lua.

— Não accendas.

— Temos que levantar alguma pedra? Então vou ao jardim buscar um ferro de monte que lá puz ao anoitecer.

— Não é necessario — disse Antonio José — ajuda-me a descer o Neptuno do pedestal.

— Pois é aqui?!

— É.

— Então foi milagre o conservar-se! Quantas vezes os senhores infantes me tem dito que é melhor tirar esta cousa inutil d'aqui para fóra! . . . Ainda no anno passado! . . .

Duarte dizia isto com profunda magoa. O thesouro podia tel-o encontrado elle, e possuil-o, sem inquietação de consciencia.

Deram um sacão á estatua, que estremeceu; deram-lhe outro, e deslocaram-n'a. Desceram-n'a vagarosamente, e pousaram-n'a sobre o rebordo do tanque.

Ambos a um tempo introduziram as mãos no recipiente da agua, e tactearam um corpo liso cingido de braçadeiras de metal.

Ambos unisonamente exclamaram:

— Está!

Da vehemencia da exclamação dos dous, não poderia inferir-se qual fosse o dono do thesourço.

Havia espaço entre as paredes da caixa de pedra e as argolas do cofre. Introduziram as mãos, e tiraram fóra o pesado caixote.

Antonio José sentou-se. Carecia de ar. Duarte Cottinel não estava menos abafado e arquejante. Não era o canção; era n'um alegria legitima, n'outro uma infernal exultação.

— Vamos, Duarte? — disse Antonio e ajuntou: — estou a tremer, como se fizesse um roubo.

— Tambem eu; mas é de contentamento de te vêr rico. Vamos. Podes com o cofre?

— Posso.

— Então carrega com elle, que é obrigação tua — disse o almoxarife gracejando.

Sahiram do bosque; esperaram que se fechassem as janellas da recamara de um dos infantes, e acolheram-se a casa estugando o passo.

Era uma hora.

— Vou acompanhar-te a casa — disse Duarte.

— Estava para te pedir esse favor.

— Não era preciso. Deixa-me ir armar, que ha ladrões nas ruas de Lisboa como no pinhal da Azambuja.

Duarte voltou logo, entregou a Antonio José uma pistola de dois canos, e disse-lhe:

— Leva isto.

— Não preciso — disse o hebreu — vim armado.

Foram da Bemposta, sem encontro suspeito, até ao largo do Soccorro.

O almoxarife, á porta de Antonio José, quiz despedir-se:

— Não: hasde entrar: quero que assistas á abertura do cofre; quero que vejas se me enganei.

— Amanhã m'o dirás, adeus.

— Não consinto: hasde saber-o agora.

Lourença Coutinho e Leonor estavam ainda a pé. Lourença orava ao Deus de Jacob; Leonor orava ao Deus dos afflictos. Oravam ao mesmo Deus, segundo minha fé em divindades.

Quando ouviram bater, desceraam ambas ao pateo. Viram Antonio com o caixão sobraçado. Lourença exclamou:

— São e salvo o meu filho!

— E porque não? — disse Duarte, que ella não tinha visto.

Antonio José cobrou até ás orelhas, e quasi odiou sua mãe.

Voltou-se a Duarte, e disse:

— Minha mãe receava que os ladrões me sahissem n'alguma esquina, por isso fui armado.

Leonor aproximou-se do caixão, que o marido

pousára sobre um escabello do pateo, para limpar o suor. Dobrou-se ella sobre o cofre, beijou-o, e disse:

— N'este caixão pôz as mãos o meu virtuoso bisavô! . . .

— Vamos — disse Antonio, retomando o cofre. E subiram á primeira sala.

Duarte quiz ainda despedir-se, allegando que n'aquelles prazeres de familia um estranho era cousa impertinente.

— Não consinto! — repetiu Antonio com dissabor.

— Porque não hade tomar um quinhão do nosso contentamento, snr. Duarte? — perguntou Leonor, impedindo a sabida — Os amigos são sempre familia. . .

Pousaram o cofre sobre um bofete. Eram duas as fechaduras de espelhos dourados.

— É preciso arrombar — disse Antonio José — Dá-me um ferro qualquer, minha mãe?

Lourença Coutinho trouxe o ferro de frisar com que seu marido costumava encalamistrar a cabelleira nos dias de anniversario natalicio das pessoas reaes. Quebraram a presilha das fechaduras que prendiam na lingueta, e . . . levantaram a tampa!

Havia alli coração que se regorgitava como em caso de mortal congestão. A circulação parára no peito de Duarte, ao rangerem as perras e oxydadas dobradiças da tampa.

O primeiro objecto era uma caixa de prata de

lambres primorosos, baixa d'altura d'uma pollegada, e larga á medida do ambito do cofre. Abriram a caixa: eram os pentes d'ouro, cravejados de brilhantes, e quinze anneis, enfiados n'um agulheiro de ouro. D'estas joias dizia o apontamento de Luiz Pereira de Barros: *que foram de minha avó D. Leonor de Barreiros.*

— Que admiravel peça! — exclamou Duarte — e que digna possuidora aqui está! — continuou olhando delicadamente em D. Leonor.

— Agradecida, snr. Duarte. Os meus adornos mais queridos da cabeça são flôres.

A um canto d'aquella caixa estava inclusa outra de velludo carmezim, oblonga e convexa. Abriram-n'a: continha os vinte e quatro brilhantes dos quaes dizia a nota: *que foram de meu avó Pedro de Barros e Almeida.*

Levantaram a caixa, e descobriram a segunda camada. D'uma sacca de pellica tirou Antonio José os copos d'uma espada, recamados de pedras de diversas côres. D'esta riquissima preciosidade dizia o contador-mór: *copos da espada que meu avó materno D. Jorge de Barreiros trouxe do governo da Bahia.*

N'outra caixa de ouro encontraram uma miniatura, retrato formosissimo em marfim, com cercadura de diamantes. Era o retrato de D. Ignacia Telles de Menezes, mãe de Luiz Pereira de Barros.

Leonor lançou mão d'elle, e não se cansava de o contemplar.

A outra camada e ultima era dinbeiro em rolos: *vinte e quatro contos de reis em variadas moedas de ouro*, conforme o dizer do apontamento.

— Que te parece Duarte? — perguntou Antonio José — erraria eu muito o calculo? Isto valerá os cento e cincoenta mil cruzados?

— Vejamos — disse o almoxarife — vinte e quatro contos, sessenta mil cruzados, ou mais, porque as moedas antigas são pagas como de mais valor. Os brilhantes, se não valem mais, valerão outro tanto, porque estão ahí duas duzias d'elles, como eu ainda não vi muitos; e, se quizeres vendel-os, acharás em Londres ou Amsterdam quem te dê vinte e quatro mil cruzados. Os pentes podem valer... que sei eu!... e os copos da espada!... e a cercadura do retrato!... Finalmente, não te enganarias muito no calculo! O que se segue é que estás riquissimo, e eu tambem participo da tua riqueza por poder dar a estas duas damas os mais cordiaes e jubilosos emboras, que podem alegrar o coração d'um amigo. Agora, deixo-os que está a romper o dia, e já hoje não me delto, porque amanhã tenho jornada ao Ribatejo por causa de aforamentos. Minhas senhoras, adeus.

— Espera! — disse Antonio José, tomando seis

dos brilhantes de maior quilate e lume — Aceita esta memoria da noite de 15 d'Agosto de 1737.

— Memoria! . . . — disse Duarte Cottinel rejeitando delicadamente — a melhor memoria é a lembrança de que contribui um pouquinho para a felicidade d'uma familia. Não instes commigo, que perdes o tempo, e me desgostas.

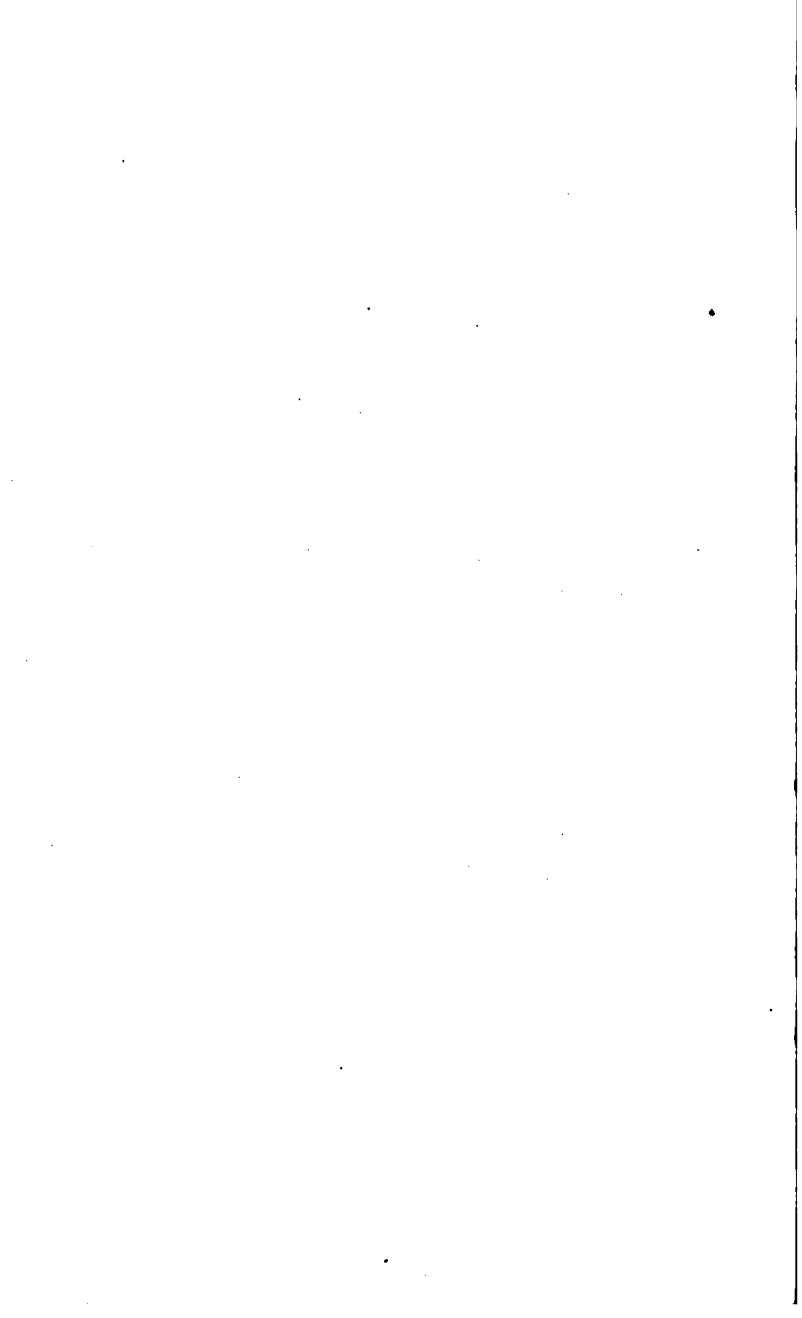
Sahiu.

— E então? — perguntou Antonio José á mãe com gesto de censura — que lhe parece o homem? Arrepende-se dos seus preconceitos, minha mãe?

— Arrependo, filho: Duarte parece-me homem de bem.

— E os teus agouros, Leonor? — tornou Antonio.

— Ainda não se calaram. . . — respondeu ella.



CAPITULO IV

Antonio e sua mãe passaram o dia em analyse contemplativa das pedras e das moedas antigas; Leonor, no entanto, como estranha ao contentamento dos seus, não se despegava d'uma joia formosissima, santa, e de divinos quilates, que era a filhinha, aquelles vinte e dous mezes lindos de celestial meiguice.

Chamada a dar seu parecer sobre o destino que deviam tomar, respondia que estava por tudo que seu marido e sogra quizessem. O hebreu, a fallar verdade, já mal acertava com os seus projectos da vespera: aquelle resplandecer das pedras offuscava-lhe a memoria dos planos: era um embebecimento de creança, para não dizer a absorpção voracissima d'olhos de avarento cravejados no iman do ouro.

Ao outro dia, Duarte Cottinel, de volta da sua

jornada, procurou o hebreu, para lhe dizer que não havia nada no santo officio, para que elle devesse temer e apressar a sahida. Lamentou que o seu Antonio não podesse gozar em Portugal as riquezas, e viver perto do seu mais dedicado amigo, que vinha a ser elle. Aconselhou-o a que não vendesse pedra alguma em Portugal, nem revelasse os seus haveres, porque a inquisição não perdoava aos judeus opulentos; e, se alguma vez tinha sido piedosa, era com os indigentes, cuja alimentação corria por conta da santa casa.

Voltou no dia seguinte, muito rogado por Antonio José, e chegou em occasião de estar o judeu castigando uma escrava de sua mãe, por que fora surprehendida a roubar das gavetas d'um contador algum dinheiro. O castigo era com disciplinas, segundo o direito dos senhores sobre os escravos, que sómente vinte annos depois foram libertos por lei do marquez de Pombal.

Duarte pediu a perdão da negra, e conseguiu-o; a escrava, porém, assim que uma entre-aberta se lhe ageitou, fugiu, receosa de que uma busca á sua arca lhe redobrasse o castigo.

Lourença Continho teve pena da preta, que comprara creança no Brazil, e trouxera consigo, quando veio presa. Diligenciou encontral-a; mas não houve novas d'ella,

Duarte Cottinel sabiu a averiguar, e descobriu

que a preta passara o Tejo, e se assoldadara em Almada. Calou-se com o descobrimento, dando a suppor que a negra se lançaria ao Tejo, desesperada como outras muitas, que preferiam a morte á servidão ¹.

— Mas a minha escrava não era tractada com rigor, para se matar! — dizia Lourença — Tenho immensa pena d'ella! . . . Alli está ainda a arca fechada como ella a deixou.

— Era bom vêr-se! . . . — disse o almoxarife com ares familiares de muito amigo.

— Dizes bem! — approvou Antonio José da Silva — Vejamos o que ella tem na caixa.

— Farrapos. . . que hade ella ter? — observou Leonor.

— Sempre é bom vêr, snr.^a D. Leonor — insistiu Duarte.

— Pois vejam. . . — condescendeu a contrariada senhora.

¹ N'aquelle tempo, o viver dos escravos em Lisboa era afflictivo, e os castigos crueis. A limpeza diaria das sentinas domesticas era feita por escravas, que levavam os grandes vasos ao Tejo, desembocando de cada rua em longas caravanas. Que deliciosa e perfumada Lisboa era aquella, á qual Jacome Ratton, com desenfeitado estylo, denomina por excellencia a *fedorenta cidade de Lisboa!* Como D. José declarou livres todos os escravos que entrassem no reino, as pretas eximiram-se do seu escravo mister de escoadouros: Depois é que Lisboa se tornou limpa. . . «Então, diz o citado coevo d'aquelles olorosos dias, então os moradores de Lisboa se viram obrigados a fazer os despejos das immundices nas ruas.» *Recordações*, pag. 297.

Arrombada a caixa da escrava, encontraram-se algumas miudezas, por cuja falta as senhoras não tinham dado, cousas de insignificante valor. Concluiu o hebreu que a negra furtava para as vender cousas de que ella não podia usar.

— Tal escrava não lhe convinha, snr.^a D. Lourença — disse Duarte — Deixe-a ir, que não se foi boa peça. O valor que ella tinha perdeu-se, é isso verdade; mas esta casa não fica hoje prejudicada com a fuga de uma preta. Antonio José da Silva póde comprar hoje toda a Africa e os sertões do Brazil.

Festejaram o dito, e divertiram a conversação para outro assumpto. Leonor lembrou que a sua Lourencinha fazia annos em 5 de Outubro.

— Faltam cincoenta dias — ajuntou ella — onde estaremos nós então ?

— Talvez em Paris — disse Antonio.

— Se não poderem estar socegados em Lisboa — observou Duarte.

— Pois de certo. Se eu pudesse aqui viver socegado, não trocava paiz nenhum por este, onde tu vives, meu bom Duarte.

— Eu, não sei porque, — tornou Leonor — desejava festejar o segundo anniversario da minha filha fóra de Portugal.

— Ó Duarte — exclamou de golpe o hebreu — queres tu vir passar connosco um anno a Paris? És homem para nos dar esse grande prazer ?

— Era homem para o sentir com mil vontades, se fosse livre. Sabes que não posso renunciar á posição que occupo, nem incumbir ninguem do trabalhoso encargo que promette a minha futura e descansada estabilidade. Depois, meu pae está velho, está rico, segundo penso, e tem mais filhos. Se eu arredar um passo contra vontade d'elle, vingá-se excluindo-me da herança. Que mais razões queres ?

— Mas — tornou o generoso coração do hebreu — faz de conta que és meu irmão ; gastas irrmãmente commigo, e nunca sentirás precisão da herança de teu pae.

— És ainda muito creança, homem ! — redarguiu o almoxarife — Estes poetas, minhas senhoras, tem absurdos que seriam lamentaveis, se não fossem engraçados ! Como este louco imagina que um homem, applicado a ganhar a sua independencia com a fadiga e sacrificio dos melhores annos da mocidade, possa aceitar uma offerta que o inutilisaria aos seus proprios olhos ! . . . Antoninho, não sejas sempre rapaz ; não vás tu lá por fóra arranjar alguns irrmãos que fraternalmente te devorem as peças, os brilhantes, e os copos da espada do tresavô de tua senhora e minha ama. Cuidado com os parasitas, ouviste ? Olha que os portuguezes, lá por essas nações, gozam fama de valentes ; mas tambem a gozam de estupidos que se deixam gosar. Sê caritativo ; mas não sejas prodigo . . .

— Pareces um velho a aconselhar! — interrompeu Antonio — Nem que tu não tivesses trinta e dous annos como eu!

— E' verdade; mas, ha muito, que vivo cá em baixo terra a terra; e tu, desde que te conheço, encontro-te sempre nas regiões mythologicas com os Amphitriões e Alcmenas, e Proteus, e Apollos. As tuas comedias fazem crêr que tu tens muita imaginação; mas juizo não no inculcam; aliás, em vez de comedias, escreverias versos laudatorios aos reis, aos bispos, aos frades, a quantos magnatas por ahí ha incapazes de t'os perceberem. Já fizeste versos a algum d'estes estafermos?

— Não. Versos a reis, ou a filhos de reis, apenas tenho aquelle epicedio que fiz o anno passado á infanta D. Francisca.

— Depois de morta. Isso de que presta?... Bem me recordo: glosavas os versos do soneto de Camões:

*Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida... 1*

— E' verdade, — acudiu Antonio José com des-

¹ E' a mais regular e maviosa composição metrica de Antonio José da Silva. Merece o conceito em que a tem o author do *Ensaio Biographico*: «E' uma das melhores composições n'este genero.» Por extensa a não traslado. Está no 10.º vol. do citado *Ensaio*.

vanecimento — Glorio-me de ter levado a primazia entre todos os poemas que sahiram a chorar a princeza.

— A chorar! chorava lá ninguem, homem. Quem é que chora pela snr.^a D. Francisca, que Deus haja muitos annos lá sem mim? Os meus patrões, e muito sentimentaes infantes, ao outro dia da morte d'ella, andaram na tapada da Bemposta a matar melros. Choraste-a apenas tu! Elle chorou, snr.^a D. Leonor?

— Não me recordo bem... mas parece-me que sim, quando m'a recitou.

— Poetas!... Ficaram no lugar das carpideiras que meu avô ainda na morte de meu bisavô mandou alugar para chorarem vinte e quatro horas...

— Olha que a mim não me deram nada! — interrompeu Antonio.

— Por isso estou eu. São capazes de te dar tanto, como áquelle Manoel Fernandes Villa Real ¹ que defendeu com a penna e com a espada, estando em Paris, os direitos de D. João iv á corôa contra Philippe e contra os portuguezes acastelhanados; e, depois, como viesse a Portugal, os frades agarraram-no, deram-lhe garrote, e D. João iv não lhe acu-

¹ Manoel Fernandes Villa Real escreveu um importante livro dos direitos da casa de Bragança, chamado *Anti-Caramuel*, respondendo a Caramuel, que escrevia em pró de Castella. Foi enforcado e queimado como judaisante no auto da fé de 10 de Outubro de 1652.

diu. O Antonio Henriques Gomes ¹ e o Manoel do Leão ² que tambem escreveram mirificas cousas em favor de D. João IV e de D. Pedro II, se cahissem nas aboises que a inquisição lhes tinha cá armado, eram irremediavelmente assados. Não faças versos a principes mortos nem vivos, Antonio. Gasta o teu dinheiro como quem não tem espirito de que dispor em divertimento dos outros. Queima os livros. Auto da fé aos livros, e eu faço de barbeiro do novo D. Quichote de tramoias. Esquece-te de que tens lá nos escaninhos da cabeça um formigueiro de versos. Deixa ser o mundo bestial á sua vontade, e adeus até depois d'amanhã.

¹ Antonio Henriques Gomes escreveu sobre a *feliz acclamação de D. João IV*. Foi particular amigo do desgraçado Villa Real, e conselheiro e mordomo ordinario de Luiz XIII.

² De Manoel do Leão já se disse n'outra parte d'este livro.

CAPITULO V

Ao outro dia, Duarte Cottinel passou a Almada, e procurou em casa d'um fazendeiro a negra fugitiva. Foi-lhe apresentada a escrava, que tremia em quanto não reconheceu o homem caridoso a quem devia o escapar-se ás mãos de Antonio José.

Chamou-a Duarte a um lado, onde os não ouvissem, e deteve-se largo tempo. Começou por lhe inculcar medo á perseguição que seus senhores iam fazer-lhe, persuadidos de que ella os tinha roubado, e vendido os furtos. Fez-lhe sentir que a compaixão o movera a vir alli avisal-a para que mudasse de terra e nome. E, quando a negra, tremente de susto, se debulhava em lagrimas, por não saber para onde fugisse, Duarte, resalvando habilmente qualquer intenção dupla, disse-lhe em tom de piedade que pas-

sasse a Lisboa ao fim da tarde, e fosse ter a casa d'elle á Bemposta, onde ficaria até se lhe arranjar amos e segurança longe de Lisboa.

Assim o fez alegremente a escrava. O almoxarife recebeu-a com boa sombra, mandou-lhe dar optima cêa e excellente cama. Ao outro dia, como a negra carecesse de mudar a roupa com que fugira, Duarte proveu-a do necessario, comprando-lhe umas roupinhas e mantêo escarlates, encantadores objectos que tinham sido o sonho d'ella, nunca realisado. Feliciano, com quanto orçasse por quarenta annos, começava a imaginar, á vista de tantas venturas, que o almoxarife não desgostava d'ella, e nutria intentos a seu respeito. Admirava-se, porém, a preta, ao fim de tres dias, das delongas não usadas, entre o desejo e a execução, com pessoas da sua laia.

Ao quinto dia de hospedagem, a escrava parecia a filha primogenita d'um sova! A carapinha brunida e oleosa encaracolava-se-lhe phantasticamente. O rubi dos beiços incendidos parecia a porta do amoroso inferno que lhe ia nas entranhas do peito. As fórmãs, aliás redondas e anchas, como que, debaixo dos trajos escarlates, entremostravam graças que a natureza, desacompanhada da côr e feitio do jaqué, nunca tivera n'ella.

Quando Duarte a chamou, em occasião de estar sosinho, Feliciano entendeu que era chegada a hora de ouvir uma revelação d'amor, feita com a delica-

deza de que o seu novo amo e senhor a considerava dignissima.

Principiou o almoxarife perguntando-lhe se estava contente, se era bem tractada, se queria viver em companhia d'elle, ou sahir de Lisboa. A preta não tinha expressões com que bosquejar uns longes da sua felicidade, e confessava, no auge da sua modestia, que não merecia o bem que estava gozando.

— Visto que estás satisfeita, disse Duarte, ficarás commigo mais algum tempo; e depois, se eu desconfiar que te perseguem, passarás para uma quinta de meu pae em Torres-Novas; mas é necessario que te escondas, se alguma vez aqui vier o snr. Silva, ou criado de casa d'elle, porque eu não quero indispor-me com esta familia. Ora — continuou elle — diz-me cá, Felicianana... Promettes debaixo de juramento responder ás perguntas que eu te fizer?

— Prometto, senhor, assim Deus me salve.

— Teus amos Silvas fazem lá algumas rezas que não sejam á moda e costume dos christãos?

— Algumas rezas?!...

— Sim: eu vou perguntar-te de modo que tu possas responder a verdade a uma pessoa que te estima e promette fazer-te mais feliz ainda do que és. Ora diz-me: lá em casa era costume accender-se na sexta feira á tarde, uma hora antes de pôr do sol, uma lampada com quatro torcidas?

— A snr.^a Lourença fazia isso todas as sextas feiras.

— E a lampada ficava accesa todo o sabbado, não é verdade?

— E' sim, meu senhor.

— E que fazia a snr.^a Lourença no sabbado?

— Estava lá dentro do seu quarto a lér, nem se penteava nem lavava, nem pegava em agulha, nem cortava ou raspava as unhas, nem bebia vinho, nem comia cousa gordurenta, nem escrevia ¹.

— E sabes se a snr.^a Lourença rezava de manhã assim que se levantava?

— Não, meu senhor; sem se lavar muito lavada, e mais cousas, não pegava no livro ².

— Lembras-te d'algumas palavras que ella dissesse?

— Uma cousa que ella dizia todos os dias era isto: *Bemdito sejas tu que deste ao gallo instincto para distinguir entre o dia e noite* ³.

¹ Estas, e outras condições religiosas da observancia do sabbado judaico, vem referidas no 5.º vol. da *Histoire des juifs, depuis J. Christ jusqu'à present* — paginas 270 e seguintes.

² Explicam-se assim as *mats cousas* de que a escrava urbanamente não dava um preciso entendimento: « *Un des premiers soins est de satisfaire aux besoins de la nature, parce que David a dit: Tout ce qui est au dedans de moi, louez le seigneur. (Ps. 103): Ce serait un crime que de prier Dieu, ou de parler de lui avant que l'intérieur eût été nettoié...* » *Hist. des juifs. Tom. v pag. 306.*

³ *Orden de las oraciones. Orden de Cotidiano* para uso dos judeus da synagoga de Amsterdam, pag. 11. Os hebreus portuguezes seguiam principalmente o ritual de Amsterdam d'onde lhes eram fornecidos os devocionarios para em suas casas poderem exercitar-se espiritualmente, pois que não tinham synagogas.

— Havia algum mez no anno em que tua ama não jejuava ?

— Era no mez de Março ¹.

— Mudava de cama ou de roupa na vespera dos dias em que jejuava ?

— Sim, meu senhor ; deitava-se n'um colchão duro com lençoes de estopa, e só comia ao outro dia á noite ; e desde dezeseite de Junho até dez de Julho não comia senão hortaliças, e punha cinza na cabeça ².

— Outra cousa : teu amo doutor tambem fazia essas cousas ?

— O snr. Antoninho ?

— Sim.

— Nada ; esse não rezava cousa nenhuma, nem jejuava.

— E a snr.^a D. Leonor ?

— Tambem não.

— Então ella e o marido não praticavam acto nenhum de christãos ?

— Que eu visse, não, meu senhor.

Depois de mais algumas perguntas, Duarte Cottinel tirou d'uma gaveta um fio de contas de vidro amarellas, e deu-o a Feliciano, dizendo :

¹ Decidiram os rabbinos que se não jejuasse no mez de Março, por que este tempo, como anniversario da sahida do povo hebreu do Egypto, deve ser consagrado ao reconhecimento e ao jubilo.

² Buxtorf. Synagoga judaica.

— Ah! tens para enfeitares o pescôço. Gosto de ti, e quero que estejas contente.

— Ora, se estou, snr. Duarte! . . . — balbuciou ella sinceramente commovida — Muito feliz sou na sua casa!

— E serás uma ingrata, se me deixares! . . .

— Isso só por morte! — clamou ella com enthusiasmo.

E, como visse que o senhor não tinha mais que lhe dizer, retirou-se.

CAPITULO VI

Volvidos poucos dias, Duarte, apenas entrado em sua casa, vestiu de colera o semblante, e disse á negra :

— Teu amo doutor lá te mandou procurar a Almada por dous esbirros. Se lá estivesses, a esta hora estavas em lençoes de vinagre ! São crueis os taes judeus ! Venho agora de lá, disse-lhes que eram duros contigo, que te deixassem, porque sahiras quasi nua e sem real de casa d'elles. Provavelmente não torno lá. Gente com tão ruins entranhas não a quero para amiga. Ora vê tu, pobre mulher, que vontade elles tem de te esfolar !... Queira Deus que elles se não lembrem de suspeitar que estás aqui !...

— O meu senhor não me deixa prender... — exclamou ella, pondo as mãos.

— Não deixo, ainda que tenha de defender a casa com todos os criados dos senhores infantes. O judeu não se atreve a cá vir; podes estar socegada, Feliciana. Tens em mim um verdadeiro amigo e defensor.

— Nossa Senhora lh'o pague! Muito meu amigo é, snr. Duarte! Eu não sei porque é tão meu amigo!...

— E' porque tive muita pena de ti, e estou convencido de que tu eras incapaz de ser a ladra que elles dizem. Olha; eu confio tanto da tua limpeza de mãos, que te deixo abertas as gavetas, como se te conhecesse ha muitos annos. Quando quizeres comprar alguma cousa, compra, que eu gosto muito de te vêr asseada e satisfeita. Aquelles malvados!... E' assim que te pagam trinta annos de serviços; e não se lembram que tu, se fosses vingativa, os podias perder e desgraçar. Pois não podias, Feliciana?

— Como era?! — perguntou a escrava, como admirada da sua desconhecida generosidade.

— Pois se tu fosses denunciar ao santo officio que teus amos judaisavam, cuidas que elles não eram logo sepultados nas masmorras do Rocio?

— Ah! sim?... Pois então que me deixem... senão...

— Quem sabe? tornou Duarte — póde ser que a final, se te quizeres vêr livre da perseguição, não tenhas remedio senão... Nada... denuncia-os, não.

Hade naver muito quem os accuse. Veremos como elles se portam d'aqui em diante... Eu queria que tu sahisses, Feliciana. Custa-me vêr-te aqui fechada; mas tenho medo que te prendam lá por fóra, e que te castiguem ou entreguem á tua senhora, antes de eu poder valer-te! Já me lembrou de te resgatar, comprando-te; porém, o odio que elles mostram ter-te é tamanho, que, a meu vêr, antes querem matar-te que vender-te. Esperemos alguns dias mais; e, se elles não estiverem quietos, pensaremos no que se hade fazer. Estas barbaridades irritam-me. Os escravos são nossos irmãos e filhos do mesmo Deus. Tomei á minha conta defender-te, e heide salvar-te das fúrias d'aquella maldita casta de gente, que está sempre a vêr como hade abrir as veias do proximo! Que admira se elles mataram Nosso Senhor Jesus Christo!

—E' verdade! — murmurou compungidamente a negra — Eu já tenho ouvido dizer isso; e, lá no Brazil, quando prenderam a minha senhora, uns homens que a viram passar, ficaram dizendo: « esta é das que mataram Nosso Senhor! » Eu, depois, contei isto á snr.^a Lourença, e ella...

— Que respondeu ella? — acudiu pressurosamente Duarte.

— Disse que os taes homens eram umas bestas.

— E mais nada?

— Mais nada que me lembre.

— Pois olha : vai recordando todas essas cousas que viste e ouviste, porque póde ser que ainda precisas de as dizer, para te livrares de cahir nas unhas dos taes matadores de Jesus Christo.

A sessão terminou, para se continuar no dia seguinte, e nos outros. O almoxarife trazia sempre de fóra alguma historia urdida para aterrar e enfurecer a negra. A tanto lhe apurou a raiva que já a final era ella quem pedia licença para ir denunciar os amos ao santo officio.

N'um d'aquelles dias, Antonio José da Silva bateu ao portão da casa de Duarte Cottinel. A negra precavida, assim que o viu por uma gelosia, correu alvoroçada a prevenir o novo amo. Duarte foi escondê-la muito longe da sala em que devia receber a visita do amigo.

Antonio José vinha triste, a dar-lhe parte da sua definitiva resolução de retirar-se, porque o conde da Ericeira muito á puridade o avisara da necessidade de sahir de Portugal, porque no santo officio se lhe estavam forjando desgraças.

— O conde da Ericeira — atalhou Duarte — não póde saber mais do que meu pae. Os rumores, que lá se passam, muito ha te disse eu que se passavam ; todavia, por em quanto, não tem symptomas assustadores. Não obstante, se queres ir, vai ; se tens lá fóra mais tranquillidade, não te demores, que o meu

maior prazer é vêr-te em segurança. Quando tencionas ir ?

— Não é já, porque o conde também me disse que eu poderia sem receio estar uns dias em Lisboa. No dia cinco de Outubro, faz minha filha dous annos, e eu tinha muita vontade de os festejar em companhia de ti e dos Barros.

— Estamos hoje a vinte e quatro de Setembro... Faltam onze dias... Posso asseverar-te que não corre o minimo sobresalto a tua liberdade n'estes onze dias. E a mobilia da tua casa que lhe fazes ?

— Vinha offercer-t'a.

— Não aceito, Antonio, porque não sei que lhe faça. Como vês, esta casa está decentemente mobiliada por conta dos infantes, e eu não tenho outra residencia. Vende a mobilia a quem ella seja necessaria; e, se não queres figurar n'isso, eu me encarrego.

— Não posso dar trabalho a quem me não recebe o mais leve favor — disse Antonio José — Encarregarei a venda a algum parente de minha mulher. Diz-me cá : nunca podeste descobrir que fim levou a desgraçada escrava ?

— Não.

— Tenho feito diligencias incançaveis ! Ninguem me dá noticia alguma. Minha pobre mãe chora por ella, e queixa-se de mim, como causa da sua Felicidade fugir. Se se matou, fica-me este remorso a trespassar-me o coração !

— Ora adeus!... remorsos de castigar escravos!... Fizeste menos do que fazem os outros senhores d'elles que lhes despem o couro. Deixa lá a negra, que está por ahí a servir, e não pensa em se matar. Assim que saihes de Lisboa, apparece ella.

— Oxalá que assim seja. Heide deixar-te uma boa esmola para lhe entregares, se a vires.

Sahiu Antonio José da Silva.

Duarte foi buscar a negra ao escondrijo, e disse-lhe:

— Teu amo asseverou-me que tinha a certeza de te haver ás mãos antes de oito dias.

— Então fujo de Lisboa? — perguntou ella anciada.

— Não. Socega. Eu vou sahir, e volto d'aqui a duas horas.

— Não me deixe prender, snr. Duarte! — exclamou a escrava de mãos postas.

— Estás prompta a fazer tudo que seja necessario para te salvar?

— Estou, meu senhor!

— Bem. Logo fallaremos.

Duarte Cottinel sahiu; entrou em casa do promotor da inquisição, e deteve-se meia hora. D'alli foi em direitura ao convento de S. Domingos, e demorou-se com dous conselheiros do santo officio. Era de prompto recebido como familiar. A' sahida do convento, viu Antonio José da Silva que desembo-

cava das portas de Santo Antão. Escondeu-se. Não lhe sobejou infamia para se defrontar com o homem que elle andava apunhalando. Era um remorso inutil, um remorso dos scelerados aquelle. Lampejava-lhe uma luz nas trevas d'alma; porém, luz do inferno, chamma da consciencia infernada.

Antonio José da Silva não o vira. Ia abstrahido, pensando no modo de brindar o amigo Duarte com um gracioso e ao mesmo tempo rico presente no dia d'annos de Lourencinha.

Chegou o almoxarife a casa, esteve-se momentos em recolhimento acerbo, e chegou a pedir sacrilegamente ao diabo que lhe afastasse o calix da tentação. O diabo conduziu-lhe a negra, que lhe vinha perguntar o que ella devia fazer.

— Eu te chamarei... — disse elle mal encarado.

Feliciania fez pé atraz, espantada da mudança. E o diabo, assim que a pretã voltou costas, foi buscar o cofre de Antonio José, e mostrou-lhe peça por peça a caixa dos pentes de ouro cravejados de brilhantes, e o retrato cercado de diamantes, e as vinte e quatro pedras de extraordinario lume e quilate, e os copos da espada recamados de joias, e os vinte e quatro contos em moedas de ouro. Repoz tudo no cofre o expositor infernal, e disse, batendo-lhe com a mão de ferro calcinado no coração :

— Cento e cincoenta mil cruzados!

Levantou-se de salto Duarte, e foi dentro cha-

mar a negra. Compoz o gesto, abemolou o tom da voz afogada da rapida respiração, e disse :

— E' necessario, se te queres salvar, que vás á inquisição denunciar teus amos ; se não, estás perdida, que eu não posso combater a perseguição que te fazem.

— Pois eu vou... e que heide dizer?... — perguntou ella, tremendo.

— Tudo que sabes, tudo que viste. Não queres ?

— Vou onde vossa mercê me mandar. Pois não heide ir ?

— Porque se não vaes és presa, e além d'isso estás excommungada.

— Excommungada !

— Sim. És obrigada a denunciar dentro de trinta dias teus amos, sob pena de excommunhão ¹. Amanhã, ás dez horas, irás á mesa do santo officio á casa santa. Diz ao alcaide ² que queres fallar ao snr. inquisidor ; lá te farão as perguntas, e tu responderás ; mas olha, Feliciano, se te perguntarem o

¹ Era doutrina escripta nos catecismos christãos, e corrente nas christandades portuguezas d'aquem e d'além mar. Veja *Inquisição de Goa*.

² O snr. A. Herculano, traduzindo do latim da Memoria dos christãos-novos as palavras indicativas d'um official de inquisição *profectum carceris*, diz *alcaide*, e observa: *traduzimos por conjectura*. De feito, o director dos carcereiros, segundo inferimos da relação de um preso, no citado livro *A inquisição de Goa*, frequentemente é empregado o termo *alcaide*, no sentido que o eminente historiador do estabelecimento da inquisição lhe deu a pag. 132 do 3.º vol.

que fazia teu amo doutor, responde que fazia o mesmo que sua mãe; senão, fazes prender a mãe, e elle fica livre para te acabar a vida nos ferros do limoeiro ou nas galés.

A negra foi fazer exame de consciencia como quem se prepara para salvar-se das galés.

A furto, lhe cabia ás vezes n'alma uma gota dolorosa como de chumbo candente. A negra dava upas no catre, onde não provou cinco minutos de repouso. Um raio de penetrantissima angustia lhe atravessava, a espaços, a cabeça, e ao fogo, que lhe accendia, mostrava-lhe os beneficios, afagos e cuidados com que Lourença Coutinho a tractava nas suas molestias. Quando as lagrimas, ferventes d'aquelle queimar, lhe resumavam aos olhos cravados nas trevas, chamava ella em seu auxilio a lembrança das vergastadas que soffrêra, d'outras que a esperavam, e, depois, as gramalheiras da galé.

Luctou assim até ao dia.

E, ao mesmo tempo, a noite de Duarte não foi mais repousada. Calculava elle as consequencias d'aquelle acto, que elle já, ainda que quizesse, não podia aniquillar. Se a negra, golpeada de remorsos, revelaria nos interrogatorios futuros que fôra elle o motor da denuncia? Que pensaria o mundo da riqueza inesperada? que julgaria da perfidia do homem que perdêra uma familia? Occorreu-lhe a idéa valedora de todos os que não receberam ainda nome condigno

e significante na perversão moral, que entesta com as raías do inverosimil. Lembrou-se de matar a veneno a escrava á hora em que fosse necessario sepultal-a com o segredo.

A negra não podia ser pallida diante do inquisidor que a interrogava, e do secretario que escrevia o depoimento ; mas o tremor da voz dizia o que a escuridão da pelle, oleosa de afflicto suor, não podia delatar. A desgraçada estava já sentindo em corpo e alma as labaredas que se iam accendendo, a cada palavra d'ella, em volta da familia com quem se creara desde creancinha.

Juramentada, confessada, e intimada para apparecer quando novamente a chamassem, sahio. Aperitou o pé caminho da Bemposta, e limpou muitas vezes as lagrimas para vêr o caminho.

Anciosamente a esperava Duarte.

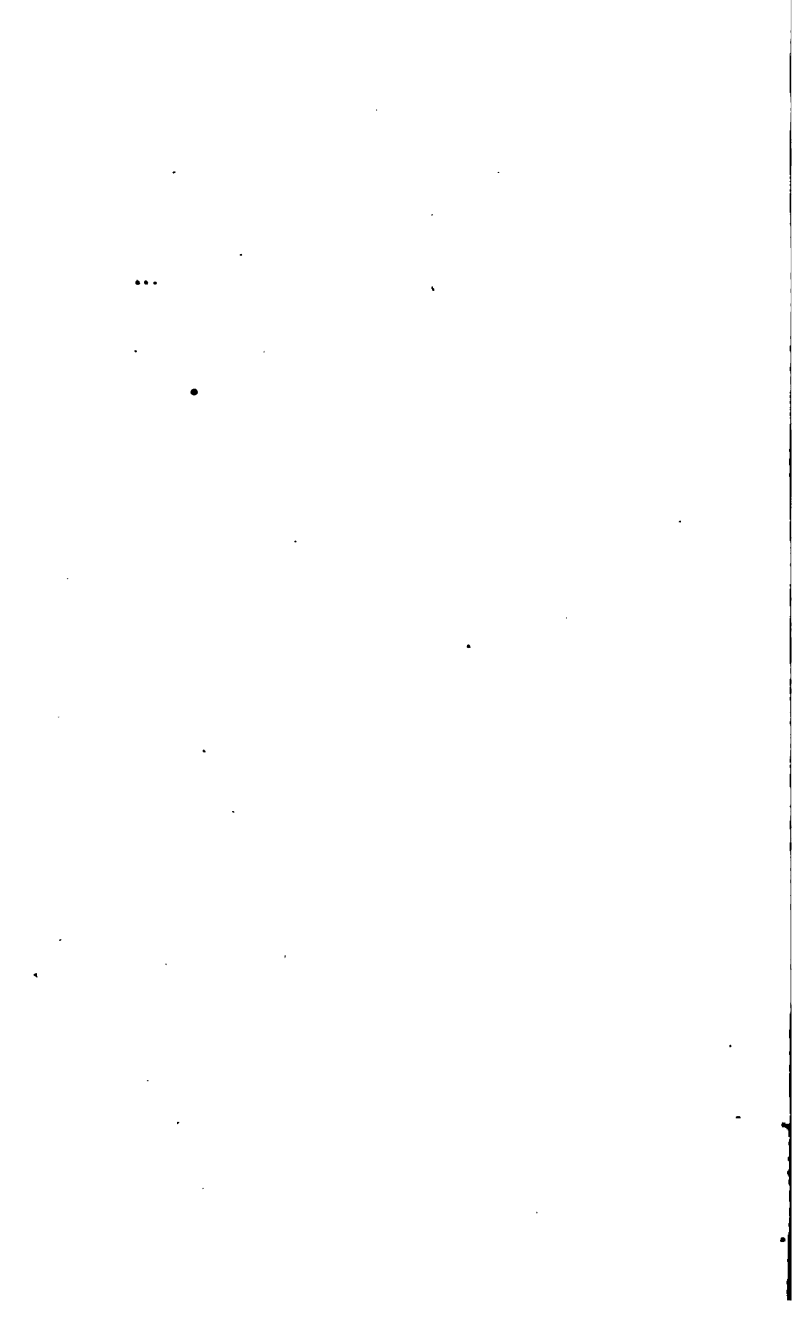
Feliciana lançou-se-lhe de joelhos, exclamando :

— Eu fiz que vão matar a minha senhora, e a snr.^a D. Leonor que nunca me fez mal nenhum ! Não os deixe morrer, se não eu vou atirar-me á cisterna !

— Não morre nenhum, tôla ! — disse Duarte — No primeiro auto da fé sahem todos livres ; e entretanto eu tractarei de te arranjar fóra de Lisboa um modo de vida em que tu enriqueças. Heide dar-te um bom dote para casares com um official de officio. Ergue-te, Feliciana. Então respondeste ?

— Sim, meu senhor ; mas elles, ás vezes, faziam-me dizer o mesmo de muitas maneiras, e eu estava a tremer de medo d'aquelle senhor da capa e barrete de borla, que tinha cara de metter medo...

— Está bom. Vai jantar, e come bem, que os teus amos não soffrem senão a prisão d'algum tempo. Já te não lembram aquellas vergastadas? . . .



CAPÍTULO VII

As pessoas não lidas nas mais repulsivas paginas que temos da historia da humanidade; as que não viram ainda nem coraram de ver os irrefutaveis e inamorreduros livros de Alexandre Herculano ácerca da inquisição em Portugal, desculpavelmente malstram de inverosimil o caracter de Duarte Cottinel. Faz-lhes honrosa repugnancia tão extremada infamia, quando o intento e fito d'ella é aferrar d'um cofre recheado de riquezas por cima da torrente de lagrimas e sangue d'uma familia, por cima d'uma fogueira que derrete as carnes e pulverisa os ossos do possuidor do thesouro. Espantam-se, e refutam de boa fé, como desnaturaes e insondaveis os abyssos de infamia d'onde lhes salte o homem que não pôde allegar como causa da morte horrendíssima d'uma fa-

milia, senão a necessidade de a roubar, e a descoragem para matá-la a ferro quando ella o recebe em seu gremio confiadamente.

Espantam-se; mas não era mais para assombros Duarte da Paz aquelle hebreu, que recebia dos da sua raça, ouro a torrentes para os salvar em Roma, e os vendia aos algozes sagrados de D. João III? Não era mais incrível a denuncia do parente, que esperava sonegar ao confisco do santo officio os thesouros do irmão, e ás vezes do pae, que expirava amaldiçoando a cega Providencia, por não saber quem o chumbára ás lages que o sol não aqueceu nunca?

O melhor e mais alto louvor que póde entoar-se a este seculo é não haver ahí quem já aceite como praticaveis os atrozes lances d'um passado, que dista de nós apenas seculo e meio. Que dias aquelles e que dias os nossos! Como a vida e alma humana eram então desgraçadas! Que deploraveis gerações de infelizes e de scelerados rolaram á voragem em correntes de lama ensanguentada! Como o sol de Deus passaria triste no céu, e o que iria no grande Espirito Creador, lá em cima, cortinas a dentro d'estes milhões de estrellas!

É preciso levar o pensamento ao amago, ao turbilhão d'aquelles dous seculos nefastos que marcam o nosso opprobrio desde D. João III até ao marquez de Pombal, aurora do melhor dia, aurora manchada ainda de laivos de sangue, mas em fim o alvorecer,

o redimir-se o homem, esquecido de Christo, principiou então, n'este recanto de heroes piratas, e de apostolos sanguinarios! E a Providencia não contava como seus, como obra sua, como filhos da sua eternidade aquelles dous seculos?

A Providencia deixava escabujar o hebreu nas correntes da sua masmorra, e deixava aquecer-se o frade ás chamas crepitantes dos seus cruentos holocaustos a Jesus.

Mas um dia, a ultima fogueira devia apagar-se deverando o mais fanatico dos tonsurados, o padre que em si compendiava o ascetismo fraudulento, as illustrações ficticias do alto, os dons fallazes de inspirado, as raivas theocraticas, quantos herpes tinham roído e empeçonhado os liames que suavemente enlaçavam a humanidade com a cruz do seu mais divino redemptor.

Um dia accendeu-se uma fogueira; e essa fogueira, que foi a ultima em Portugal, ao apagar-se deixára um sedimento lodoso em que a Providencia mandou procurar as carnes, os ossos, e me quer parecer que a alma do padre Gabriel Malagrida.

Aqui está a Providencia.

Mas quem deu conta dos milhares de familias, cujas cinzas levaram os quatro ventos do céu?

A Providencia não as pediu — acrescenta uma blasphema philosophia.

Pediu. D'estes atascadeiros do mundo não pode-

mos desferir o vóo lá para onde essas contas se pedem; crêmos, porém, com a mais pia racionalidade que os filhos de S. Domingos e filhos dos santos pontífices foram chamados a contas, e as deram como criminosos d'um periodo do mundo em que a legislação civil não era mais misericordiosa que a ecclesiastica.

Eu creio que ninguém tirou uma vida que não respondesse por ella quando o nome do assassinado fosse lido na lista do seu Creator.

E por isso pergunto aos oraculos dos nossos dias se os caprichos dos reis não tem que dizer de sua justiça, quando lhes perguntarem porque alvejam ainda as ossadas nos descampados em que passaram os reis, á frente das suas rezes.

Não sei qual razão haja ahí que legitime o morrer dos que pelem; contra uma bandeira; e se deplore sobre a pagina tarjada dos que caíram nas lutas religiosas, mais ou menos covardemente assassinados.

De cadaver a cadaver não ha distincção.

É tudo o mesmo açogue.

CAPITULO VIII

Chegou o dia 5 de Outubro, segundo anniversario de Lourencinha.

Diogo de Barros, com todos seus filhos e netos, e alguns poucos mais parentes de Jorge, á hora de meio dia estavam em casa do advogado Antonio José da Silva, depois de previamente remetterem os seus presentes em bandejas de prata cobertas com alvissimas toalhas á cabeça d'escravas, as quaes iam acompanhadas por lacaios das casas respectivas.

Á uma hora estava o jantar na mesa. Abancaram todos alegremente, exceptuado o pae da festejada creancinha, porque meia hora antes recebera um bilhete de Duarte Cottinel Franco, lastimando-se por não poder comparecer na festa, e mais ainda por motivo de não poder desamparar um posto, d'onde es-

tava observando a tecedura d'uma intriga inquisitorial contra o seu amigo, intriga que requeria urgentissimo remedio.

Antonio José da Silva, terrivelmente surpreendido, escondeu de todos, e até da esposa, o conteúdo do bilhete, para não perturbar a satisfação dos convidados. Julgou elle que a intriga ou seria logo desfiada por esforços do amigo, ou viria a vingar mais tarde: como quer que fosse, absteve-se de sobresaltar a familia e os hospedes, simplesmente annunciando que Duarte Cottinel faltava ao jantar por desculpaveis motivos.

Lourencinha, durante o jantar, andou pelos braços de todos, e o mais do tempo esteve nos do padrinho, Diogo de Barros. O ancião, já sabedor da breve sahida de Leonor, fitava olhos humidos na afilhada, e dizia-lhe:

— Não chegas a conhecer o teu decrepito amigo. Quando tiveres sete annos, tua mãe te fallará de mim, e te dirá quanto quiz a teus avós, a teus paes e a ti, anjinho do céu.

— Essas lagrimas, meu tio, vem amargurar a festa da nossa Lourença — disse Leonor — quem sabe ainda se nós iremos para fóra? Parece-me que vamos já esquecendo. . .

— Não esquecemos, não. . . — acudiu Antonio José, reconcentrado e triste.

— Pois que ha, Antonio? — perguntou Lourença.

— Nada, minha mãe! . . .

E, tomando da mesa uma alva caneca indiana, exclamou:

— Bebamos á saude de Duarte Cottinel Franco; amigo honrado, amigo dos que a divina Providencia dá aos infelizes que a não denegam nem offendem! Bebamos á saude do generoso defensor que fakteu n'esta festa de familia, porque não podia ao mesmo tempo estar aqui e defendel-a das armadilhas dos nossos inimigos! Bebamos á saude de Duarte!

Bradaram todos, tirante Leonor e Lourença:

— Á saude de Duarte!

— Tu não bebes? — perguntou Antonio á esposa.

— Estava distrahida. . . — respondeu ella; e, pegando da sua taça, disse ella:

— Á saude dos sinceros amigos!

Lourença Coutinho bebeu tambem.

Antonio José olhou-as com severidade, e murmurou:

— Sois ingratas! . . .

— Então, snr. Silva? — exclamou Diogo de Barros — são isso palavras que se digam?

— Pois que quer v. s.^a? — redarguiu o hebreu — ainda não pude provar a estas creaturas que Duarte é um homem de bem! . . .

— Nem a mim — atalhou Diogo.

— Pois que?!... — voltou Antonio José com muito espanto — nem a v. s.ª!

— Não; mas não debatemos hoje essa questão, snr. doutor. Fallemos linguagem amorosa, que a nossa creancinha entenda. Chegai-me cá essa bandeja de confeitos para a beira da minha afilhada...

Fez-se um forte estrondo na porta da escada e celaram-se todos. Antes que entrasse criado a dar aviso, appareceu Duarte Cottinel, com a vista esgazada e descomposto semblante.

— Que é? — pergantaram muitas vozes.

— Vem cá, Antonio!... depressa... depressa...

Todos se levantaram, e só o judeu passou com elle á proxima sala.

— Vaes ser preso — disse offegante o almoxarife.

— Preso? já?...

— Já os familiares e meirinhos estavam á bocca da rua. Sei que a ordem tambem se entenda com tua mãe e mulher. Meu pae já não pôde salvar-te; mas arrancar-te-ha brevemente da prisão... Não percas agora a cabeça, Antonio! Vem cá!...

O judeu corria d'um lado a outro apertando vertiginosamente as fontes.

— Vem cá... escuta-me...

— Que é? — disse Antonio com spasmo de idiota.

— É preciso salvar o teu thesouro das garras da

inquisição. Bem sabes que os hebreus ricos, se podem salvar-se do fogo, sahem mendigando do carcere.

— Sei... e então!

— De quem confias as tuas riquezas?

— De quem?... de ti, de ti... Duarte!...

— E já! então deve ser já, antes que os familiares arremtem o que estiver de portas a dentro. Leva-me onde está o thesouro, que eu desço com elle para os baixos do pateo, e fujo depois que os familiares entrarem.

Antonio correu á sua camara: abriu o gavetão d'um contador, e entregou-lhe o cofre, e mal articulou estas vozes:

— Não nos desampares, não nos desampares...

Duarte desceu pressurosamente ao pateo, e escondeu-se no quarto dos criados.

Instantes depois, entraram dous familiares do santo officio e dous meirinhos.

Quando chegaram ao topo da escada, ouviram grande alarido de gritos. Bateram.

Sabiu-lhes Diogo de Barros, que devia conhecer os familiares: eram duas pessoas nobilissimas, nascidas em duas das mais distinctas casas da monarchia ¹.

Diogo de Barros, com as faces cobertas de lagri-

¹ Os primeiros fidalgos de Portugal honravam-se grandemente com apresilharem no hombro a insignia de quadrilheiros da inquisição. Era uma medalha de ouro com as armas do santo officio gravadas.

mas, proferiu palavras supplicantes, compungentes, e todavia inuteis.

Um dos familiares disse :

— V. s.^a sabe quaes são as minhas obrigações, porque, na qualidade de familiar do santo officio, sabe cabalmente quaes são as suas.

— Uma das presas tem uma filhinha de dous annos. . . — disse Diogo — como hade ser isto ?

— Como é costume — respondeu o enviado da inquisição — as creanças ficam no poder de quem as quer aceitar.

Os brados redobravam interiormente, porque Leonor tinha ouvido dizer ao familiar : *As creanças ficam.*

Foi dentro Diogo, e os quadrilheiros seguiram-n'o.

Leonor girava em volta dos hospedes, como para fugir-lhes, temerosa de que lhe arrancassem a filha. Antonio José, a um canto da sala, encarava, n'um lethargo de brutificação dolorosa, os movimentos freneticos da mulher. Ninguem sabia nem podia alli consolar: choravam todos.

Os familiares, com os braços cruzados, esperavam o quebrar d'aquella tormenta, e mediam d'alto abaixo dous filhos de Diogo de Barros que, n'um instante de indiscreta ira, tinham posto as mãos nas guardas dos faíns.

Antonio José da Silva sahiu do seu estupor, e ca-

minhou com presença d'alma a encontrar a mulher n'uma das suas irrequietas arremettidas.

— Leonor! — disse elle — isto é irremediavel. Entrega a nossa filha ao snr. Diogo de Barros.

As damas rodearam Leonor, e ampararam-n'a. A creança expedia altos gritos. A mãe largou-a, ou por cuidar que a estava estrangulando no apertar dos braços, ou porque os sentidos lhe faltaram. Uma das senhoras passou a outra sala com a menina.

Diogo de Barros pediu aos seus collegas do santo officio a graça de concederem que Leonor e sua mãe fossem transportadas de liteira á santa casa.

Responderam :

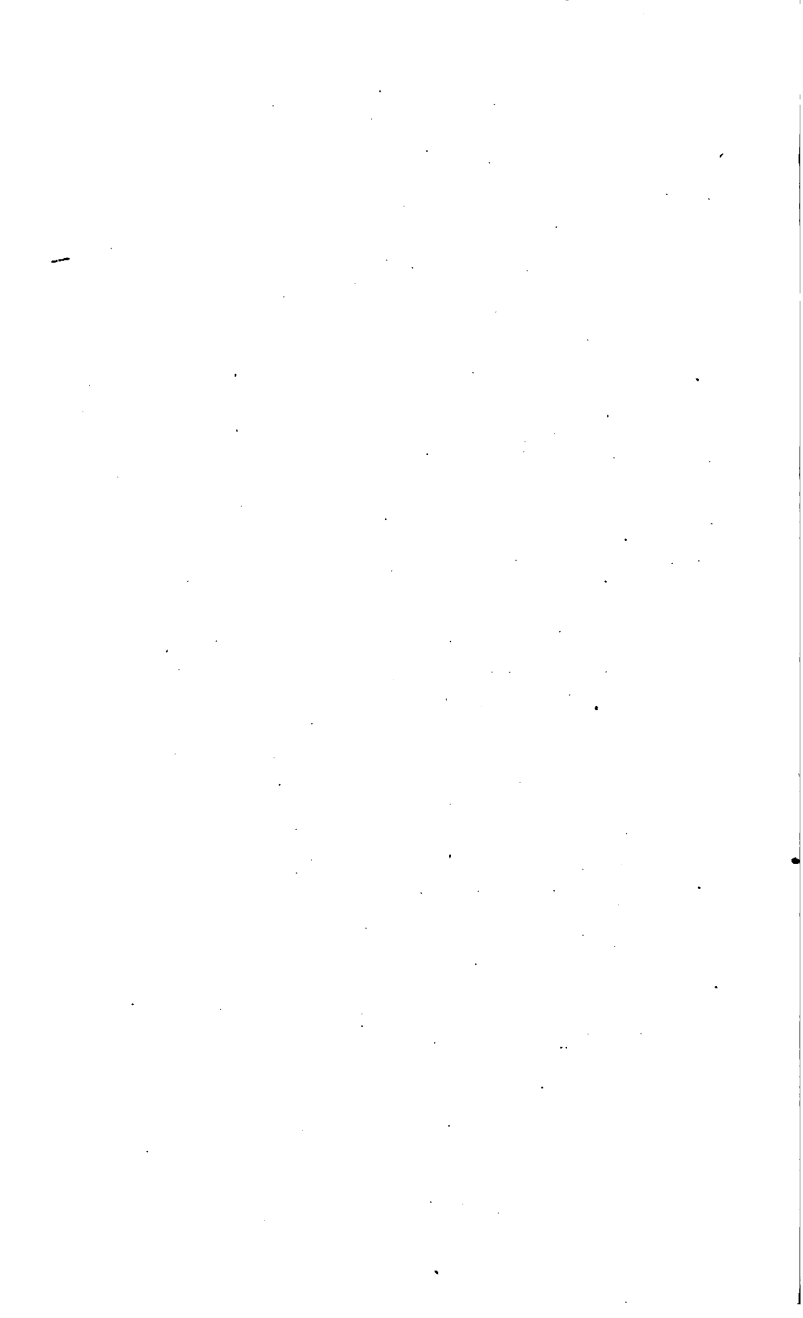
— Não temos alçada.

Pediulhes que o esperassem em quanto elle ia fallar ao cardeal inquisidor. Responderam que não podiam esperar mais tempo.

Leonor e Lourença cobriram as mantilhas, e desceram encostadas ás espadas de Antonio José.

Um dos meirinhos fechou as portas, depois de ordenar da parte do santo officio que sahisses todos os escravos e criados.

Assim terminou o dia 5 de Outubro de 1737, segundo anniversario natalicio da filhinha de Antonio José da Silva.



CAPITULO IX

A inquisição tinha diariamente dous conselhos, chamados ordinarios. Um das oito ás onze horas ; outro do meio dia ás quatro.

Quando os presos chegaram á santa casa, já os inquisidores e secretario tinham sahido da mesa do santo officio.

O alcaide conduziu-os a um vasto salão, já alumiado com lampadarios pendentés do tecto esfumado, e mandou-os esperar, recommendando a Leonor, que soluçava, completo silencio.

Um guarda, ou chaveiro ficou encostado ao batede da alterosa porta.

Antonio José sentou-se n'um tamborete de pau entre sua esposa e mãe. Apertou nas suas as mãos de ambas, e murmurou :

— Não desanimem, que Duarte asseverou-me a nossa proxima sahida.

Lourença soltou um gemido, e apenas balbuciou:

— Duarte!... Creio que estamos perdidas!...

— Não estão... não estão... Tens coragem, Leonor?

— Tenho... que sou mãe... — exclamou ella, levantando a voz.

O guarda pronunciou um longo *sio*.

Às cinco horas, voltou o alcaide, e disse ás presas que o segnissem.

— Adeus! — disse Leonor ao marido, inclinandolhe ao peito a face.

Lourença Coutinho beijou o rosto do filho, e disse-lhe ao ouvido:

— Até Deus, meu amado filho!

Antonio José abraçou-as a um tempo, e cahiu sobre os joelhos com ellas.

— Venham, mulheres! — disse o alcaide carregando o aspeito.

Levantaram-se: Deus viu-os levantar-se, e separarem-se. Viu-os, porque Deus está em tudo e vê tudo.

Em quanto o alcaide não voltou, o hebrau estete de joelhos, com o rosto sobre o tamborete. Ouviu os sonoros passos do chefe dos carcereiros; levantou-se, e perguntou-lhe:

— Póde per piedade dizer-me se minha mulher e minha mãe ficarão juntas?

— Ficarão juntas até amanhã. Siga-me.

Antonio foi levado ao cubiculo quadrado de dez palmos em que estivera onze annos antes: era o carcere numero seis do *corredor meio novo*. O alcaide deteve-se alguns segundos para lhe mostrar a enxerga e a manta, o pote da agua e o pucaro; depois sahio com a lampada, rodou a chave, e fez as trevas profundas d'aquelle ergastulo, por ordem dos levitas d'um Senhor, que tinha feito a luz universal, n'um dia de boa feição, antes de fazer os levitas n'um dia de rancor ás suas creaturas. Não sei se o hebreu ficou scismando n'isto: o blasphemar, n'aquelle situação, seria não vulgar virtude.

Domingos de Gusmão, se está em alguma parte, e conserva a memoria dos favores que fez ao genero humano, deve saber contar como foi aquella noite de Antonio José da Silva, de Leonor e de Lourença Coutinho, e d'aquelle creancinha sem vêr sorriso ou lagrimas de pessoa conhecida.

Ás seis horas e meia abriu-se a porta do carcere numero seis: o guarda depoz ao lado da enxerga do hebreu um prato de arroz com uma posta de peixe, e sahio ¹.

¹ A alimentação dos encarcerados, com alguma differença, nas horas de lh'a ministrarem, era a mesma em todas as prisões inquisitoriaes do territorio portuguez. O author da *Inquisição de Goa*, o qual, como se disse, foi longo tempo ludíbrio d'ella, no tocante aos alimentos, diz o seguinte: «Os presos são bem tractados; comem tres vezes ao dia; almoço ás seis horas da manhã, jantar ás dez, e ceia ás quatro horas da tarde.

Antonio José deteve-se a olhar na chamma da lanterna, que o chaveiro pozera ao lado do prato. Voltou o guarda, e disse-lhe que comesse.

— Não posso — respondeu o preso.

O guarda sahio com a luz, e correu os ferrolhos da porta.

Ao romper da manhã, Antonio José tinha os olhos cravados na alta fresta, por onde entrava o dia atravez de grades. Assim que o cubiculo se aclarou, olhou em redor de si: reconheceu aquellas paredes. Viu um objecto novo: era uma cruz, feita com sangue, á cabeceira da enxerga. Algum desgraçado alli deixára aquelle testemunho de sua religião, traçado com o sangue furtado ao constrictor das torturas. As seis horas, levaram-lhe o almoço. Antonio José, como tivesse orado, cobrou alento. Orar a quem? Não se sabe; mas as testemunhas juradas contra elle disseram que, atravez das escutas da prisão, o viram algumas vezes orar de joelhos. Orava a Deus.

Aos pretos dão-lhes canja de arroz: chama-lhe o francez *cange*, ao almoço; ao jantar e ceia dão-lhe peixe e arroz. Os brancos passam melhor: de manhã dão-lhe um pão fresco de tres onças, e peixe frito, fructa, e uma linguica, se é domingo ou quinta feira; e n'estes dias, ao jantar, dão-lhes carne, um pão como o do almoço, e um prato d'arroz e algum guizado com farto molho, para adubar o arroz, que é cozido simplesmente com sal; nos de mais dias o jantar é sempre de peixe; e á noite dão peixe frito, pão, arroz, e guizado; carne é que nunca lá se come á noite.» Presume o desconhecido author que a abstinencia da carne leva em vista evitar indigestões. Aquelles hygienicos sujeitos poupavam os corpos salutarmente, no intento de lhes purificar as almas no fogo. Em Lisboa prevalecia a mesma piedade. Veja o liv. cit. pag. 81 e 82.

O certo é que se lhe fez luz de esperança. Aceitou o almoço, e comeu porque esperava redgatar-se, depois d'alguma flagellação. Deram-lhe uma vassoura para a limpeza do calabouço, um pote para determinado fim, e uma oelha, que servia de cobertura ao pote, e de receptaculo de lixo. Depois, cortaram-lhe o cabello, vestiram-n'o com o traje da casa, e despojaram-n'o de tudo que levava vestido.

O hebreu, onze annos antes, tinha deixado alli um alcaide que o tractava com menos crueza, bem que nunca lhe concedesse um livro ¹. O novo official, que substituiu o outro, denotava a ferocidade ordinaria d'aquelles funcionarios da santa casa, e pôde ser que extraordinaria ferocidade com elle.

Leonor e Lourença tinham passado a noite juntas. Não nos arrojamos a bosquejar muito em sombra as presumiveis angustias das duas mulheres. A penna mais affeita a escrevel-as, ainda entre os dedos de Llorente e de Alexandre Herculano, cahé desanimada. Esta inefficacia e incapacidade para descrições de agonias inenarraveis, faz honra ao coração do homem.

Ao outro dia, por volta de onze horas, um guarda separou as presas. Abraçaram-se. Lourença disse á esposa do filho:

— Se vivermos... até ao auto da fé.

¹ Nos carceres da inquisição nem aos sacerdotes presos era concedido o seu breviario.

Leonor, quando se viu sózinha, ajoelhou, e disse:

— Meu Deus, graças te dou, porque me levaste minha mãe e meu pae! Deus de misericórdia, leva-me a minha filhinha, se eu não heide mais vê-la. . . leva-m'a, ó Senhor, para eu poder acabar resignada!

Ao mesmo tempo, um official do santo officio entrava á prisão do hebreu exhortando-o a que declarasse exactamente os seus haveres, acrescentando:

— Da parte de Jesus Christo vos digo que, se estiverdes innocente, vos será entregue tudo que vosso fór; e, se alguma coisa sonegardes, qualquer que seja vossa innocencia depois reconhecida, tudo perdereis.

Antonio José respondeu que tudo que possuira deixára em sua casa no largo do Soccorro; ajuntou que pouco herdára de seu pae, e a pequena herança a empregára em adornos de sua casa.

Á uma hora da tarde, o alcaide e um guarda conduziram-n'o á mesa do santo officio, occupada por tres inquisidores e um secretario. Mandaram-n'o sentar em tamborete raso, unico objecto desprezível em meio de ricas poltronas, tapetes, e gualdamecins que exornavam o espaçoso recinto. Os inquisidores occupavam parte das poltronas lateraes á mesa. O secretario sentava-se rente ao topo da banca, voltando as costas a um grande Christo que se alevantava até á abobada. Começou o interrogatorio, depois que elle foi ajuramentado com um missal. Perguntaram-lhe

se sabia porque fôra preso. Respondeu que não. Pediram-lhe *pelas entranhas misericordiosas de Nosso Senhor Jesus Christo* ¹, que confessasse para mais depressa experimentar a bondade e misericórdia d'aquelle tribunal com os sinceramente arrependidos.

Disse o hebreu que se julgava victima de odientes intriguistas, que tinham querido vêr em suas commedias alguns rebuçados insultos á religião catholica. Instaram os inquisidores pela continuação das suas conjecturas. Antonio José respondeu que não tinha outras.

Leram-lhe o que elle tinha dito, e mandaram-no assignar. Ao toque de campainha, entrou o alcaide, o secretario fez um gesto de cabeça, e o hebreu sahio.

Antonio José quiz lêr no semblante dos inquisidores uma boa nova. Figuraram-se-lhe affaveis no tracto e commovidos nos termos do interrogatorio. Lembrava-se da aspereza dos outros que, da primeira vez, e logo ás primeiras perguntas, o ameaçaram com a tortura. Sahiu animado: enviou aos corações da esposa, da mãe e da filhinha um sorriso de esperança.

¹ Eram os termos sacramentaes com que pediam tudo.

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in several paragraphs and is mostly illegible due to low contrast and blurring.

CAPITULO X

N'este dia, Duarte Cottinel, a horas descostumadas, estava ainda fechado em seu quarto. A noite passou-a na vigilia d'um supplicio atroz, com intermitentes de infernal alegria. Tinha alli o thesouro de Antonio José da Silva. Abrira-o, remexera-o, contara as joias, contara os brilhantes: estava tudo, e mais um anel, que elle nunca vira, o anel do contador-mór, a prenda que D. João de Bragança dera ao seu déstro caçador na tapada de Villa-Viçosa. Mas assim que elle despregava os olhos das flammejantes pedras, assim que descia a tampa do cofre, ressaltavam outras chummas de dentro d'elle, e alumiaavam-lhe tres pessoas em contorcimentos horrentes, amarradas a tres postes, e as labaredas a subirem, e a serpejarem por ellas, e a fumarada negra

a subir em columna d'entre as camadas de lenha e as faiscas a lampejarem pela cerração do fumo, e os gritos estridulos a retinirem por sobre o crepitar da fogueira.

Assim que o almoxarife se afez áquella visão, e achou que o segredo magico de a desvanecer estava no abrir do cofre e na deleitação de tirar e repor as preciosas camadas, conseguiu conciliar o somno. Ora, a placidez, com que elle dormia ás onze horas da manhã, era tal, que ninguem poderia estremal-a da placidez com que dorme um justo.

Ás onze horas, porém, foi despertado por estrondoso empuxar á porta. Saltou do leito, e abriu as janellas para convencer-se de que havia sol, ar e luz para elle, como para qualquer justo, que se ergue de seu catre duro de penitente para louvar a luz, o ar e o sol de Deus.

Ouvin o gritar convulso de Feliciania; vestiu-se á pressa, e abriu.

A negra ia dar-lhe parte de que estava no pateo um familiar e um meirinho de santo officio, em procura d'ella.

— Olhe se me esconde, pelas cinco chagas! — exclamava ella.

— Se te escondo? para que? — disse elle sercadamente — pois tu cuidas que vaes presa?

— Pois então?

— Não vaes presa, bruta; vaes ser outra vez

perguntada a respeito do que já disseste; entendes, mulher?

— Perguntada outra vez? — tornou ella —
Diante da minha senhora?

— Não: torraam a perguntar o que já disseste, e mandam-te embora, que é o costume. Pois tu estás das que as testemunhas também são mettidas na prisão? Está ahí o familiar, porque é sempre assim; é elle que vai buscar as testemunhas.

A escrava, não obstante as explicações confortadoras de Duarte, pensou em fugir pela quinta; mas o familiar e meirinho anteciparam-se a intimar peremptoriamente o almoxarife, por maneira que faltou á negra tempo e occasião de fugir.

Depois ella sahio Duarte, caminho do tribunal.

A preta foi conduzida á audiencia; o almoxarife da Bemposta entrou no aposento do alcaide, onde se demorou meia hora em pratica muito recondita.

Ao capellão dos infantes, pae de Duarte, devia o alcaide a sua envididura n'aquelle exercicio bem remunerado. O almoxarife sabia que n'aquelle homem tinha um auxiliar poderoso e de confiança para qualquer intento, sem despende-se na compra da alma bastante abjecta para vender-se cara. A pratica entre os dous terminou depressa porque as occupações do alcaide eram muitas e pouco intervalladas de repouso, mormente n'aquelle mez de Outubro, em que regularmente se celebravam os autos

da fé — por cabir então a primeira domingo de advento — e serem mais frequentes os interrogatorios e torturas dos presos ¹.

Assim mesmo no breve tempo que praticaram, os pontos essenciaes, respectivamente á negra, foram combinados, e as consequencias más previstas e remediadas.

Feliciana, depois de interrogada, ouviu o seu depoimento, e assignou de cruz. Mandaram-na sahir; e quando ella endireitava pelo caminho do pateo, um guarda mudou-lhe a direcção, dizendo-lhe :

— Por aqui.

Apavorou-se a negra, e perguntou em ansias :

— Eu fico presa ?

— Não : ficas alli em baixo n'um quarto até vêr.

Fecharam-n'a. Começou logo ella a dar gritos e a revolver-se no pavimento.

Acudiram os guardas com vergastas e ameaçaram-n'a. Foi chamado o alcaide, para aquietal-a. Queria elle ficar a sós com a negra para acalmal-a com razões consoladoras, que assim convinha ; mas, prohibindo os estatutos da inquisição que algum official do serviço dos carceres estivesse com o preso sem

¹ O santo officio preferia a primeira domingo do advento porque o evangelho d'este dia falla do *juizo final*, e os inquisidores, queimando em tal dia os peccadores, commemoravam de antemão a sentença do supremo julgador.

o testemunho d'outro empregado, o alcaide valeu-se do terror para aquistal-a.

Ao outro dia, o guarda avisou o alcaide de que a negra estava clamando que jurára falso, e queria ir desdizer-se á presença dos inquisidores, e contar o que se passára com a pessoa que a fizera jurar.

O alcaide avisou Duarte Cottinel, que sem mais demora que a necessaria para prover-se d'um frasco, foi á santa casa, e pouco se deteve com o confidente.

A negra não cessava de exolamar e pedir que a ouvissem. Pouco antes da hora do jantar, o alcaide com o pretexto de a castigar, entrou sosinho á prisão, e tão brandamente fallou á negra, tão breve lhe figurou a sua sahida do santo officio, que a desgraçada aplacou-se, e prometeu comer e socegar até ao outro dia na esperança de sahir então.

Feliciana jantou com algum appetite ; não achou travor sensível no môlho da caldeirada do peixe : comeu bem, com tenção de dormir melhor para aligeirar o tempo. Meia hora depois, quando pensava em adormecer, saltou da enxerga em gritos e ancias, bradando por soccorro. Acudiram os chaveiros. Feliciana queixava-se de ter dôres infernaes no ventre ; rolava-se no soalho, e levantava-se de salto remetendo contra a porta para fugir. N'uma d'estas investidas que os guardas repelliam, a negra cahiu,

estrebuxou, estirou as pernas em convulsões, retorceu bocca e olhos horrendamente, e morreu.

José Maria da Costa e Silva, o menos imperfeito biographo de Antonio José, diz o seguinte acerca d'esta escrava :

« Lourença Coutinho, mãe do poeta, tinha uma escrava preta, porque n'esse tempo havia ainda escravos n'este reino, e aquella escrava era deshonesto e dissoluta, como todas ellas, e como o são quasi todas as criadas.

« Antonio José da Silva a castigou, e é natural que com rigor aproximado ao que em taes casos se usa no Brasil: a negra era vingativa como quasi todos os negros, e ou por malignidade propria, ou por suggestões de pessoa ou pessoas a quem se queixou, apresentou contra elle no santo officio uma noticia de judaisante e relapso. . .

« Porém a justiça de Deus não quiz que esta perversa mulher continuasse a ajudar a ruina do seu senhor, nem gozasse de sua vingança tão trai-doramente procurada; pois apenas a negra entrou no carcere possuiu-se de taes terrores que dentro em breves dias terminou sua existencia. » ¹

Eu inclino-me a crêr muito mais nos effeitos do veneno de Duarte Cottinel que nos pavores e remorsos da negra.

¹ Vol. x, pag. 332 e 333 do *Diccionario bibliographico*.

CAPITULO XI

Estavam em campo os poucos amigos e os muitos inimigos de Antonio José da Silva.

Inimigos eram os homens de letras, que se julgavam comprehendidos na allegoria d'aquelles que D. Quichote e Sancho Pança levaram a pontapés para fóra do Parnaso; eram os curvintes piedosos de suas comedias que riam muito das facecias indecentes e censuravam a licença desbragada do judeu; eram os frades, que atravez da gelosia do seu camarote, se tinham doído das frechadas que o judeu nunca lhes apontara.

Amigos tinha dous dedicados e diligentes: eram Diogo de Barros e o conde da Ericeira; mas o amigo que elle em maior conta e prestimo tinha era Duarte Cottinel.

O conde, desde logo, anteviu o desastre, inferindo-o do sobrececho com que o inquisidor geral, e parente seu, D. Nuno da Cunha o desattendia em rogos pertinentes ao judeu. Diogo de Barros, por sua parte, achava de bronze o peito dos membros do supremo conselho. Todos, á uma, professavam odio entranhado ao judeu que podéra salvar-se do justo castigo, para reincidir na mesma culpa; e de mais d'isso attentar contra os bons costumes expondo ao povo os quadros irreligiosos e deshonestos das suas operas, recheadas de gentilidades, heresias e chascos á piedade.

Diogo de Barros, confiando no olhar supplicante da menina que tinha em sua casa, ia com ella aos inquisidores, levava-a nos braços, e ensinava a creancinha a dizer *piedade* áquelles homens severos que lhe faziam medo.

Alguns, tocando na face da menina, diziam-lhe: «Deus te afaste dos paes que haviam de perder a tua alma».

Outros, voltavam-lhe as costas, e respondiam azedamente ao solicitador da liberdade de tres relapsos, que tão mal pagaram á misericordia das entranhas de nosso Senhor Jesus Christo.

No entanto, Antonio José espantava-se de não ser chamado a novo interrogatorio, decorridos vinte dias de prisão. O mez de Outubro tinha passado: para elle era já ponto decidido que ainda estaria pre-

so um anno, até ao primeiro auto da fé, a não dar-se alguma extraordinario e rarisimas vezes succedido caso de sahir livre sem o ceremonial d'aquelle espectáculo de morte para uns e de perdão para outros — espectáculo de *justiça e misericordia* como dizia a tarja que circumdava o painel do fundador do santo officio, arvorado na procissão, aquelle S. Domingos que em uma das mãos empunhava um ramo de oliveira, e n'outra uma espada nua.

O processo estava, porém, instaurado, e o inquerito das testemunhas continuava. Quaes testemunhas?

Aqui é o ponto de colher os pannos á imaginação, e encostar-se o romancista ao pouco de que pôde amparar-se para não escorregar no plano inclinado das hypotheses improprias do assumpto.

O processo de Antonio José da Silva está no archivo nacional da Torre do Tombo : para alli foi nos cartorios das inquisições em 1821. Alguns curiosos possuem cópia do processo ; eu não a vi, nem estou ao alcance de poder ainda consultar as peças principaes, que mereciam a publicidade, usurpada por farragens inutilissimas que pejam as livrarias.

Costa e Silva viu o processo, ou o principal d'elle ; todavia, um sujeito que se presava de ser futilmente prolixo em numerosas paginas a proposito de nada, foi mais que omisso na biographia importantissima de tão assignalado escriptor, e desasisado

n'algum dos esclarecimentos que levemente dá. Outro bibliographo de maior tomo o sr. Innocencio Francisco da Silva, não obstante a breve e succinta noticia com que antecede a relação das operas do judeu, cuida em corrigir de passagem os graves erros de seus antecessores, e restaura lucidamente a verdade de alguns essencialissimos factos. Como quer que seja, pelo que respeita ao processo, é judicioso attermo-nos ao que estiver escripto por pessoa que o haja examinado. Nesta parte, irei trasladando o pouco de Costa e Silva. Diz elle : « Sepultado o supposto réo no carcere n.º 6, do chamado *corredor meionovo*, deu-se obra ao seu processo, e como faltavam provas, e culpas articuladas, e definidas, pois todas se reduziam ás accusações vagas, taes quaes as podia dar uma negra boçal de Cabo Verde, quizeram os seus juizes, ou seus algozes sahir da difficuldade creando-as na mesma prisão.

« Do seu processo... consta que os guardas foram incumbidos de o espionar pelas *escutas* ou buracos, que existiam nos cantos dos tectos dos carceres d'aquelle terrivel tribunal, dispostos de maneira que se podesse vêr e ouvir quanto n'elles se passava, como eu notei visitando grande parte d'aquellas masmorras, quando se patentearam ao publico em 1821. Que os ditos guardas quasi todos depozeram que muitas vezes o viram ajoelhar, persignarse, e recitar devotamente as orações christãs ; acres-

centando sómente alguns que elle alguns dias não tocava na comida, naturalmente (diziam elles) por satisfazer aos jejuns da lei de Moysés.....

« Consta igualmente do mesmo processo que o poeta protestou sempre pela sua innocencia; que produziu em sua defeza muitas testemunhas, e entre ellas religiosos graves de differentes ordens, até da dominicana, e que todos elles affiançaram o seu zelo religioso, a sua exacção no cumprimento dos preceitos da igreja... »

Quaes testemunhas, pois, depozeram contra Antonio José? Os guardas dos carcerees, os officiaes subalternos e sujeitos ao alcaide, a quem incumbia a directoria interna das prisões. Contra o testemunho dos guardas e o depoimento da escrava assassinada baldaram-se os esforços mais ou menos conscienciosos dos frades das differentes ordens, com quem o hebreu industriosamente mantivera sempre boas relações, cuidando que assim preparava patronos para a crise que sempre se lhe antolhára. Duarte Cottinel levava aos antros da santa casa o valor do minimo d'aquelles brilhantes, e corrompêra as sete consciencias necessarias para fazerem prova de que o preso, algumas vezes, não comia, nem, nos interrogatorios subsequentes, confessava a razão que o fazia abster-se de alimentos.

Lourença Coutinho e Leonor, levadas á confissão na tortura, ignoramos quaes revelações fizes-

sem, arrancadas pela mortificação. É natural que Lourença, esperançada no perdão, se accusasse de judaisante, e que Leonor, compellida por igual esperança, mentisse aos verdugos para que em nome do Deus misericordioso lhes perdoassem a culpa.

Correram dezeseite mezes. O processo dos presos fechou-se em onze de Março de 1739. A sentença de morte de Antonio José da Silva, a requeri-mento do promotor, foi lavrada n'aquelle dia, e logo relaxada ao braço secular. O accordão da condemnação não transpirou. Já aquella vida estava irremissivelmente condemnada ao fogo, e tanto o réo como grande numero de seus amigos esperavam a absolvição no auto da fé do proximo Outubro.

Decorreram ainda sete mezes.

N'este periodo, o mais concorrido espectaculo do theatro da Mouraria era a opera do judeu, o *Precipicio de Phaetonte*, que entrára em scena, quando o author já soffria o terceiro mez de carcere, em Janeiro de 1738. O publico victoriava o infeliz, sem ousar maldizer a justiça que matava lentamente o seu mais festivo e popular author.

Os frades lá estavam casquinando no seu camarote; as familias dos inquisidores concorriam á festa do talento do hebreu, que, áquellas horas, ajoelhava pedindo á Providencia um testemunho do seu poder.

Avisinou-se o mez de Outubro. Antonio José,

como nos últimos mezes o não chamassem a perguntas, duas conjecturas devia de fazer: uma a da sentença já relaxada de morte; outra a do perdão, mediante o abjurar no auto da fé. Não se demorou a scismar na mais pavorosa das hypotheses: fiava em sua innocencia, no valimento dos amigos, na fraternal amizade do seu Duarte, e, mais que tudo, na justiça de Deus.

Desde o primeiro dia do fatal mez de Outubro, o coração do hebreu pulava-lhe no peito de cada vez que se corriam os ferrolhos do seu quarto. Fitava o rosto do alcaide, que nunca se lhe voltou de frente, nas raras occasiões que entrava á prisão; pedia aos chaveiros que lhe dissessem alguma cousa do seu destino; pedia novas de sua mãe e de Leonor; rogava que ao menos lhe dissessem se ellas viviam. Não lhe respondiam, cumprindo rigorosamente as prescripções do santo officio, como consciões de que a morte era o castigo da infracção.

As tres horas da tarde do dia 16 de Outubro, ouviu Antonio José da Silva rumor de passos ao longo do corredor; collou o ouvido ao taboado, e sentiu que se visinhavam da sua prisão. Abriu-se a porta, e logo assomou o promotor da inquisição, e um meirinho da justiça secular.

O promotor, sem encarar no preso, leu a sentença pausadamente: *relaxado em carne, morto, queimado, como convicto, negativo e relapso.*

Lida a sentença, o meirinho lançou em volta das mãos do preso um barçoço, como signal de que tomava posse do réo que a justiça ecclesiastica abandonára.

Antonio José da Silva morreu n'aquella hora. Estava em pé, tinha os olhos alumiados, respirava, ouvia, via, e entendia; mas estava morto.

Á beira d'elle, depois que o promotor e o meirinho sahiram, ficou um homem, chorando. Era um jesuita de S. Roque, o padre Francisco Lopes, a quem incumbiram conduzir o padecente ao oratorio.

O hebreu deixou-se levar. Entrou no santuario, com os olhos postos na imagem de Christo, que lhe antepunha o padre. Ajoelhou, cahiu, quando a seus pés se fez um vacuo, um subito aluir-se o pavimento por abysmos em que elle se despenhava com o peito congelado do frio das entranhas mortas.

Fechou-se a porta do oratorio.

N'um caso analogo de inexprimivel tormento, perguntava Féreal, historiador da inquisição de Hespanha: « Quem póde sondar os mysterios da agonia e da morte, d'aquella suprema luta entre a fórma terrestre e o homem immaterial? »

CAPITULO XII

Ao aclarar a manhã do dia 18 de Outubro de 1739, abriu-se a magestosa igreja de S. Domingos, já decorada para a celebração do auto da fé. Estava pomposa. Era o leão coberto de grinaldas e laçarias, enfeitado e vistoso, com as fauces abertas á espera do bôdo d'aquelle seu dia de festa, do seu almejado domingo do advento.

O altar-mór, bem que negrejasse de crepe, resplendia com os seus doze candelabros de prata, e doze alvissimos cirios em argentinas tocheiras. Dous thronos se erguiam lateraes ao altar: o da direita pertencia ao inquisidor geral e supremo conselho; o da esquerda á casa real.

Abaixo do arco da capella-mór, entre as naves, estava outro altar, sobre o qual se viam dez missaes

abertos com suas capas de couro, relevos dourados, e fechos de prata. D'aqui até á porta do templo, construíram uma galeria abalaustrada d'ambos os lados, com passagem pelo centro, e bancadas no interior: eram os lugares destinados aos presos e aos padriños. Pannos de sêda adamascada franjados de ouro e prata pendiam dos tectos e frontispícios das capellas, em que sobresahiam a meio relevo *figuras de boa massenaria e todas cozidas em ouro sem se vér outra cousa*, como conta fr. Luiz de Sousa na luxuosa descripção d'esta igreja, a qual não é já a que o leitor conhece.

Ás oito horas já grande espaço da vasta igreja estava occupado por parte das mais lustrosas familias de Lisboa e fidalgos provincianos, que iam gozar-se d'aquelle espectáculo, superior em apparato ao das outras inquisições do reino.

Ás nove horas e meia subiu ao seu magnifico camarote o cardeal inquisidor-mór D. Nuno da Cunha, e os conselheiros. O palanquim real conservou corridas as cortinas durante aquelle primeiro acto do sanguinario drama ao divino.

Assim que o inquisidor-mór appareceu no adro do templo, dobraram os sinos, e logo a procissão do auto da fé sahia da santa casa, e a breves passos assomou no limiar do templo o estandarte do santo officio com um longo sequito de dominicanos. O fundador da ordem, estampado n'um riquissimo panel,

com a lampejante espada em punho, era a insignia do estandarte, perante o qual o povo ajoelhava e batia nos peitos. Em seguida aos frades inquisidores, caminhavam tres mulheres sem habito; uma, com os olhos no chão, e braços pendidos, andava com firmeza: era Leonor; outra, que dous esbirros amparavam desfallecida, era Lourença Coutinho. Cada presa levava na mão direita um cirio amarello. Seguiam-se os condemnados a abjurarem com penitencia, ou a prisão indefinida ou galés.

Entre estes e outros mais desgraçados hasteava-se um grande crucifixo, com a face voltada para os que entraram primeiro no templo. Depós a cruz, iam tres estatuas de hebreus ausentes, condemnados ao fogo, dous caixotes de ossos d'outros que tinham morrido por effeito da tortura, e tres penitentes de carocha e samarra ou sambenito pintado de demonios e fogueiras com fogo revolto. Um d'estes era Antonio José da Silva: diziam que era, dizia-o a sentença escripta na orla da samarra; mas depois de dous annos e onze dias de lagrimas e trevas difficil seria individuar-lhe as feições antigas. O povo, o povo que se rejubilava nas operas d'aquelle martyr, contemplou-o, e não chorou uma lagrima! . . . Oh! o povo! a canalha de todos os tempos e costumes!

Antonio José da Silva não abrija os olhos, durante o transito da inquisição á igreja. Encostado ao hombro do padre Francisco Lopes, levemente lhe

aconava quando o pallido jesuita lhe perguntava algum artigo essencial para a sua salvação.

O banco da galeria em que Antonio José se assentou era dos ultimos. Lá estava entre elle e suas mãe e esposa a imagem do Christo, voltando-lhe as costas, como no dia do juizo final, consoante rezava o evangelho do advento.

Fez-se profundo silencio.

Um frade arrabido subiu ao pulpito, e prégou. N'um dos periodos mais levantados da sua oração, exclamava elle:

« É a santa inquisição como a arca de Noé; porém, amados irmãos, quão grande differença vai d'uma á outra! Os animaes que entraram na arca, abaixadas as aguas do diluvio, sahiram animaes da natureza que tinham; ao passo que a santa inquisição por tal maneira muda os entes que em si encerra, que é digno de vêr-se como sahem cordeiros os que tinham entrado cruelissimos lobos e ferocissimos leões. »

Terminou o sermão.

Subiram dous promotores ao pulpito para lerem as sentenças. Cada penitente ouvia lêr o seu processo e condemnação em pé, no meio da galeria, com a tocha em punho, e o alcaide á sua beira. Depois, levavam-n'o á banca dos missaes, ajoelhava, punha a mão sobre o sagrado livro, e esperava n'esta postura que os condemnados fossem tantos como os missaes.

Depois, acompanhavam o promotor recitando com elle um acto de fé.

Findas as ceremonias com os presos que não tinham sentença de morte, vieram os outros, os relaxados em carne. Eram tres homens e duas mulheres.

Antonio José foi transportado em braços. Já não ouviu o processo. Tinha perdido o alento, quando via Leonor a debater-se soluçante nos braços de dois meirinhos, que lhe abafavam os gritos.

Lidas as sentenças, a inquisição, ao entregal-os á justiça secular, pedia encarecidamente ás leis e aos juizes que se houvessem com clemencia e piedade d'aquelles miseraveis, e se lhes impozessem pena capital, fosse, ao menos, sem effusão de sangue.

A historia das ferocidades religiosas não conta maior infâmia!

Acabou este acto do drama.

Leonor e Lourença foram transferidas em braços para a santa casa.

Antonio José da Silva ainda esperou, depois que o levaram da Relação, sem consciencia de vida, a aurora do dia seguinte.

Quando chegou ao *campo da Lã* ardiam já as achas resinosas da fogueira.

O martyr não as viu. Devia ir quasi morto, porque escassamente o viram estrebuxar.

Seio do Altissimo! se te não abrisses áquella al-

ma, creada ao bafejo da tua, que serias tu, Deus? que serias tu, palavra?

Naquelle dias publicou-se um impesso, que'o sr. Innocencio Francisco da Silva trasladou na biographia do Aristophanes portuguez.

Deza assim o extracto:

Lista das pessoas que sahiram condemnadas no auto publico da fé, que se celebrou na igreja do convento de S. Domingos de Lisboa no domingo 18 de Outubro de 1739, sendo inquisidor geral o cardeal Nuno da Cunha.

Pessoas relaxadas em carne:

N.º 7. Idade 34 annos. Antonio José da Silva, x. n. (christão novo), advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador n'esta de Lisboa occidental, reconciliado que foi por culpas de judaismo, no auto publico da fé, que se celebrou na igreja do convento de S. Domingos d'esta mesma cidade em 13 de Outubro de 1726. Convicto, negatico e relapso.

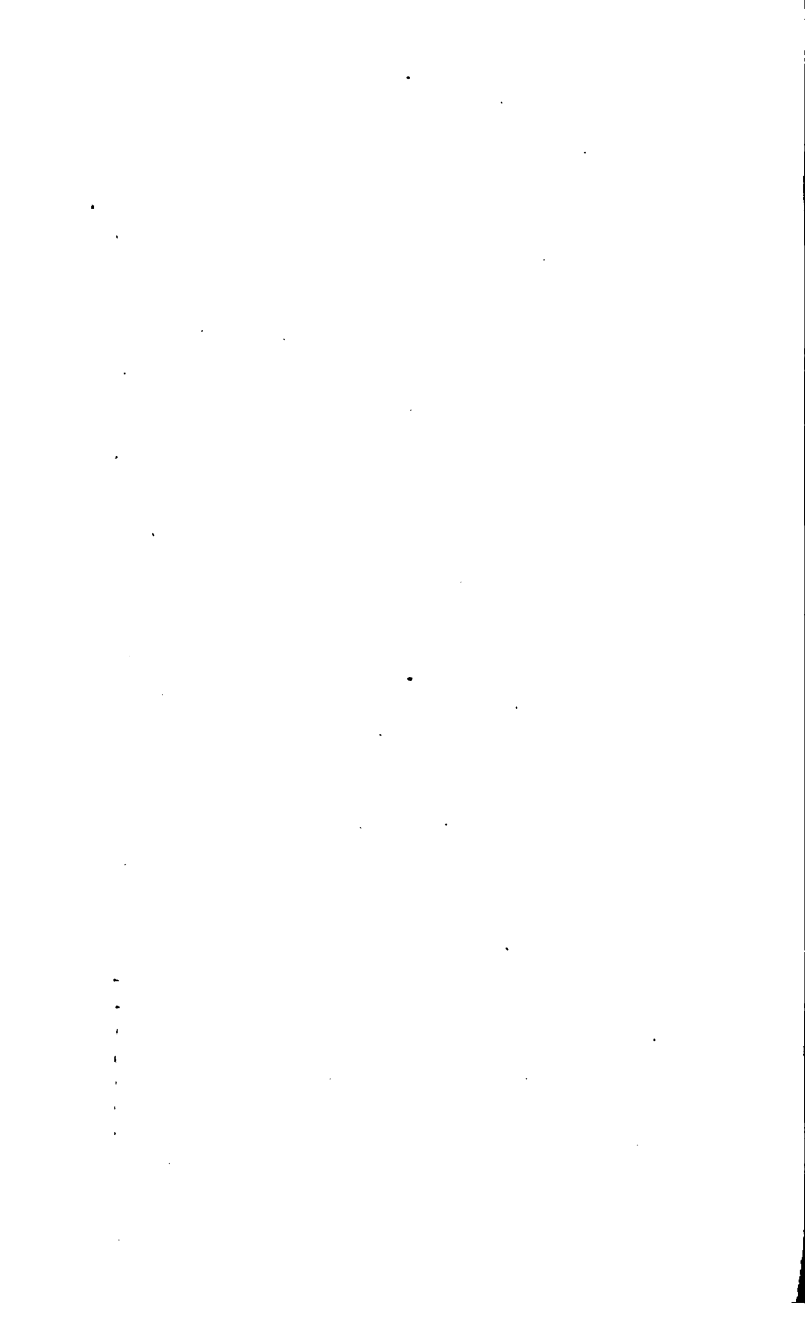
Pessoas que não abjuram nem levam habito:

N.º 5. Annos de idade 27. Leonor Maria de Carvalho, x. n., casada com Antonio José da Silva, advogado, que vai na lista, natural da villa da Covilhã, bispado da Guarda, e moradora n'esta cidade de Lisboa occidental, reconciliada que foi por culpas de judaismo no auto publico da fé, que se

celebrou na igreja de S. Pedro da cidade de Valholid, reino de Castella, em 26 de Janeiro de 1727: presa segunda vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio.

N.º 6. Annos de idade 61. Lourença Coutinho, x. n., viuva de João Mendes da Silva, que foi advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e moradora n'esta de Lisboa occidental; reconciliada que foi por culpas de judaismo no auto publico da fé, que se celebrou no Rocio d'esta mesma cidade em 9 de Julho de 1713; presa terceira vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio ¹.

¹ Não posso conjecturar quando Lourença Coutinho fosse presa além da segunda vez nos carceres de Lisboa. Os biographos não o dão levemente a perceber; e a nota da lista, se ella terceira vez entrasse na inquisição, mencionaria o segundo auto da fé em que ella houvesse sahido reconciliada por culpas de judaismo. Quer-me parecer, se não ha descuido no traslado, que lhe seria contada como primeira a prisão nos carceres do Rio de Janeiro, d'onde foi remettida para Lisboa. Onde limpamente se póde esclarecer esta duvida é na leitura do processo, o qual faço tenção de brevemente examinar.



CAPITULO XIII

No dia seguinte ao do supplicio de Antonio José da Silva, um padre vestido com a roupêta da companhia de Jesus, bateu á porta de Duarte Cottinel Franco. Disseram-lhe que o almoxarife estava doente de cama. Instou o padre fazendo saber a Duarte que o procurava o indigno ministro do Senhor que assistira ao finado Antonio José da Silva nos tres dias do oratorio.

Duarte sentou-se no leito, e pediu ao pae que o deixasse a sós com o padre. O capellão espantou-se do resguardo do filho; todavia, retirou-se, no intento de escutar a mysteriosa pratica.

Entrou o padre Francisco Lopes, e disse:

— Snr. Duarte, comprehendo a sua enfermidade. A desgraça do nosso infeliz amigo pesou-lhe dolorosamente.

— Aniquilou-me, senhor! . . . — disse Duarte, reconhecendo no jesuita um dos muitos sabios e dos poucos virtuosos da companhia.

O padre proseguiu enxugando as lagrimas :

— Antonio José fez-me confidente d'um segredo que apenas era sabido de sua familia. Achou-me digno de confiança. Recommendou-me que lhe dêsse um abraço, e um adeus até ao reino do céo, onde eu piamente creio que entrou a alma purificada do nosso pobre amigo. Depois, me disse que em poder de vm.^{co} está um thesouro, que lhe elle entregara pouco antes de ser preso. É isto verdade? Não pôde deixar de ser. . .

— É verdade. . . — balbuciou Duarte — Se eu não tomasse conta do thesouro, sabe vossa reverencia que a inquisição. . .

— Sei, sei que ficaria a mendigar aquella pobre familia, se Deus permittir que ainda se lhe abram as portas do carcere. Se os grandes haveres de Antonio José não poderem servir á esposa e á mãe, lá está a filhinha em poder de Diogo de Barros, varão de Deus que a Providencia escolheu como amparo da innocente. A incumbencia, que o desgraçado me fez, foi que viesse eu dizer a vm.^{co} que entregasse o cofre a Diogo de Barros, vendo elle que o encargo de guardar os objectos e dinheiro contidos n'elle, hade ser causa a mortificações do snr. Duarte.

— Promptamente. . . — tartamudeou Duarte Cot-

tinel — Se o cofre estivesse em meu poder, passal-o-hia já ás mãos do snr. padre Francisco Lopes. Careço de sahir a recebê-lo de terceira pessoa a quem o confiei, não o querendo em meu poder, porque era tido em conta de amigo do judeu, e receava das pesquisas do santo officio. . .

— Foi prudencia! . . . — atalhou o sincero padre.

— Amanhã tracto d'isso, e amanhã mesmo, ou muito tardar depois, irei entregar o thesouro do meu chorado amigo ao snr. Diogo de Barros, com todo o segredo para que a filha não seja ainda privada do seu grandissimo dote.

— Cumpri a minha missão, snr. Duarte. Deus lhe fecunde os seus nobres sentimentos em alegrias puras e duradouras. Fique-se com Jesus Christo; e receba o abraço de Antonio José da Silva, cujas lagrimas ainda me queimam as faces.

Sahiu o padre, e entrou o pae de Duarte.

— Que thesouro é esse que tinhas em teu poder? — perguntou o capellão.

— Eram os haveres do Silva, que m'os confiou.

— E não me confiaste o segredo a mim?

— Porque fiz juramento de o não confiar a ninguém.

— E se eu delatasse ao santo officio a existencia d'esse dinheiro que virtualmente está confiscado?

— Fazia a desgraça d'uma familia, a troco de

quatrocentos mil reis que tanto valerá e que me foi confiado.

— Quatrocentos mil reis! — replicou o delegado do santo officio — mas tu fallaste abi no *grande dote* da filha do judeu.

— Grande lhe chamei comparativamente á indigencia em que ella ficou.

O capellão ficou satisfeito com a resposta explicativa.

N'este mesmo dia, Duarte Cottinel, como o receio de perder o roubo, ganhado com tamanha perversidade, lhe botasse o gume dos remorsos que o anavalhavam, sahiu da cama, e remexeu todo o dia no interior do seu quarto, acondicionando em um vasto cinturão de couro os objectos contidos no cofre, que tirou d'um falso por elle aberto debaixo do catre.

Ao anoitecer sahiu da Bemposta, e recolheu-se n'uma estalagem contigua ao Terreiro do Paço, onde desvelou a noite esperando o repontar da manhã. Assim que os barqueiros sahiram ao caes a encavilhar os remos nos seus botes, Duarte saltou no mais proximo do embarcadouro, e mandou remar para o Barreiro; aqui alugou cavalgadura, e seguiu seu destino.

O capellão, affeito ás longas ausencias do filho, não se admirou da demora, ao fim de tres dias. No entanto, o padre Francisco Lopes, cuidadoso da re-

commendação do seu pobre padecente, procurou Diogo de Barros para saber se o thesouro estava em sua mão. O velho abriu um triste sorriso, e disse:

—Crê vossa reverencia que tal thesouro seja restituído?

—Creio, sim! Pois não ouvi eu a honrada e prompta confissão do possuidor?! Não me disse elle ~~que~~ antes de hontem, o mais tardar, viria restituído?!

—Mas não veio, sar. padre Francisco Lopes!...

—É que se lhe aggravou a enfermidade. Lá vou já d'aqui... Roubal-o elle? É impossivel! Um homem de quem Antonio José me disse tão excellentes cousas e com tantos louvores do seu desprendimento!...

—Sr. padre Francisco!...—disse Diogo, e susteve-se. Depois, feita uma pausa reflexiva, continuou: —Não direi por em quanto o que sinto, o que senti e previ sempre... Vá, vá, e volte por aqui vossa reverencia, se lhe não custar.

O jesuita perguntou por Duarte. Sahiu a fallar-lhe o capellão, dizendo que seu filho, no mesmo dia em que elle o procurara, sahira e não apparecêra mais em casa.

—Então!... — exclamou o padre vencendo a suffocante surpresa — então é certo...

—O que? — acudiu o deputado do santo officio.

— Que se fez um roubo...

— Um roubo?

— De valores de cento e cincoenta mil cruzados de que seu filho era depositario.

— Quatrocentos mil reis, me dizia elle!... — redarguiu o capellão.

— Cento e cincoenta mil cruzados lhe digo eu, senhor! — tornou o jesuita — Seja a quantia qual fôr, o ladrão fugiu. Que fuja!... os olhos de Deus hão de segui-o... a justiça dos homens o alcançará!...

CAPITULO XIV

Lourença Coutinho, quando entrou no carcere, depois de ter visto o filho ajoelhado para ouvir a sentença, ia moribunda. Os medicos da santa casa aconselharam os soccorros espirituaes. Um frade dominico foi assentar-se ao lado da enxerga de Lourença. A mãe do condemnado que, áquella hora, sahia do oratorio para a fogueira, ouviu o gemer dos sinos, que pediam orações por alma dos suppliciados. Estrebuxou, e conseguiu encostar-se á parede do seu antro. Fitou em rosto o frade que a chamava á meditação das misericordias divinas. Estirou os braços, rangeu ferozmente os dentes, esbugalhou os olhos que espirravam o sangue da congestão cerebral, fez um arremesso contra o filho de S. Domingos, e n'este desesperado esforço, que o frade rebatia com exor-

cismos, arrancou da vida, batendo com a face no pavimento.

Fr. João do Souto, que assim era chamado o confessor dos presos moribundos, contou com pavorosos gestos em reunião capitular que vira uma legião de demonios, quando a judia morrera, tomalhe posse da alma, e que o fedor sulfureo era insupportavel no calabouço. Os bons e judiciosos chronicistas da ordem dominicana já tinham passado. Se o facto acontecesse cem annos antes, o leitor havia de lêl-o com as galas de linguagem do padre Cacegas ou d'aquelle illustre e degenerado visionario, chamado Manoel de Sousa Coutinho, que os frades tolheram.

O padre Francisco Lopes e Diogo de Barros divulgaram o roubo praticado por Duarte Cottinel. O conselho supremo do santo officio gemeu, como se a inquisição fosse a roubada. Os amigos de Antonio José levaram á comprehensão do inquisidor geral a intriga tramada por Duarte no intento de roubar o homem que lhe confiara os seus haveres. Nuno da Cunha avocou a si o processo, examinou-o, e viu a crueza da sentença, e a probabilidade da urdidura. O alcaide, principal testemunha contra o hebreu, confessou na tortura que Duarte Cottinel se empenhara na perdição de Antonio José. O alcaide foi acontado pelos algozes do santo officio, e expulso por grande misericordia e bons serviços que havia prestado á santa casa.

Este providencial successo abriu as portas da inquisição a Leonor, dous mezes depois da assassinação de seu marido. Diogo de Barros e Lourencinha foram esperat-a no pateo da santa casa. A menina já não tinha vaga lembrança de sua mãe. Chorou de medo d'aquella cadaverica mulher que lhe chamava filha. Leonor aqueceu as faces mortas nas da sua formosa creança, que tinha então quatro annos e dous mezes incompletos.

Cobradas forças em companhia dos Barros, a viuva de Antonio José, já sabedora do roubo d'aquella amaldiçoada riqueza, pediu ao tio de seu pae que lhe dösse uma esmola para se passar com sua filha para Amsterdam. Diogo promptificou-lhe sebejos recursos para a viagem, e uma regular mesada para sua sustentação. Quiz elle ainda para lhe augmentar o pecunio haver da inquisição o valor da rica mobilia confiscada e vendida em almoeda. O supremo conselho indeferiu o requerimento, sem embargo da injusta condemnação do possuidor dos haveres confiscados.

Embarcaram Leonor e Lourença.

Em Amsterdam era já notoria a morte de Antonio José. Da familia Sá ninguem esperava que a filha de Jorge de Barros volvesse á luz do sol. O apparecimento de uma senhora com uma menina ao collo em casa dos filhos de Simão de Sá fez estranheza. Quando ella disse quem era, ergueu-se um

grande choro em volta das duas infelizes, choro de compaixão de verem tão avelhada a peregrina Leonor, e de alegria por lhe poderem outra vez abrir o seio carinhoso. Leonor perguntou por Simão. Disseram-lhe que tinha morrido; mas que todos os seus lhe tinham herdado o coração.

Refloriram ainda algumas graças do bello rosto da filha de Sára. Tinha vinte e sete annos. As tristezas, por mais devoradoras que fossem, não podiam combater a força reanimadora dos afagos de Lourença. Onde ella assentava os seus labios reviviam as fibras amortecidas e requeimadas de lagrimas.

Leonor aos trinta annos dava idéas da belleza dos dezoito. Poderia ser amada e esposa, se o quizesse ser, d'um rico hebreu tambem viuvo. Respondeu ella á proposta que não podia senão ser mãe e educadora de sua filha. Pediu que a deixassem enriquecer-a de virtudes e conhecimento antecipado das desgraças d'esta vida, para ter que lhe deixar, quando Deus a levasse.

Correram-lhe, senão felizes, tranquillos os annos.

A maior pena, que ainda lá a salteou, causou-lh'a um homem que passava, um dia de baixo das suas janellas, mal entrajado, com amargurado rosto.

Perguntou Leonor :

— Quem será este homem ? ! não sei quem me parece! . . .

— E' um portuguez — disse uma senhora —

já lhe ouvi o nome ; mas esqueceu-me. Um dos manos conhece-o de vista, e foi quem me disse o nome d'elle.

Leonor foi ter com Levi de Sá, e perguntou-lhe quem era um portuguez muito encorpado com barbas grandes, e vestido ordinariamente.

— É um homem que abjurou a religião christã, e perdeu tudo o que tinha em Portugal.

— Como se chama ?

— Francisco Xavier . . .

— D'Oliveira ! — acudiu Leonor.

— Justamente, d'Oliveira. Ha tres annos que anda por Hollanda, e vive com alguns israelitas que o favorecem.

— Pois elle está assim necessitado? . . . Oh meu Deus ! não poder eu soccorrer o primeiro amigo do meu infeliz Antonio ! . . .

E Leonor recordou-se d'aquelle jovial e gentil mancebo que vira no adro da igreja de Valhadolid ; recordou a paixão da sua mocidade, que lhe cresta-ra flôres de coração que nunca mais enverdeceram. Chorava, como nos dias em que o amara, como n'aquelle noite em que elle annunciara no salão de Diogo de Barros o seu casamento com D. Anna d'Almeida. Este chorar tinha em si o travor dôce das saudades. Era triste aquelle encontro ! Vêr assim quebrantado e pobre o homem em volta de quem radiavam todos os prazeres d'este mundo, desde a

riqueza até ao culto das mulheres formosas e dos homens respeitáveis! . . .

Leonor pediu instantemente a Levi de Sá que fizesse saber a Francisco Xavier d'Oliveira o muito desejo que tinha de o vêr a viuva de Antonio José da Silva.

Sahiú Sá em demanda do portuguez, e só no outro dia pôde saber que elle tinha sabido para Londres.

Aqui vem de molde historiar-se o restante da vida, muito longa ainda, do cavalheiro d'Oliveira.

Em Novembro de 1739, chegou a Vienna d'Austria a nova do supplicio de Antonio José.

Francisco Xavier, ferido no coração de sincero amigo, rompeu em brados contra a infame barbaridade dos inquisidores, sem poupar a religião divina do Christo, que não tinha que vêr com a protervia dos seus sacrilegos sacerdotes. Raivou contra o pontífice, e não foi mais comedido nos insultos que vociferou contra o hypocrita e boçal rei D. João v. O ministro conde de Tarouca mandou-o calar-se, e respeitar o successor de S. Pedro, e o unguido do Senhor. Xavier retorquiu asperamente, aceitando satisfactoriamente a ameaça da demissão da secretaria.

Dias depois, sobreveio um caso que determinou o completo rompimento das ligações do secretario com o ministro.

Andava em Vienna um architecto milanez, chamado Ignacio Maure Valmagini, muito da privança do

embaixador portuguez. Dizia Valmagibi que o rei de Portugal recompensava os hiltres e vadios dos seus estados com o habito de Christo. O conde de Tarouca sabia-o, e dissimulava, não obstante ser um strenuo propugnador das honras d'aquella ordem. Francisco Xavier, como ouvisse as costumadas insolencias do architecto na presença do ministro propriamente, ameaçou-o de o atirar pela janella á rua. O conde sahio em defeza do seu valido e Francisco Xavier separou-se do indigno embaixador e do serviço de Portugal ¹.

Em Hollanda, escasso de recursos, deu-se á vida de escriptor. O seu primeiro livro, impresso em 1741, eram as *Memorias de suas viagens*. No mesmo anno, publicou um volume de *Cartas familiares* em Amsterdam, e o segundo das cartas em Haya. Sobre este livro, em que elle (na carta LVI) atacava o celibato dos padres, cahiu a fulminante censura do inquisidor fr. Manoel do Rosario, que taxou de he-

¹ Na biographia de Francisco Xavier d'Oliveira, o sr. Innocencio Francisco da Silva, diz: « Por motivos que ainda são para mim mysteriosos, apesar do que se tem dito, largou o cargo de secretario, e passou para Hollanda em 1740 ».

O proprio biographado satisfaz plenamente o sr. Silva, contando-lhe elle mesmo o successo descripto da desavença com o privado do embaixador, e ajuntando estas linhas terminantes: « *C'est ce milanois qui fut cause en partie du démêlé qui me brouilla avec le plénipotentiaire; démêlé qui m'obligea à me séparer d'avec lui, à quitter le service de Portugal, et à essuyer une infinité de malheurs qui se sont suivis les uns les autres jusqu'à présent* ». *Amusement périodique*. T. 2.^o, pag. 241.

retico o livro. Logo em Portugal foram queimados os livros do cavalheiro d'Oliveira, e defeza a entrada dos que elle de futuro publicasse. « O roubo que elles me fizeram, *in nomine Domini*, e sem minimo escrupulo, causou-me grande perda ¹ » — diz Francisco Xavier.

Fechadas as fronteiras de Portugal aos livros do herege, as condições vitaes do escriptor peoraram grandemente. Do seu paiz e até de seus parentes já nada tinha que haver nem esperar. O santo officio espiava as migalhas que algum temerario amigo tentasse enviar-lhe.

Por 1744, anno em que Leonor o vira pobremente vestido, apesar da publicação d'outros livros, sahio com sua mulher para Londres no intento de revalidar com publico instrumento a sua já feita apostasia da religião catholica. De feito, abraçou o protestantismo; e para logo escreveu rijamente contra os papas, com o fervor congenial de todos os proseytos assim das boas que das más causas.

O affecto de infancia e de saudade que o prendera á vida e á memoria de Antonio José suggeria-lhe ainda energicos escriptos em favor da raça hebreá. Em 1740, imprimira elle na Haya uma carta ao israelita Isaac de Sousa Brito, com a relação dos

¹ Ajunta em uma nota: seis mil cruzados pouco mais ou menos, ou quinhentas libras sterlingas.

privilegios concedidos em Napoles e Sicilia á nação hebræa, traduzidos do original italiano.

Em Londres, estreou-se o cavalheiro com um livrinho recreativo intitulado *Viagem á ilha do amor, escripta a Philandro.*

Escrevia sempre; mas publicava pouquissimos dos seus escriptos, á mingua de subscriptores. Amparavam-n'o as esmolas dos seus correligionarios, entre os quaes o fidalgo portuguez curava de esconder a sua origem e as insignias nobilitantes. Ácerca do habito de Christo, dizia elle: « *Me trouvant aujourd'hui à Londres je n'y fais guères voir mon ordre. Cette marque rendroit ma pauvreté plus honteuse. Le peuple anglois aime l'argent, et préfère une riche roture à une noblesse indigente.* »

A mesma pagina, vertida para portuguez, faz vér quão grande era a tristeza da sua resignação: « Dizem que os grandes d'este paiz, consideram em muito as pessoas nobres e benemeritas em pobreza. Gozam tanto renome de ricos que de bemfeitores. Minha natural timidez me não deixa avisinhal-os: não tenho a honra de os conhecer bastantemente. Vivo restringido ao meu quarto: apenas vou fóra a visitar um diminutissimo numero de pessoas honradas que usam a generosidade de me estimarem e amarem. Dizem-n'o, e provam-n'o com os favores que me fazem. Asás sabem elles que a mim nada me faz nem lisongea ser fidalgo. . . »

Que vida tão arrastada! que paciência tão vencedora de aviltamentos devia de ser a do soberbo, e todavia generoso coração de Francisco Xavier de Oliveira! Que demorados e sempre iguaes e amargurados annos até que os cabellos lhe branquearam!

Em 1751, já chegado aos cincoenta, creou o seu periodico mensal, tantas vezes citado n'estes livros. Durou apenas oito mezes. Não ha numero em que elle não advogue a causa, a liberdade dos hebreus. E, todavia, os perseguidos, que Francisco Xavier queria resgatar das presas do fanatismo estúpido, não lhe liam o periodico. Faz lastima ouvi-lo assim queixar-se: « Prova de que a ignorancia dos judeus reina em Inglaterra como em toda a parte, é que eu apenas tenho quatro subscriptores d'esta nação: o doutor Castro Sarmiento, o snr. Rebello de Mendonça, o snr. Abrahão Vianna, e mr. Ratton. Attendendo aos esforços que eu n'estes escriptos tenho feito para acabar a injusta e cruel perseguição que se exercita em Portugal contra os judeus, não é bastante claro que elles não conhecem seus interesses, nem a candura e boa fé com que eu lhes advogo a causa? Ó tempos! ó usanças! Ha cincoenta annos que a minha obra não precisaria de mais alentos que o favor d'esta nação em que então abundavam homens assim illustrados que generosos! »

Mais deploravel ainda é este amargurado queixar-se, quando a vida já lhe pesa, e ainda os annos

não chegam aos cincoenta: « Minha vida póde e deve comparar-se a um rosario, cada conta do qual é uma desgraça. . . Idade avançada, saude achacosa, indigencia indigna do meu nascimento; mil dissabores urdidos pela calumnia, e indifferença d'uns que eu n'outro tempo considerei amigos: tudo isto reunido ao perdimento de patria e bens de fortuna, por isso que abracei a religião protestante ¹, me desvaneceu toda a esperança de ainda vêr entreluzir-me alguma alternativa n'este mundo. . . »

N'outro lanço, diz o escriptor com profundo desalento:

« Naturalmente amo a vida, confesso. Deveria desejar-a mui duradoura; mas não, que o mesmo seria querer premeditadamente prolongar as magoas de meu espirito e mortificações do corpo. Ainda assim, desejos de morte e fraqueza de suicida, tenhamos os loucos e os covardes desesperados: assás me contenta saber que sem desejar a morte, me não temo d'ella. . . »

« . . . Que queria eu hoje possuir? Uma saude robusta? Ai! a minha vigorosa saude foi uma das

¹ Os biographos do cavalheiro de Oliveira opinam desencontrados sobre o tempo em que elle apostatou da religião christã. Os que a fixam em 1746 como o snr. Rivara, e Michaud, podem ter acertado; porém, certo se enganaram os que lhe assignam a data de 1726, asseverada no *Repertoire de bibliographie spéciale de Peignot*, citado pelo snr. Innocencio. Do extracto vertido acima, e escripto em 1551, claro se evidencia que já n'este anno Francisco Xavier de Oliveira tinha abraçado a religião protestante.

principaes causas dos desvarios da minha vida, e de certo modo a motora das desgraças presentes. . . . »

O desventurado conta com a bemquerença de cinco amigos; porém tão pouco dadivosos deviam elles ser, que Francisco Xavier inveja o carvão que inutilmente arde na deserta sala de um lord, carvão que lhe chegaria a elle para se aquecer um mez. « E está sempre a fumar aquella chaminé, diz elle, para aquecer um cão, por louca vaidade do dono! »

Pobre cavalheiro d'Oliveira, já o destino dos cães inglezes te arranca invejas d'aquelle tão opulento e magnanimo peito !

Já, n'este tempo, a sua segunda esposa teria voado a melhor mundo, ou voltaria a pedir um quinhão de alimento na mesa da sua illustre familia em Vienna d'Austria? Não o diz elle nem os seus biographos.

Em 1755, escreveu Xavier d'Oliveira alguns folhetos incitando os portuguezes a conjurarem contra as doutrinas dos bonzos, contra os papas, contra as superstições sedições do catholicismo. A inquisição lançou a garra aos escriptos. Processou o author, condemnou-o como herege, revel convicto e relaxado á justiça secular. Queimaram-n'o em estatua, ao mesmo tempo que as carnes do padre Gabriel Malagrida se torravam na fogueira visinha, no auto da fé de 20 de Setembro de 1761.

O original da estatua devia de rir-se, lamentando que ao clima glacial de Londres, n'aquelle mez,

lhe não chegasse um pouquinho do calor da estatua açamarrada e encaroçada com fogo revolto e danças macabras de demonios cornigeros e caudatos!

Então, mui de assento e com o riso nos labios, escreveu elle: *O cavalheiro d'Oliveira queimado em estatua por herege; como e porque? Anecdotas e reflexões sobre este assumpto, dadas ao publico por elle proprio.*

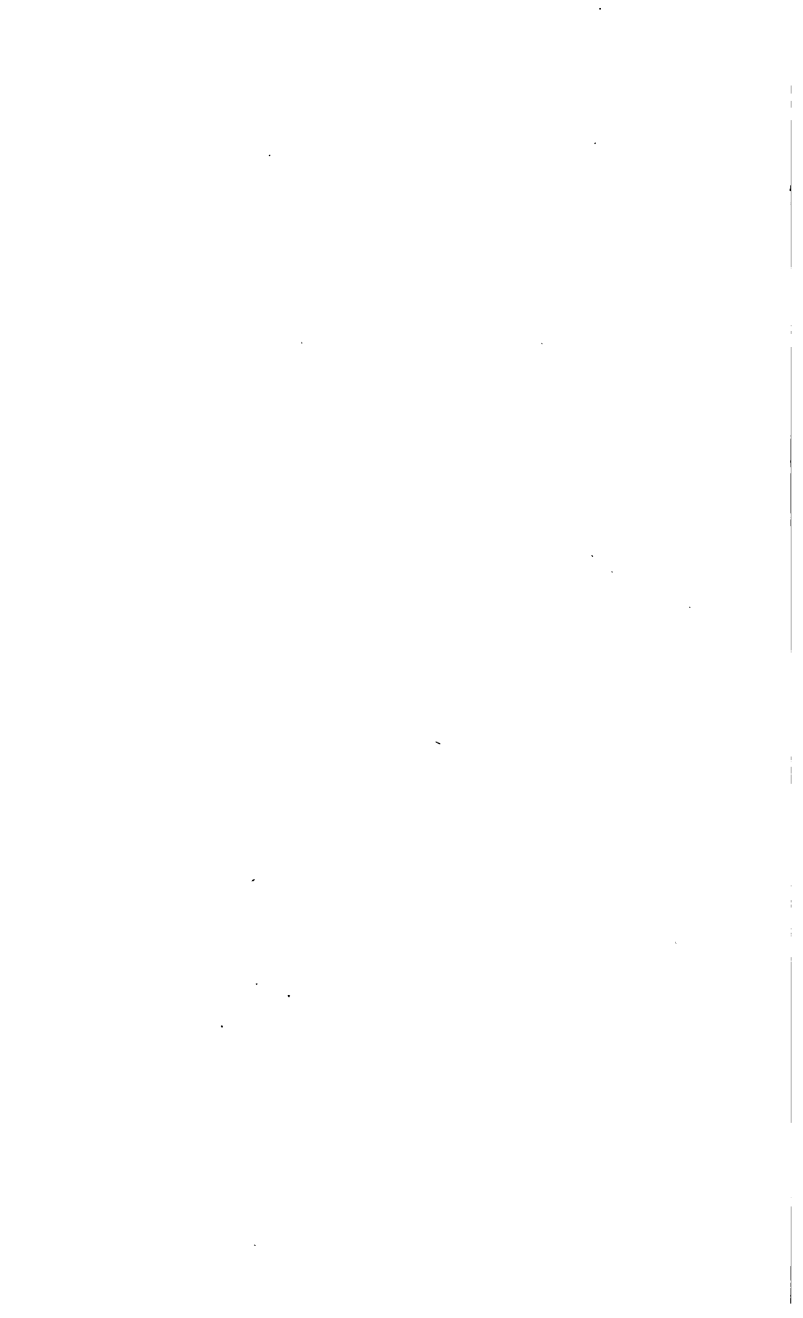
Desde que o queimaram até ao dia em que morreu interpozeram-se ainda vinte e dous annos.

Escreveu n'esse largo espaço muitos livros, uns que ficaram impressos, outros manuscritos, e muitos perdidos.

Quando aquelle homem chegou aos oitenta e um annos como olharia elle para as primaveras sobre as quaes gearam trinta invernos asperrimos de infortunios?

Que reminiscencias lhe iriam ao coração congestionado de lagrimas da mulher que a inquisição lhe estrangulou; da Antonia Clara que o parcho dos Anjos lhe queria negociar; e da Joanna Victorina, aquella fatal cigana, de quem elle escrevia como da mulher que elle mais amára, sem excepção das duas virtuosas esposas?

Deus lhe perdoaria tantas levezas da alma em desconto das muitissimas dôres de corpo com que o purificou na decrepidez mais desamparada e cortada de penurias!



CONCLUSÃO

Em meado do anno de 1753 desembarcou em Lisboa d'um navio das Antilhas hespanholas um sujeito que dizia chamar-se D. Pablo de Burgos, commerciante que tinha sido em Porto-Rico.

Figurava cincoenta annos com o vigor dos trinta. As longas barbas, raiadas de branco, desciam-lhe a meio peito. O olhar ensombrado por densas e longas pestanas afusilava de sob a convexidade das palpebras, como o fitar obliquo e espavorido do scelerado que receia ser conhecido apesar dos annos corridos e da boa compostura do disfarce.

O consul hespanhol em Lisboa recebeu da mão d'este forasteiro carta do governador das Antilhas, apresentando-lhe D. Pablo de Burgos, que elle encontrára ricamente estabelecido em Porto-Rico, des-

de 1741, e agora, volvidos doze annos, se resolvera a voltar á Europa, e residir em Portugal, com preferencia ás provincias Vascongadas d'onde era filho.

O consul francez acolheu-o attenciosamente, hospedou-o em sua casa, e fêl-o conhecido dos ricos negociantes francezes que demoravam na capital, os quaes lhe andaram mostrando as cousas notaveis de Lisboa, incluindo n'estas o palacio da Bemposta, onde o hespanhol empregou mais reparos que na capella de S. Roque e no aqueducto das aguas-livres.

D. Pablo mostrou-se muito agradado da situação e clima de Lisboa. Achou admiravel a rua do Alecrim para alli edificar uma casa torreada com vistas sobre o Tejo. Animaram-no á empreza os amigos, e o mesmo foi negociar-se a compra do terreno, e apenas os melhores alvencis, sob a direcção do architecto João Pedro Ludovici, para, no mais breve tempo, levantarem edificio tão magestoso e aformoseado, quanto setenta e oitenta mil cruzados permittissem.

Divulgou-se a nova em Lisboa, e já D. Pablo de Burgos não passava despercebido pelos coches das magnatas, que fitavam com certa veneração as barbas do hespanhol e aquella gentil compostura de velho que indiciava origem illustre, por qualquer mysterioso motivo occultada.

D. Pablo sahio um dia de passeio na sua liteira, e mandou guiar para os sitios da Bemposta. Alli apeou e pediu licença para dar umas voltas no ma-

gustou arvoredo da quinta. Saliu a recebel-o o almoxarife, com extrema cortezia; e, posto que o visitante o dispensasse, quiz o servicial individuo acompanhá-lo.

Residia então na Bemposta o infante D. Pedro que depois foi rei. Os filhos de Pedro II tinham morrido alguns annos antes. Disse o almoxarife que tinha entrado na mordomia d'aquella casa em 1740; e então lhe sahiu de feição contar que o seu antecessor, chamado Duarte Cottinel Franco fugira com um enorme roubo feito á familia do celebre auctor de comedias, Antonio José da Silva, que a santa inquisição condemnara ao fogo em 1739.

— Vm.ª ha de conhecer de nome este grande auctor portuguez.

— Não me lembro — respondeu serenamente D. Pablo.

O almoxarife continuou:

— Fugiu o tal ladrão assim que o padre confessor do condemnado se lhe apresentou a pedir-lhe que passasse o grande caixote de riquezas ao poder d'um fidalgo, que morreu, ha annos, em companhia de qual estava uma filhinha de judeu. . .

— Agora me recordo — atalhou o ricoço hespanhol — de ter ouvido fallar n'isso. . . Essê tal judeu não tinha mulher, ou mãe, ou não sei quem tambem presas na inquisição? . . .

— Sim, senhor: tinha mulher e mãe. A mãe mor-

reu na prisão pouco depois que elle foi queimado, e a mulher conseguiu livrar-se, porque a justiça soube que a cobiça do tal ladrão fôra a causa da morte injustissima do grande poeta. Depois de livre, foi-se embora, e não sei que feito é d'alla.

— E que fim teve esse Duarte? — perguntou a indignada curiosidade do visitante.

— Sabe-o Deus! Nunca mais se houveram noticias d'elle. Eu ainda vi morrer aqui a' esta casa o pae d'elle, que não era boa rez, e chegara a ser capellão-mór dos senhores infantes, e deputado do santo officio. Pois, apesar d'elle ser de má casta, a ladroceria do filho bulliu tanto com elle que o homem nunca mais sahiu de casa com vergonha de apparecer ao publico. Ainda elle era vivo quando eu entrei; mas pouco viveu. Ha bons doze annos que o come a terra. Cousa singular, meu senhor! Aqui, ha seis annos, andando eu a fazer obras n'um quarto, que tinha sido do tal ladrão, fui topar com um falso, onde achei um caixote de pau santo com laçadeiras de bronze, e duas fechaduras de prata, cousa riquissima! A meu vêr aquelle caixote foi o cofre d'onde o Cottinel levou o roubo. Se v.™ o quizer vêr, tenho muito gosto n'isso. . .

— Não, se me dispensa, que tenho algumas voltas que dar — respondeu D. Pablo no mais correcto castelhano. E despediu-se muito agradecido.

A fabrica do edificio da rua do Alecrim progre-

dia espantosamente. A generosa paga duplicava os braços dos obreiros.

Ludovici aprimorava-se voluptuosamente nas graças da sua obra. Afestava as columnas e pilares e grinaldas; florões e laçarias cabiam das cornijas formando em descendentes ramagens os adornos lateraes das janellas. A menor peça fazia consonancia á magestade do portal e espaçoso ptaço, circundado de arcarias assentes em columnelos de primoroso lavor. As janellas eram frestas ogivaes que a tempo deviam ser vestidas de vidros variegados. O telhado queria-o D. Pablo lageado á volta, com cercadura de vasos e estatuas do melhor marmore e alabastro. O architecto incansavelmente expedia ordens a mandar vir da Italia peças que os seus alvencis e esculptores não sabiam dignamente emoldurar e arrancar das pedreiras de Mafra. Era alli n'aquelle local um continuado pasmor das turbas, posto que D. João v as habituasse ás obras magnificas. A cada palmo que o edificio se alevantava, Ludovici, o architecto ou continuador dos Arcos-das-aguas-livres, esmerava-se em exceder as maravilhas com que enfeitara a fachada do seu palacete defronte da torre de S. Roque ¹.

¹ Jacome Raton presume que em razão d'esta obra se construiu a muralha de S. Pedro d'Alcantara, com o pretaxto de se fazer alli um passeio o qual se não chegou a realisar; mas que seria bem util pelo ponto de vista que offerece. Raton escrevia em 1812, e referia-se a 1764. Recordações, pag. 302.

E em quanto a prodigiosa casa se andava construindo, D. Pablo de Burgos ora viajava por França e Italia, ora se ia a Cintra e ás quintas suburbanas de Lisboa, onde seus deuses ó recebiam como a sujeito que o conde de Oeiras se não dedignava de convidar para grandes empresas industriaes, visto que elle adoptava Portugal como patria e n'ella mandava fabricar tão grandiosa vivenda.

Em Agosto de 1755 estava concluido o palacio. As alfaias tinham já vindo do estrangeiro. Vestiu-se o interno do palacete com magnificencia condigna da riqueza exterior. Franquearam-se as portas á admiração publica. As primeiras damas honraram as alcafitas chinezas de D. Pablo, e miraram-se nos altirosos espelhos de Veneza, cosidos a ouro, que pendiam dos tectos sobre tremós cujo feitiço destumbra-va o aureo esplendor, que vestia os torneados. Vasos etruscos, imitados nos alabastros napolitanos, dos angulos das salas captivavam a attenção logo capti-va de mais ricos adornos. Para que mais economias se todo o encarecimento vem curto? Aquillo era um encanto d'olhos e um quebrar corações de invejas.

D. Pablo aceitava os agradecimentos de seus hospedes com uns ares de modestia, ultima dencia que faltava ao esplendor de tantas maravilhas. Oh! as damas até as apostolicas barbas lhe achavam encantadoras. Concertavam-se todas as probabilidades em favor dos que presagiavam o breve matrimoniamen-

to do hespanhol com alguma das mui fidalgas e cobeltas meninas, cujos paes se honravam de hospedar o maduro ricoço.

Deliberou D. Pablo offerecer um banquete de principe aos seus amigos, que já eram numerosissimos, em todas as jerarchias, e marcou o dia primeiro de Novembro nos convites antecipados quinze dias. Contractou os mais famigerados cozinheiros, vestiu de lemiste os criados que deviam servir á mesa, tirou das prateleiras riquissima baixella de prata em competencia de valor com as mais preciosas louças do Japão, compradas aos netos empobrecidos dos antigos viso-réis da Italia.

Desde o romper d'alva do dia primeiro de Novembro, uma chusma de criados, uns encarregados do adorno da longa mesa, outros auxiliares dos inventivos cozinheiros, não tinham mãos a medir. Era um redemoinhar de gente afanosa como em casa dos immortaes glutões da Roma imperatoria, predecessores benemeritos da Roma cardinalicia.

As nove horas e meia da manhã, D. Pablo de Burgos acabava de sahir do leito e apresilhar um farto gibão de sêda, no intento de deitar uma vista de olhos aos preparativos confiados aos servos e escravos. No momento em que transpunha o limiar da ante-camara, sentiu vibrar-lhe a casa debaixo dos pés, e logo um soturno estrondo, o tremer convulso dos moveis, o haquear das estatuas e jarrões de-

pastos sobre os bofetes, o alto clamor dos criados, o estridor de louças partidas, o tropel dos servos que fugiam, e o estampido longo de um como rair de paredes. Era o primeiro empuxão do assolador terramoto d'aquelle dia.

D. Pablo correu desnortado primeiro contra a escada para ganhar a rua; depois, voltou sobre si, impellido por um demonio que lhe disse: « Olha que deixas na tua recamara riquezas que vão ser soterradas, ou roubadas ». Entrou na recamara, e não pôde ter-se em pé, resistindo ao impulso de um alteroso guarda-roupa de pau preto que ao voltar-se lhe roçou n'um hombro. Levantou-se. Abriu muitas gavetas d'um contador, e amontoou n'uma toalha promiscuamente saccoes de ouro e mãos cheias de brilhantes.

Ao sair do quarto, ouvia o gritar afflicto da vizinhança. Chegou a uma janella, e viu, atravez de cerrada nuvem de poeira, o interior das casas vizinhas, aluidas as fronteiras, e os moradores em desesperadas evoluções, com os braços estendidos ao cõo sereno e limpido, como em manhã d'Agosto. Fez pé atraz espavorido, e foi á escada no intenta de a descer. Olha ao fundo do primeiro mainel e vê um lanço de parede fendida, e os tijolos a despegarem-se. A um terceiro tremor mais rijo, fuge subindo para o terraço construido á roda do zimbório. Apenas relancêa os olhos em volta por sobre o cen-

tro da sumptuosa Lisboa, a custo e escassamente lhe deixou a densa poeira dos edificios abalados, descobrir um acervo de ruínas, e aqui e além multidões de fugitivos, uns que serpenteam por entre o entulho buscando a margem do Tejo, outros que retrocedem espavoridos, porque o mar subia levantado em furioso vagalhão atagando a cidade baixa.

D. Pablo, n'aquelle conflicto, raciocinou. Era homem para discutir com a morte até ao fim, se necessário fosse. De si consigo disse elle que a sua casa, construída sobre rijos e fundos alicerces, devia resistir aos solavancos do terramoto mais que as outras meio derrubadas e enfraquecidas pela valência. Alertado pela hypothese judiciosa, desceu do terraço, e com prudente vagar espreitou o estado das paredes. As fendas não eram assustadoras. Foi descendo e chamando os criados: ninguem lhe respondeu. Abriu uma janella do primeiro andar, olhou, e viu alguns acervos de cadaveres meios enterrados nas ruínas, e algumas affictas mães, que procuravam os filhos, em quanto os maridos as empuxavam pelos cabellos, no proposito de salvá-as.

Os abalos, posto que menores, continuavam com breves intervallos. D. Pablo attentava a orelha: já não ouvia o estrupido do desmoronamento. A grande destruição fez-se em sete minutos. O que ressoava formidavelmente era o estridente atarido de milhares de pessoas ás portas dos templos, cojas abo-

badas abateram sobre milhares de devotos, que os enchiam, ouvindo missas, n'aquelle solenne dia funereal de *Todos os Santos*.

D. Pablo raciocinava ainda. Bem que o solido edificio estivesse de pé sobre os profundos cimentos, podia acontecer que ultteriores abalos o derribassem. Determinou sair com algumas preciosidades, e seguir as turbas, que fugiam na direcção de S. Roque para o alto chamado então as *obras do conde de Tarasca*, e, depois da *Cotovia*, e mais tarde a *Patriarcal*. Quiz guardar em si a pedraria e ouro amolecido que ensacava; mas o peso privava-o do movimento. Não tinha criado ou escravo que o ajudasse. Repoz os saccos do ouro nas gavetas do tocador, e metter ás algibeiras as bocetas avelludadas das pedras preciosas, como prevenção para o caso de algum desastre no edificio, em quanto elle ia providenciar a mudança da baixella.

Fechou o portão e sahiu, caminho de Santo Amaro, onde morava o seu particular amigo o embaixador francez. Encontrou-o passado do terror, e cuidando em fugir com as suas bagagens para o Lumiar.

O hespanhol dispunha-se a acompanhal-o, quando correu brado de estar em chamma a cidade baixa. Outra nova igualmente aterradora sobreveio áquelle. Dizia-se que ferozes joidas de ladrões assaltavam e roubavam as casas desertas, e matavam os inquilinos que, no apuro de suas angustias, ainda tinham

de defender as reliquias dos seus haveres. O hespanhol, sem consultar o amigo, correu á rua do Alcazim, e presenciou logo á entrada a luta a puzhal dos ladrões entre si ou contra os mais aferrados defensores das suas ruinas. Este quadro horrífico era um escabujar de demonios entre labaredas e fumareda negra: o inférno devia de ser, na phantasia de setis imaginadores, uma pallida imitação d'aquella atroz realidade. As poucas janellas dos primeiros andares que, para assim dizer, tinham engulido os sobrados superiores, dardejavam linguas de fogo, que se cruzavam com as das janellas fronteiras. A estrepitada rua, atravancada de entulho, de madeiras incendiadas e cadaveres, difficultava o transitio. O hespanhol saltou per sobre brasas e entre chammas. Ao avisinhar-se do seu palacete, viu rolos de fumo negro a romperem das janellas cujos vidros tinham estalado. Atirou-se afflicto contra o portão, e viu-o aberto a machado.

— Estou roubado! — exclamou elle.

Galçou ao terceiro andar. Quando subiu ao primeiro mainel, viu de relance alguns marinheiros que se disputavam o espolio das opulentas salas. No segundo andar, outra horda de marujos e homens andrajosos sobraçavam as taças, bandejas, castiças, faqueiros e mais baixella que os criados, tres horas antes, começavam a dispor na mesa do banquete. Subiu ao terceiro andaime, por onde lavrava inter-

se o incendio, e foi, cegado pelo fumo, até á recamará onde tinha os contadores. Arranceu dos sacos aceleradamente, e correu para uma sala, onde as taboas não tinham ainda chegado. Aqui foram cruelissimas as ancias do homem, cruelissimo o dilemma: Se sabia ás escadas, os ladrões lançariam mão d'elle, e nem vida nem ouro lhe deixariam; se ficava na sala, esperando que os saltadores desalojassem, o incendio já se fazia ouvir com o seu horrífico estalejar de madeiras e desabar de vigamentos. Esta segunda ponta do dilemma traspassava-lhe mais o peito que a outra.

Abriu uma janella e gritou por soccorro.

Quem havia de ouvi-lo, se todos gritavam, e os mais dignos de compaixão, se houvesse allí compedidos, seriam os que gritavam entalados nas soleiras das portas, e esmagados pelas traves fumegantes?

A resolução era urgentissima, que já a sala estava escura de fumo. Lançou-se ás escadas, desceu até ao segundo mainel, por entre os ladrões que se esfaqueavam na disputada posse d'um jarro de ouro. A meio da escada do primeiro andar, sentiu-se agarrado por tres homens que o seguiam a saltos de tigre.

— Deixa vêr o que levas! — disse um, apontando-lhe a navalha á garganta — larga, ou reparte connosco, patife!

— Este é o ricoço! — bradou outro — cá leva o fardel! Larga, se não morres, castelhano! cão danado!

D. Pablo reconheceu um dos tres sicarios, pelo semblante e pela voz; lançou-lhe o braço livre á volta do pescoço com brando geito, e disse-lhe ao ouvido o que quer que fosse.

— Tu! — exclameu o ladrão, com os olhos esbugalhados — pois és tu!... és tu aquelle...

O hespanhol sentiu cahir-lhe o coração, quando viu tão contrario o effeito que elle esperava do segredo posto no ouvido d'aquelle homem.

E o salteador proseguiu:

— Ó diabo! tu não sabes que eu por tua causa fui vergalhado na santa casa, que ainda tenho as costuras nos lombos! Não sabes que me prometteste mundos e fundos se eu jurasse contra o Antonio José da Silva, que tu roubaste, alma de Satanaz, e não repartiste nada commigo! Não sabes, cão, que eu ando ha dezeseis annos sem ter quem me dê uma sêde d'agua, porque ninguem me quer dar que fazer, e todos sabem que eu jurei falso contra o Antonio José, e fiz jurar os guardas que todos andam a pedir ou a roubar?

— Pois eu reparto comvosco, e deixai-me fugir... Ah! tendes tudo... ficai com tudo... e não me mateis!

Duarte Cottinel Franco arremessou aos pés dos

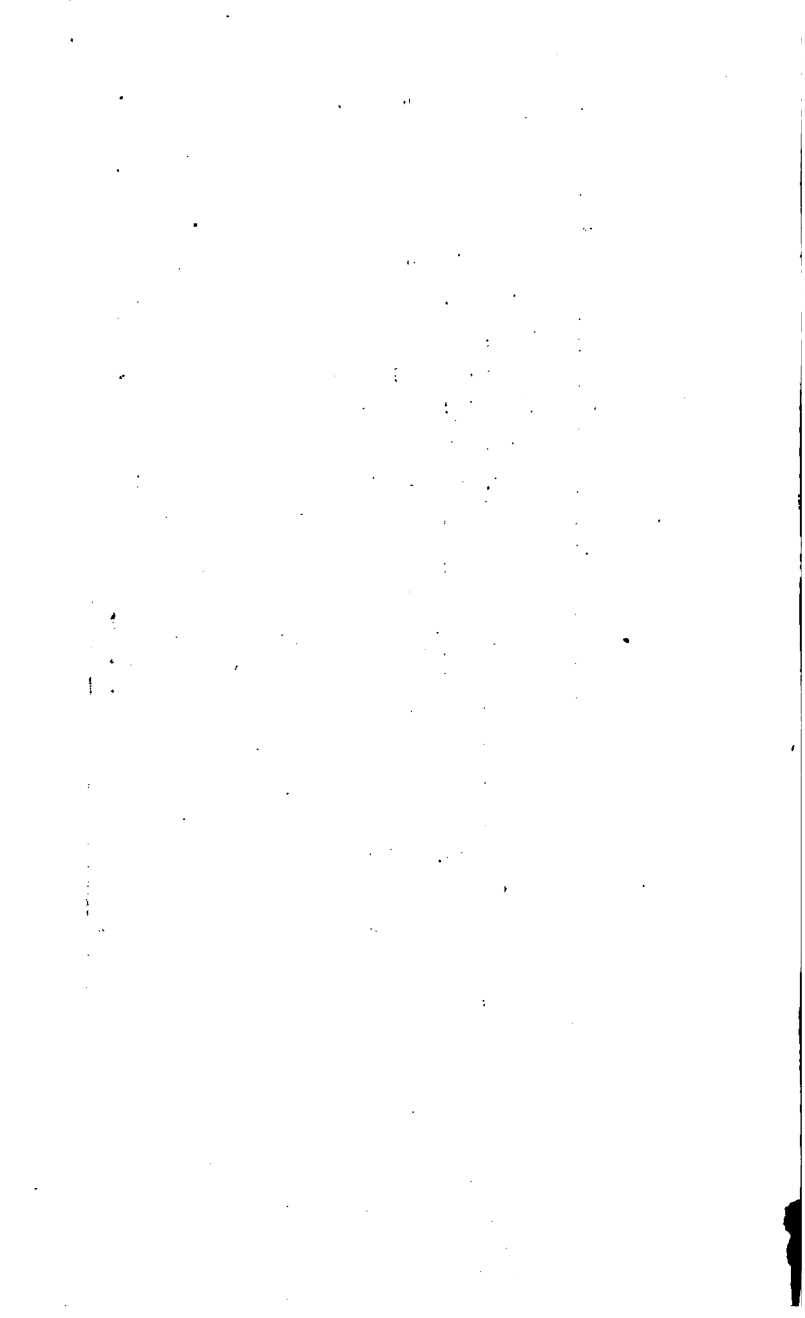
salteadores a tolha em que levava os saccos do ouro, por saber que os brilhantes escondidos nas algibeiras excediam o valor dos saccos. Feito o arremesso, ia fugir; mas o antigo alcaide da inquisição da altura de tres degraus cahiu-lhe sobre as costas com uma faca apontada e com tanta força e impeto que mais não pôde arrancar-lh'a d'entre as costellas retorcidas.

Duarte Cottinel gargarejou um arranco debaixo dos punhaes que lhe cortaram o segundo na garganta.

Á volta d'aquelle cadaver travou-se uma briga de peito a peito, um cortar de ferros e resaltar de sangue que espirrava á face do morto: eram os tres assassinos a defenderem o espolio das presas d'uns que subiam, e d'outros que desciam acossados pelas chamas. Depois, seguiu-se o estampido do travejamento dos tectos e abobadas que se despenhava por entre os solidos e alterosos muros. Uns ladrões premiram-se contra o portão, escoando-se pela brecha que os machados abriram; outros, como descobrissem o cintarão cingindo o cadaver, curavam de arrancar-lh'o e espedaçal-o a golpes de navalha, quando as lages do firmamento do pateo lhes esmagaram os craneos contra os degraus marmoreos da escada. Um d'estes craneos era o do antigo alcaide do santo officio.

Nas excavações feitas nas ruinas do palacete de D. Pablo de Burgos, quatro cadaveres se encontraram tão proximos que pareciam familia muito entre-

amada que n'um abraçado grupo arrancára da vida. Esta hypothese desvaneceu-a a boa critica; porque os mortos, debruçados sobre o cadaver vestido de lemiste, tresandavam o bafio dos seus andrajos. A putrefacção permittia ainda examinar as chagas do pescoço de D. Pablo, que debaixo d'este nome o lastimavam amigos e a boa sociedade de Lisboa. O conde de Oeiras sentia dolorosamente não ter mandado arvorar forcas nas ruas, como duas horas depois mandou para pendurar ladrões onde quer que a justiça os encontrasse. Já se não podia valer á perda de um homem que tanto promettia ás empresas industriosas de Portugal! Em compensação, responsariam-lhe a alma com magnificos funeraes, pagos com pouquissimo do muito e rico espolio que os cavadores desentranharam do entulho. Para a entrega da valiosa herança, pediram-se informações para Hespanha e Antilhas. Ninguem sahio aos reclames como herdeiro de D. Pablo de Burgos. Todavia, se, por um eventual acaso, se descobrisse que o assassinado era um Duarte Cottinel Franco, scelerado ladrão, cujo nome era em Lisboa ainda o proverbio da suprema perversidade humana, a mim me quer parecer que os herdeiros se haviam de acotoyellar em volta d'aquelle cadaver, provando a primazia no grau do parentesco.



EPILOGO

Volvidos vinte annos, o leão de S. Domingos já recebia resignadamente as ferroadas dos insectos. As fogueiras do santo officio, como se disse, tinham sido apagadas, desde 1761, com o sangue do padre Malagrida. A estatua de Francisco Xavier de Oliveira foi o ultimo personagem de gesso e papelão que figurou irrisoriamente de par com as agonias d'um homem queimado em vida.

Alguns hebreus voltaram á patria de seus paes, não a pedirem os bens confiscados, mas a beijarem a terra que era a cinza de seus avós.

Em 1775, algumas familias, refugiadas na Hollanda, aportavam a Portugal. Entre estas, a mais numerosa era a dos Sás, repartida n'outras, que se restabeleceram em diversos pontos do paiz.

Um neto de Simão de Sá, com uma senhora seixagenaria, que era sua sogra, e outra senhora de quarenta annos, que era sua esposa, e uma roda de mancebos e meninas que eram seus filhos, foram procurar os descendentes de Diogo de Barros á rua da Magdalena. Encontraram uma casa de cinco andares no local onde a mais velha d'aquellas senhoras, D. Leonor Maria de Carvalho, asseverava que tinha existido um palacete de quinze janellas n'um andar unico. Pediram informações explicativas ás pessoas antigas do local. Breves e tristes lhe foram da-

das. A maior parte da familia Barros tinha morrido nas ruinas da sua casa por occasião do terramoto de 1755. Dous netos de Diogo de Barros que, no dia da grande desgraça, andavam caçando no Alemtejo com o duque d'Aveiro, tinham desaparecido em 1757, e era publica voz que o marquez de Pombal os fizera morrer nas masmorras da Junqueira.

D. Leonor, lavada em lagrimas, disse á filha :

— Vês, Lourença?... morreu tudo... tudo, meu Deus!... Porque me conserva n'este mundo a Divina vontade?

— Para fazer a felicidade de sua filha. . .

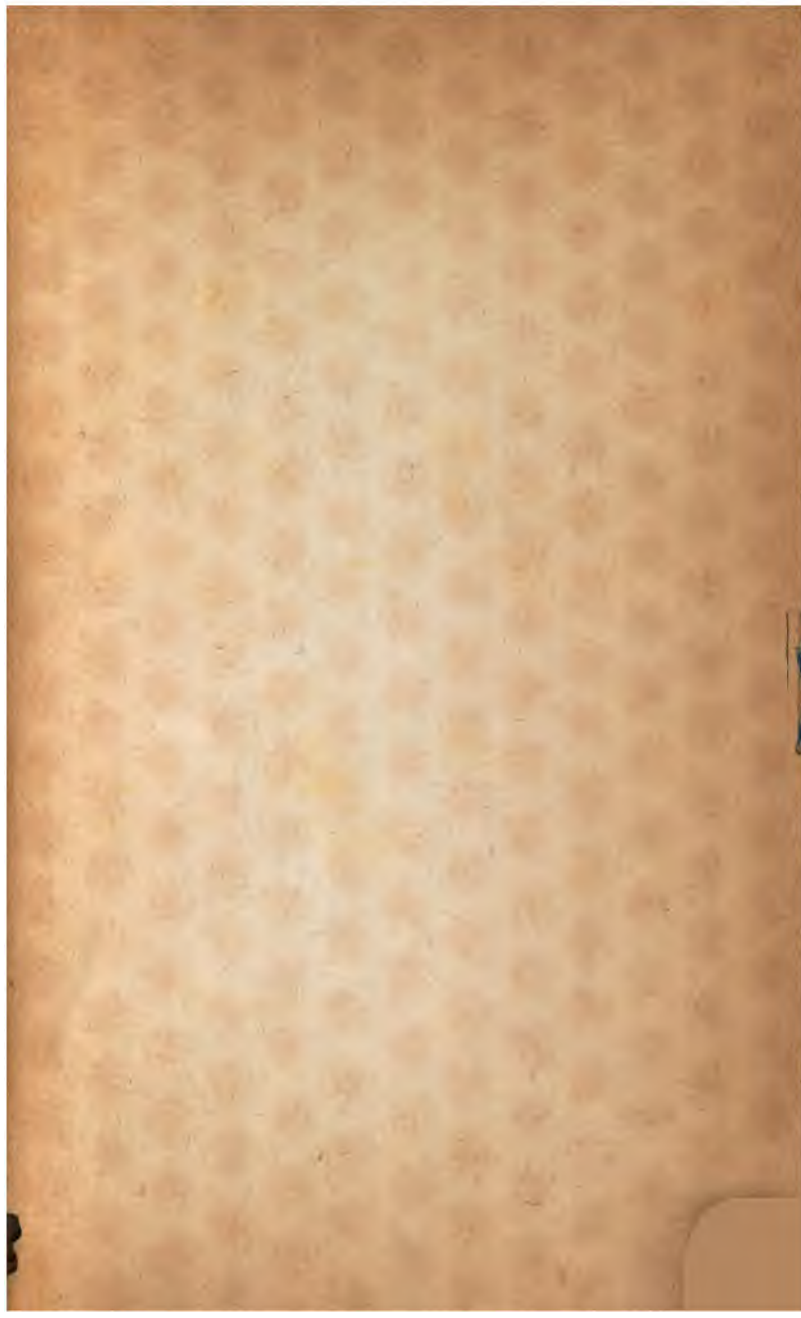
— E dos seus netos. . . — ajuntaram duas meninas, que se abraçaram na viuva de Antonio José da Silva.

A divina vontade não a quiz muitos mais annos conceder ao amor de filha e netos.

Leonor morreu aos sessenta e seis annos, na terra onde nascera, na Covilhã, local unico em que o terramoto lhe deixou algumas vivas memorias da sua infancia.

Lourença ainda vivia no principio d'este seculo. Os netos de Antonio José da Silva abrem hoje, por ventura os livros denominados OPERAS DO JUDEU, e não sabem que são de seu avô, o mais desventurado e talentoso homem que a religião de S. Domingos matou em Portugal.

FIM







3 2044 050 630

THE BORROWER WILL BE CHARGED
THE COST OF OVERDUE NOTIFICATION
IF THIS BOOK IS NOT RETURNED TO
THE LIBRARY ON OR BEFORE THE LAST
DATE STAMPED BELOW.

~~STALL-STUDY
CHARGE~~

